

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA  
EDUCAÇÃO**

**OS ESTUDOS CLÁSSICOS DA ANTIGUIDADE COM A LITERATURA  
INFANTO-JUVENIL: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO EM  
MONTEIRO LOBATO (1930-1940)**

**NAYARA TELES ANTUNES**

**MARINGÁ  
2024**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MARINGÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO  
LINHA DE PESQUISA: HISTÓRIA E HISTORIOGRAFIA DA EDUCAÇÃO**

**OS ESTUDOS CLÁSSICOS DA ANTIGUIDADE COM A LITERATURA INFANTO-  
JUVENIL: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO EM MONTEIRO LOBATO (1930-  
1940)**

Dissertação apresentada por NAYARA TELES ANTUNES, ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá, como um dos requisitos para a obtenção do título de Mestra em Educação.  
Linha de Pesquisa: História e Historiografia da Educação.

Orientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> MARIA CRISTINA GOMES  
MACHADO

Coorientadora:  
Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup>: LAIS PACIFICO MARTINELI

MARINGÁ  
2024

NAYARA TELES ANTUNES

**OS ESTUDOS CLÁSSICOS DA ANTIGUIDADE COM A LITERATURA INFANTO-  
JUVENIL: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO EM MONTEIRO LOBATO (1930-  
1940)**

**BANCA EXAMINADORA**

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Gomes Machado (Orientadora) – UEM

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Laís Pacifico Martineli (Coorientadora) - UEM

Prof. Dr. Jonathas de Paula Chaguri – UPE – Pernambuco

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ligiane Aparecida da Silva – UFMS – Mato Grosso do Sul

Maringá-PR, 26 de junho de 2023

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)  
(Biblioteca Central - UEM, Maringá - PR, Brasil)

A636e

Antunes, Nayara Teles

Os estudos clássicos da antiguidade com a literatura infanto-juvenil : um estudo historiográfico em Monteiro Lobato (1930-1940) / Nayara Teles Antunes. -- Maringá, PR, 2024.

112 f. : il. color., figs., tabs.

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cristina Gomes Machado.

Coorientadora: Profa. Dra. Laís Pacifico Martineli.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Departamento de História, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2024.

1. Educação. 2. Lobato, Monteiro, 1882-1948. 3. Literatura infantojuvenil - Brasil. 4. Clássicos. I. Machado, Maria Cristina Gomes, orient. II. Martineli, Laís Pacifico, coorient. III. Universidade Estadual de Maringá. Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Departamento de História. Programa de Pós-Graduação em Educação. IV. Título.

CDD 23.ed. 372.4

Dedico este trabalho a Deus pelo privilégio de ser fortalecida por seu imenso amor em cada etapa de desenvolvimento acadêmico.

E ao meu amado Bob (*in memoriam*), que enquanto meu coração bater jamais será esquecido.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus que em sua infinita bondade plantou um sonho em meu coração e permitiu que fosse realizado e, assim, desde a minha entrada no Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE), e principalmente, a permanência no Mestrado em Educação guiou-me com um escudo protetor a fim de que não viesse a desistir perante as dificuldades encontradas pelo caminho, sendo meu fortalecedor para prover que todo propósito debaixo dos céus por Ele enviado são planos perfeitos.

Ao meu pequeno, querido e bom entendedor Bob. Sua lembrança vai eternizar cada passo da minha vida, pois sempre foi aquela companhia a me resgatar de toda negatividade e, neste momento, fez-se revigorar presente em meu coração, para mostrar, preencher a falta de sua sublime e incomparável amizade, a mais linda de todos os tempos. Seu amor por mim transbordou sob as páginas deste trabalho. Portanto, a ele, devo minha energia inspiradora permanente. Diante disso, sei como gostaria que eu estivesse bem, feliz e realizada. Por essa razão, declaro minha singela gratidão por um dia ter sido minha dose de carinho imediato, leve, recíproco, sem nada a esperar em troca e por me visitar agora nos mais doces sonhos.

Aos meus pais, Constantino Eleutério Antunes e Antonia Teles Antunes pelo encorajamento e perseverança concedidos em dias de cansaço, sono, aflições, abraçando-me com total amor, estímulo, compreensão, vindo a serem sempre meu porto seguro sem igual.

Ao meu noivo Vagner, por seu jeito bondoso me faz a cada dia entender os propósitos de Deus. Conhecê-lo, nesse processo de construção acadêmica e ao mesmo tempo de renovação pessoal, permitiu ainda mais impulsionar a conquista desse futuro sonho com todo carinho e compreensão. Além disso, ele me faz lembrar a todo momento dos meus e dos nossos ideais.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPE) da Universidade de Maringá (UEM) pela oportunidade de realizar um sonho enquanto pesquisadora e profissional da Educação. A secretaria e demais funcionários pela disponibilidade no atendimento aos alunos, sendo de valorosa contribuição ao sanar dúvidas e informações acerca do percurso acadêmico.

À professora Doutora Maria Cristina Gomes Machado pela zelosa orientação, que com todo amor e dedicação se dispôs a encontrar uma temática que não se distanciasse das minhas pesquisas pela Antiguidade, nas quais obtenho caloroso apreço, me acolhendo com total compreensão e afetividade nesta caminhada acadêmica. E, afinal, por abrilhantar com orientação a novos horizontes cada indagação a ser solucionada, enraizando o incentivo de um trabalho que renove as perspectivas da modernidade. Essa pesquisa, sob sua orientação, torna-se um elo de descobertas de ambos períodos para a contribuição do mundo antigo e contemporâneo.

A professora e coorientadora Doutora Laís Pacifico Martineli que foi de suma relevância para a escolha da temática e desenvolvimento da pesquisa. Clareou predominantemente o meu entendimento com relação ao assunto abordado nesta pesquisa, propondo argumentos e abordagens que se traduzem por inúmeras motivações.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa em História da Educação, Intelectuais e Instituições Escolares (GEPHEIINSE) pelas oportunidades de contribuir nas discussões de trabalhos com temáticas modernas, partilhando a todo tempo, conhecimento, experiências e direcionamento em nossas reuniões acadêmicas que foram de valia para pertinentes resultados.

À professora Roseli pelas orações, direção, atenção e encorajamento nos momentos mais difíceis da vida pessoal e no decorrer no desenvolvimento da pesquisa com suas sábias palavras.

À professora Dayane. um presente dos céus em minha vida, pessoa abençoada, verdadeira luz no meu caminho que me despertou a conhecer e a investir na carreira acadêmica, assim, desde a graduação, pôs-se a enxergar em mim, um potencial que não acreditava existir.

A minha diretora, Miriam, obteve papel fundamental para a concretização deste sonho. Com um coração gigante, bondoso, amigo, realista, e humano, tornou meus dias mais esperançosos. Essa mulher vale ouro! Estou muito grata por tê-la em minha vida profissional e pessoal.

À minha amiga Nanci, companheira profissional que ganhei para a vida pessoal que não mediu esforços para trocarmos aflições, alegria e aprendizagem. Dona de uma sabedoria motivadora, com personalidade cativante, guerreira e alto potencial de interação social e afetividade, nossos pensamentos combinaram logo de princípio, com ela o raciocínio mais teórico em nossas conversas se torna mais divertido, reflexivo e sobretudo iluminado.

As minhas colegas de trabalho, professora Maria de Fátima e professora Vanilda, que souberam entender minha ausência em certos momentos, minhas parceiras, valiosas, se prontificaram a estar sempre na torcida por mim, não mediram esforços para me ajudarem a tornar a caminhada menos árdua. Juntas superamos momentos tristes, choros, desesperos, nervosismo, mas sempre com esperança e positividade, me abraçaram, me acolheram choraram comigo nos bons e inseguros momentos desse percurso acadêmico.

A professora Maria Miduri que tive o privilégio de conhecê-la na graduação e agora somos colegas de trabalho, mas para sempre será minha professora! Com quem aprendi que nós somos os próprios responsáveis pela concretização dos nossos sonhos. Exemplo de mulher guerreira, inteligente, centrada, amiga. Suas palavras sempre me motivaram desde a nossa primeira avaliação. Me fez sentir capaz, dedicada e segura de um ideal, potencializou em mim o sonho de futuramente realizar o mestrado.

A professora Helena (*in memoriam*) pelos sábios conselhos, afeto, carinho, pelo orgulho com que tinha suas alunas como filhas. Ah, que saudade tremenda! Como faz falta suas palavras amáveis de conforto, impulso e esperança. Modelou minha escrita com cautela na graduação com um jeito todo especial, para que a revelasse menos complexa, complicada, sem rodeios. Plantou em mim a sementinha da aprendizagem à ela, portanto, resplandece nesta pesquisa frutos de dedicação e paixão quando coloco em prática a arte de escrever.

A banca avaliadora de qualificação e defesa formada pela professora, Dr.<sup>a</sup>. Maria Cristina Gomes Machado como orientadora, a professora Dr.<sup>a</sup>. Laís Pacifico Martineli como coorientadora, a professora Dr.<sup>a</sup> Ligiane Aparecida da Silva como examinadora da UEM, ao professor Dr. Jonathas de Paula Chaguri como examinador externo e a

professora Dra. Raquel Quadros dos Santos como suplente da UEM que contribuíram com excelentes exposições e apontamentos que fizeram enriquecer o desenvolvimento da pesquisa acadêmica e o direcionamento nas considerações finais. Os questionamentos por eles levantados, desencadearam a pensar em novos estudos e temáticas posteriores como continuidade do ramo acadêmico.

E para todo o sempre...

A Deus, o maior exemplo de glória, majestade e perfeição! Por acalentar todas as aflições minha incansável gratidão! Sem a graça e o amor divino nada disso seria possível.

*O coração do homem pode fazer planos, mas a resposta certa dos lábios vem do Senhor. O sábio de coração é chamado prudente, e a doçura no falar aumenta o saber.*

Provérbios 16:1; 21

ANTUNES, Nayara Teles. **OS ESTUDOS CLÁSSICOS DA ANTIGUIDADE COM A LITERATURA INFANTO-JUVENIL: UM ESTUDO HISTORIOGRÁFICO EM MONTEIRO LOBATO (1930-1940)**. 112f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Maria Cristina Gomes Machado. Maringá, 2024.

## RESUMO

A pesquisa intitulada “Os Estudos Clássicos da Antiguidade com a Literatura Infanto-Juvenil: um estudo historiográfico em Monteiro Lobato (1930 e 1940)” apresenta como objetivo estudar os clássicos da Antiguidade para a formação das crianças brasileiras na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato nas décadas de 1930 a 1940. Desse modo, há problemática que configura este trabalho, centra-se na seguinte questão: como os clássicos da Antiguidade presentes na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato contribuem para a formação das crianças brasileiras entre as décadas de 1930-1940? A pesquisa é de caráter bibliográfica e documental com base no materialismo histórico-dialético. Este trabalho se debruça na intencionalidade de Monteiro Lobato ao enaltecer e pensar os clássicos em um tipo de formação humana integrada, capaz de suprir às exigências da Modernidade. Por este motivo, Monteiro Lobato atende às questões sociais, políticas e econômicas pertinentes ao seu contexto histórico. Em decorrência aos objetivos propostos, estudamos a contextualização histórica entre a Antiguidade e a Modernidade a partir das questões políticas, sociais e econômicas. Além disso, há de considerar as transições que integram o ideal de homem, conforme cada período histórico, compreendendo, portanto, a educação moderna em plena década de 1930 e 1940. As intenções de Monteiro Lobato no trabalho com os clássicos é uma análise da arte de saber internalizar em um mundo infantil, as possíveis reinvenções dos pensamentos educativos frente a formação integral. Como resultado final, este trabalho observou que os conteúdos escolares presentes nas obras clássicas intencionadas às crianças possibilitaram a Monteiro Lobato atingir uma potencialidade, além do lúdico, para alcançar o desenvolvimento cognitivo e emocional do sujeito em construção.

**Palavras-chave:** Educação; Monteiro Lobato; Literatura Infanto-Juvenil; Clássicos.

ANTUNES, Nayara Teles. **CLASSIC STUDIES OF ANTIQUITY WITH CHILDREN'S AND YOUTH LITERATURE: A HISTORIOGRAPHIC STUDY IN MONTEIRO LOBATO (1930-1940)**. 112p. Dissertation (Master in Education) – State University of Maringá. Advisor: Prof. Dr. Maria Cristina Gomes Machado. Maringá, 2024.

## ABSTRACT

The research entitled “The Classical Studies of Antiquity with Children's Literature: a historiographical study in Monteiro Lobato (1930 and 1940)” aims to study the classics of Antiquity for the formation of Brazilian children in the children's work of Monteiro Lobato in the decades from 1930 to 1940. Thus, there is a problem that configures this work, it focuses on the following question: how Did the ancient classics present in Monteiro Lobato's children's work contribute to the formation of Brazilian children between the 1930s and 1940s? The research is of a bibliographic and documentary nature based on historical-dialectical materialism. This work focuses on Monteiro Lobato's intentionality in praising and thinking about the classics in a type of integrated human formation, capable of meeting the demands of Modernity. For this reason, Monteiro Lobato addresses social, political and economic issues pertinent to its historical context. As a result of the proposed objectives, we study the historical contextualization between Antiquity and Modernity based on political, social and economic issues. Furthermore, it is necessary to consider the transitions that integrate the ideal of man, according to each historical period, therefore including modern education in the 1930s and 1940s. Monteiro Lobato's intentions in working with the classics are an analysis of the art of knowing how to internalize, in a child's world, the possible reinventions of educational thoughts in the face of comprehensive training. As a final result, this work observed that the school content present in classic works intended for children enabled Monteiro Lobato to achieve potential, beyond play, to achieve the cognitive and emotional development of the subject under construction.

**Key words:** Education; Monteiro Lobato; Children's and Adolescents Literature; Classic Works.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 01:</b> Imagem do livro Os Doze Trabalhos de Hércules – Vol I.....	30
<b>Figura 02:</b> Imagem do livro Os Doze Trabalhos de Hércules – Vol II.....	31
<b>Figura 03:</b> Imagem do centauro retirado do livro “Os Doze Trabalhos de Hércules.....	33
<b>Figura 04:</b> Imagem do livro O Minotauro .....	52
<b>Figura 05:</b> Imagens do livro A Barca de Gleyre.....	65

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO</b> .....	<b>14</b>
<b>2. A IMPORTÂNCIA DOS CONTEÚDOS HISTÓRICOS PARA LOBATO</b> .....	<b>25</b>
2.1. DESCRIÇÃO DAS OBRAS INFANTIS: CONTEXTO, ESTRUTURA E APONTAMENTOS .....	26
2.1.1. “O Leão da Nemeia” .....	31
2.1.2. “A Hidra de Lerna” .....	33
2.1.3. “A Corça de Pés de Bronze” .....	35
2.1.4. “O Javali de Erimanto” .....	36
2.1.5. “As Cavalariças de Áugias” .....	37
2.1.6. “As Aves do Lago Estinfale” .....	38
2.1.7. “O Touro de Creta” .....	39
2.1.8. “Os cavalos de Diomedes .....	40
2.1.9. “O Cinto de Hipólita” .....	42
2.1.10. “Os bois de Gerião” .....	43
2.1.11. “O Pomo das Hespérides” .....	44
2.1.12. “Hércules e Cérbero” .....	48
2.1.13. “O Minotauro” .....	50
2.2. A IDENTIDADE NAS OBRAS: CONHECENDO O AUTOR .....	61
<b>3. A EDUCAÇÃO PARA LOBATO NA PERSPECTIVA DAS OBRAS</b> .....	<b>73</b>
3.1. DE EDUCAÇÃO HEROICA A EDUCAÇÃO MODERNA .....	73
3.2. A SABEDORIA DOS TEMPOS MODERNOS .....	76
<b>4. PROPOSIÇÕES DE LOBATO ACERCA DA CULTURA GREGA CLÁSSICA</b> ....	<b>83</b>
4.1. EXALTAÇÕES LOBATIANAS À GRÉCIA NA LITERATURA INFANTIL .....	83
4.2. O ELO ENTRE A ANTIGUIDADE E A CONTEMPORANEIDADE .....	90
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>103</b>
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	<b>110</b>

## 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada: Os estudos clássicos da Antiguidade com a literatura infanto-juvenil: um estudo historiográfico em Monteiro Lobato (1930 a 1940) pretende como objetivo geral estudar os clássicos da Antiguidade para a formação das crianças brasileiras na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato nas décadas de 1930 a 1940. O estudo foi desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Estadual de Maringá (PPE/UEM) com seguimento na linha de pesquisa em História e Historiografia da Educação e norteado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas História da Educação, Intelectuais e Instituições Escolares (GEPHEINSE).

Sobre a orientadora, Maria Cristina Gomes Machado é Doutora em Filosofia e História da Educação, atua na área da educação com ênfase em Fundamentos da Educação. É Professora Titular da Universidade Estadual de Maringá - UEM desde 1990. Participa como líder no Grupo de Pesquisas e Estudos História da Educação, Intelectuais e Instituições Escolares - GEPHEINSE, cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq; participa desde 1995 do Grupo de Estudos Sociedade, História e Educação no Brasil (HISTEDBR). Atua nas seguintes áreas: Educação, História da Educação, Intelectuais, Instituições Escolares, Fontes e Fundamentos, Educação Pública, Imprensa, entre outras. (CURRÍCULO LATTES DA CNPq, 2023).

O estudo tratou como objetivos específicos:

- refletir sobre as possibilidades de acesso ao conhecimento da mitologia grega, resgatada na Contemporaneidade por Monteiro Lobato a fim de memorizá-la como um instrumento humanizador de ensino e aprendizagem;
- identificar as personagens como auto reflexo da criança e uma forma de expressão dos pensamentos contemporâneos;
- retratar a identidade da educação brasileira, buscando a formação integrada da criança ao desenvolvimento emocional e cognitivo.

Diante disso, observa-se que Lobato utilizou elementos da cultura brasileira, elencando o respeito à singularidade da criança, trazendo em suas obras a criticidade com relação à realidade, num misto de associações, compreendendo uma literatura notória pelo uso do maravilhoso. E no intermédio da imaginação apresenta crianças autênticas, com senso crítico, questionadoras, pois objetivava a diversão e o educar para a autonomia, incorporando o mundo mágico ao mundo natural.

Para tanto, este trabalho apresenta a seguinte indagação: Como os clássicos da Antiguidade presentes na obra infanto-juvenil de Monteiro Lobato contribuíram para a formação das crianças brasileiras entre as décadas de 1930-1940? A partir desta problemática, debruçamos em atender as inquietações quanto à temática abordada.

Como procedimento metodológico a ser adotado, este estudo se fundamenta na pesquisa bibliográfica e documental com embasamento no materialismo histórico-dialético. De acordo com Gil (2002), para especificar o entendimento sobre as fontes “as pesquisas sobre ideologias, bem como, aquelas que se propõem à análise das diversas posições acerca de um problema, também costumam ser desenvolvidas quase exclusivamente mediante fontes bibliográficas” (GIL, 2002, p. 44). As etapas realizadas no decorrer do trabalho foram análise de livros e artigos científicos para a compreensão do contexto histórico e interpretativo do objeto de estudo, bem como, uma leitura crítica e sistemática do tema escolhido. Para o desenvolvimento da pesquisa, foram utilizados autores comentadores, clássicos e contemporâneos, conforme descrito no quadro a seguir.

**Quadro 01: Dos autores clássicos e contemporâneos**

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Natureza</b>
Anísio Teixeira	Ciência e humanismo	1955	Revista Científica
Monteiro Lobato	A Barca de Gleyre	1959	Livro
Boris Fausto	A Revolução de 1930: História e Historiografia	1970	Livro
Anísio Teixeira	Pequena introdução à Filosofia da Educação: A Escola Progressiva ou a transformação da escola	1971	Revista Científica
Henri Irénée Marrou	História da educação na antiguidade	1973	Livro

Lourenço Filho	Introdução ao Estudo da Escola Nova	1978	Livro
Maria Cristina Gomes Machado	Reinações de um escritor: Monteiro Lobato	1993	Dissertação
Jean – Jacques Rousseau	Emílio ou da Educação	1995	Livro
Werner Jaeger	Paideia: A formação do homem grego.	2003	Livro
Lizia Helena Nagel	Dançando com os textos gregos: a intimidade da literatura com a educação	2006	Livro
Ítalo Calvino	Por que ler os clássicos	2007	Livro
Marisa Lajolo e Regina Zilberman	Literatura Infantil Brasileira	2007	Livro
José Joaquim Pereira Melo e Terezinha Oliveira	Pesquisas em Antiguidade e Idade Média	2010	Livro
Terezinha Oliveira	A piedade e o respeito em Tomás de Aquino: virtudes para a vida cidadina do século XIII	2010	Livro
Homero	Odisseia	2011	Livro
Demerval Saviani	História das Ideias Pedagógicas	2013	Livro
Laís Pacifico Martineli	Monteiro Lobato e a educação: da crítica à	2014	Dissertação

	produção de uma nova literatura infantil brasileira		
Monteiro Lobato	Os Doze Trabalhos de Hércules vol. 2	2017	Livro
Monteiro Lobato	Os Doze Trabalhos de Hércules vol. 1	2018	Livro
Monteiro Lobato	O Minotauro	2020	Livro

**Fonte:** Elaborado pela autora (Nayara, 2024).

A bibliografia escolhida foi analisada com base em uma teoria da história que permitiu compreender o contexto histórico analisado. Na exposição da teoria da história, Marx (2001), em sua obra *A Ideologia Alemã*, na qual investiga a defesa sobre o materialismo histórico dialético, apresenta o método, ressaltando que toda ciência necessita ser estudada por meio da história envolvida com a economia e a indústria. Para Marx (2001), a história é a luta de classes, em especial, entre duas classes sociais: burguesia e proletariado, movidas por interesses e necessidades determinantes, pregadas pelo capitalismo. Com enfoque economista, a abordagem marxista enfatiza a organização da economia de cada período, por meio da apresentação dos modos de produção vigentes.

Pontua-se que as relações opositoras e a divisão de trabalho estão subordinadas à propriedade privada, a luta de classes constitui o modo de produção dominante. Entretanto, “[...] o proletariado era a única classe capaz de se libertar da ilusão ideológica em geral e alcançar a visão objetiva correta da história humana e da sociedade existente” (MARX, 2001, p. 23).

O modo de produção capitalista detém o poder, sob o modo de produção camponês e, na perspectiva de compreender o conceito de sociedade, seu regimento torna-se primordial para assimilar o embate entre as classes sociais. Neste aspecto, há de se considerar a perspectiva de romper com o pensamento alienador integrado à antiga ideologia hegeliana com uma nova visão de mundo, apontando, assim, para a transformação social. O sentido da história não está associado à amplitude acerca

da universalidade de todos os seres vivos, mas, no conceito acerca da história da humanidade.

Segundo Marx (2001, p. 25), “para que os homens consigam fazer história, é absolutamente necessário, em primeiro lugar, que se encontrem em condições de poder viver [...]”. O homem constrói relações a partir de sua existência e o estudo do processo histórico exige enfatizar as facetas econômicas e políticas de uma sociedade e o modo como os sujeitos, inseridos nesse meio social, se relacionam em determinados períodos e contextos. Neste processo de vivência e desenvolvimento humano “a satisfação das necessidades elementares cria necessidades novas e a criação de necessidades novas constitui o primeiro ato da história” (MARX, 2001, p. 25).

Conceitua-se que o termo **modo de produção** é formado pelas forças produtivas e relações de trabalho. A primeira colocação corresponde aos meios de produção e as forças de trabalho. Por outro lado, a segunda, condiz sobre as relações sociais humanas inseridas no processo de produção. Entende-se, então, que as relações de produção designam os modos de produção, sendo elas: relações estabelecidas em âmbito social no processo produtivo que se restringem a relações de trabalho e distribuição.

A dialética marxista propõe uma crítica revolucionária na concepção de estudar como os homens se organizam para produzir a vida, sendo relevante considerar avanços e retrocessos. Assim, aborda as possibilidades e necessidades em uma realidade vivenciada em seus aspectos social, cultural, político e econômico, isto é, com a categoria da totalidade. Conforme Marx (2001), é necessário analisar e interpretar os processos de transformação das relações entre os homens e dos homens com a natureza por meio dos tempos. De um certo modo, refletir o impacto da atuação histórica do homem sobre a natureza, é ao mesmo tempo, se preocupar em habilitá-lo para registrar os espaços e suas alterações.

A pesquisa, portanto, se realiza com base na análise das relações humanas como manifestação concreta de relações sociais. Desse modo, entende-se que a prática social determina a consciência dos homens. De acordo com Gasparin e Petenucci (2014), é necessário compreender os fundamentos preconizados por Karl Marx, sendo eles: “a interpretação da realidade; a visão de mundo; a práxis; a materialidade e a concreticidade” (GASPARIN; PETENUCCI, 2014, p. 5).

Em consonância ao que foi citado, a análise deste estudo apresenta como justificativa uma explicação de cunho pessoal e profissional, resultado do apreço adquirido durante a graduação em Pedagogia. Nesse período, tornou-se florescida a sementinha plantada desde a infância por significativos professores. E, nesse instante, despertou-se o renascimento da paixão pelas histórias antigas juntamente com base nas inquietações surgidas enquanto docente na educação básica e acadêmica do Mestrado em Educação sobre o despertar da literatura em Monteiro Lobato, seu trabalho, vida e obra. Para tanto, debruçou-se na localização e análise das fontes para a elaboração da pesquisa a fim de descrever os clássicos, permitindo originar proximidade com o autor, analisando os pensamentos lobatianos como tal importância na formação humana da criança.

O presente trabalho tem como referências de leitura obras como: Lobato *A Barca de Gleyre* (LOBATO, 1959); *Os Doze Trabalhos de Hércules* (LOBATO, 2017; 2018); *História do Mundo para as Crianças* (LOBATO, 2020); e fundamenta-se em autores como Fausto (1970); Machado (1993); Lemme (2004; 2005); Calvino (2007); Lajolo (2007); Azevedo (2010); Gasparin (2010); Homero (2011); Carvalho (2012); Saviani (2013); Martinelli (2014), que poderão ser considerados revisão da literatura para este estudo além de fomentar sobre os anseios da política e da educação no Brasil.

Para compreender a concepção formativa do homem moderno, faz-se necessário assimilar os embates sociais, políticas e econômicas decorrentes a este momento e as preocupações quanto ao envolvimento destas questões sociais no processo educacional. Por isso, torna-se necessário a análise das transformações sociais e históricas no período da trajetória político-eleitoral da formação da Aliança Liberal e do movimento revolucionário de 1929, bem como, a crise econômica estabelecida no apogeu da economia cafeeira, fatos que marcaram a época em discussão.

Além disso, há de considerar a preocupação voltada à valorização do “saber” quando o assunto se trata de instituição, alfabetização, atenção à escassez de materiais de leituras destinados às crianças. Em seguimento da argumentação, torna-se relevante relacionar a busca pela implantação de um sistema público de ensino com ideais republicanos e a partir da leitura de livros adequados aos moldes evidenciados para formar cidadãos patriotas e nacionalistas. Para tanto, lançamos

mãos dos livros que antecederam Lobato, sua visão sobre eles, e a sua perspectiva de inovação com novos conteúdos literários embasado no pensamento escolanovista, como esboça Martinelli (2013).

No percurso entre a Antiguidade e a Modernidade, além da presença da mitologia nos clássicos, este estudo possibilita mostrar as relações que situam os acontecimentos sociais, políticos, históricos e culturais no que tange às perspectivas de reconstrução nacional e modernização do ensino no país. Surge assim, em 1932, um movimento renovador denominado Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova destacado pela luta incessante em prol de um ensino de qualidade, fazendo parte um grupo de intelectuais na busca de reivindicações e melhorias para o Estado educacional em meio à crise a qual a sociedade enfrentava.

Para Lemme (2004), o Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova é uma trajetória destacada pelo movimento de 1932 e, posteriormente, com o Manifesto dos Educadores: mais uma vez convocados em 1959. Nesse aspecto, pretende-se analisar sobre a discussão do percurso dos intelectuais que deixaram um legado histórico ao lutar por melhorias intensas para a educação nacional. Parte-se do pressuposto, abordar as implicações de um movimento renovador, que possibilitou dar a voz e representatividade ao povo brasileiro explicitado na atuação desses educadores.

Dentre os fatos históricos que envolveram os acontecimentos de luta desse movimento revolucionário, compreende-se que esse período de busca pela unificação dos sistemas de ensino, é um período de agitação política, desestruturas sociais permeadas por dilemas para reverter a precariedade habitual, trazer benefícios, unidade e organização a menção educativa (CARVALHO, 2012).

Nas reflexões deste estudo, tratou-se de analisar a relevância de um documento histórico responsável pela definição da modernização e política nacional da educação, do ensino e da cultura do Brasil. Com isso, requisitou de integrantes apoiadores desse movimento de renovação, entre educadores, cientistas e intelectuais estão os nomes de vinte e cinco signatários, encarregados de propor novas diretrizes para a educação nacional. Para esse trabalho destaca-se: Anísio Teixeira (1900-1971); Fernando de Azevedo (1894-1974); Lourenço Filho (1897-1970); Paschoal Lemme (1904-1997) que caracterizaram medidas qualitativas a fim

de superar a obscuridade e desconhecimento da situação alarmante, crítica no qual se manifesta na política, economia e formação humana.

Na concepção das questões gregas voltadas ao processo educativo, busca-se a problematização por meio das virtudes presentes na personagem central o conceito que revele o modelo de formação da Idade Antiga. “Dentro desta perspectiva, visualizar-se-á a educação grega não como uma educação possível e apenas inserida em uma instituição, mas sim, como aquela que se desenvolve nas relações interpessoais de cada indivíduo” (MURARI; AMARAL; PEREIRA MELO, 2009, p. 02).

Corroborando com a obra de Lobato (2017), sobre as concepções da mitologia, ao revisitar o passado pelo senso de justiça, o acerto de contas era algo inevitável, o homem deveria guerrilhar a todo custo para o cumprimento da palavra empenhada. “Nos tempos modernos havia a ‘justiça organizada’, mas ali a justiça eram os heróis” (LOBATO, 2017, p. 148 – grifos do autor).

Pedrinho assombrou-se com a facilidade com que na Grécia os heróis mandavam gente para o outro mundo. Roubar, matar – tudo coisas naturalíssimas. Hércules matou aquele filho de rei e lá prosseguiu na viagem como se não houvesse havido coisa nenhuma. E nada de polícia, inquérito, processo, júri, promotor, juiz, sentença, cadeia. Tudo muito rápido e expedito (LOBATO, 2017, p. 148).

Para garantir a manutenção da ordem social, o guerreiro lutaria até a morte sem quaisquer contestações, na proposição de assegurar a própria honra ou de seus antepassados. Essa escolha simboliza para Jaeger (2003), a *areté*, o sentido de uma formação humana perfeita associada à força e ao valor heroico, somente pelo equilíbrio do corpo e do espírito se alcançaria a perfeição, ainda sim, este equilíbrio tinha uma finalidade: a guerra. Constituía-se na Antiguidade pilares que atendessem o tipo de homem em exigência: o aristocrata definindo-o através da bravura, do bem-falar, do respeito até mesmo com os inimigos, além da honra.

Assim, conforme Jaeger (2003, p. 26), declara-se o conceito de *areté* como “[...] o atributo próprio de nobreza” para aqueles que descendessem de alto poder aquisitivo integrado a um reconhecimento de herança familiar. Para se chegar a excelência humana, obtendo o prestígio de um homem superior, o autor complementa: “[...] de acordo com a modalidade de pensamentos dos tempos primitivos, designa por *areté* a força e a destreza dos guerreiros ou lutadores e, acima de tudo, heroísmo,

considerado não no nosso sentido de ação moral e separada da força, mas sim, intimamente ligada a ela” (JAEGER, 2003, p. 27).

A expressão da força, da coragem estipulado pela *areté* grega constrói o tipo de homem a se formar, o não cumprimento dos princípios básicos prezados como o heroísmo, a amizade, o respeito que elevam a superioridade, sobretudo, a honra seria a violação do código ético o que, conseqüentemente, acarretariam na ruína deste indivíduo, promovendo a tragédia humana.

De acordo com Jaeger (2003), o conceito de justiça é uma noção central à concepção de homem e uma das exigências cabíveis a *areté*. Aperfeiçoando os antigos valores, de virtude e excelência, tais condições foram renovadas conforme as transições periódicas que requerem renomadas condutas de comportamento. Desse modo, compreende-se que o mito serve de recurso normativo para o qual recorre o orador, aquele que conta os episódios. Embora detenha caráter fictício, enaltece da fantasia, a capacidade criadora interpretativa, modeladora de um tipo de nação, da mesma maneira de indivíduo.

Diferentemente dos devaneios da educação contemporânea, o homem aristocrata rumo à perfeição passava a ser seguido como ser político, moral e patriarcal, no dilema entre o passado e o presente, o guerreiro, com todos seus atributos integrais, caminha-se da glória ao conflito.

Os gregos indicavam o que era necessário para a formação do homem ativo socialmente. Nesse sentido, o educar para os gregos consistia em uma preocupação social, em uma atividade prática com a finalidade de se formar um elevado tipo de homem (MURARI, 2011, p. 92).

Parte-se do pressuposto, de que para a compreensão da formação do homem na Grécia Antiga, faz-se necessário assimilar as transições decorrentes a este momento e as preocupações gregas quanto ao processo educativo. Para tanto, a obra *Odisseia de Homero* (2011) será abordada como uma das fontes principais e como objeto de estudo no elo com os clássicos contemporâneos de Lobato (2017; 2018) em destaque, pois ao caracterizar o protagonista explicita o tipo de homem a ser formado naquele período. Assim, fomenta-se que a literatura se sobressai por expressar o movimento do tempo nos diferentes momentos da história humana, como conteúdo de aprendizagem. Diante disso, o sentido de educação se constrói na apropriação do

saber teórico e prático socialmente produzido pelos homens, ademais no processo de produção histórica de sua existência.

Sobretudo, o andamento deste trabalho acadêmico norteia-se pelos princípios do papel do herói nas obras de Monteiro Lobato (2017; 2018; 2020) e dos ensinamentos éticos adquiridos por meio das personagens clássicos lobatianos, que renasceriam além da temporalidade Antiga para fazer dos clássicos um conteúdo de ensino. A evolução dos tempos nunca deixa de buscar fundamentos com base nos conceitos que explicam a humanidade, nas atitudes passadas associada a captação de interesses e necessidades econômicas, sociais, políticas e históricas. Os traços do passado, tende a anunciar a ideia de um ser civilizado próprio da concepção de homem guerreiro da sociedade arcaica. Vindo à tona um caráter que ressignificado pela polidez de um herói neste momento, a interpretar o homem do século XX que necessita corresponder às demandas exigidas para o progresso das décadas de 1930 e 1940.

As personagens de Lobato (2017; 2018) revelam o avanço de uma formação preparada para superar uma tendência heróica, racional que trabalhe o intelecto não apenas pelo aprimoramento da sabedoria, mas saiba ponderar as emoções em suas ações para ser uma educação integral, ou seja, completa e a prática (atitudes) do cotidiano seja resultante de bons sentimentos. Assim como nas aventuras e campos de batalha, o homem em Monteiro Lobato precisa estar capacitado para evitar ser vencido pelo mal uso do próprio pensamento e emoção, uma vez que, razão e emoção tendem a desvencilhar-se de uma mesma convicção, o preparo formativo ideal seria, portanto, uni-los.

Entre suas personagens mais conhecidas no referencial teórico em questão, destacam: Emília, uma boneca de pano travessa; Pedrinho remete-se à validação de ideias racionais com planos e desenvoltura física; Visconde de Sabugosa uma espiga de milho que administra inteligência e cautela; Hércules, a representação da força, coragem nos aspectos físicos, cordialidade e humildade nas expectativas emocionais. Em razão do convívio com os filhos e, posteriormente, os netos. Lobato iniciou sua jornada literária à procura de intensificação na qualidade das publicações em seu contexto. Na evidente notoriedade equivalente à originalidade em suas obras, nota-se presente a luta por interesses nacionais e sociais. Em consonância ao objeto no

paralelo entre o mundo antigo e contemporâneo, Monteiro Lobato estabelece a forma de um novo pensamento a junção dos personagens num único ideal.

Para facilitar a leitura ao leitor, esta pesquisa está dividida em cinco seções. Na primeira seção, apresenta-se os dados gerais da pesquisa. Na segunda seção, estuda-se as obras de Monteiro Lobato (2018; 2020) para entendermos a história da mitologia grega expressa por ele em suas obras literárias. Na terceira seção, discute-se o trabalho e a educação vivido por Monteiro Lobato no Brasil. Na quarta seção, apresenta-se o contexto histórico, social, político e econômico do Brasil, entre os anos de 1930 e 1940. Na quinta seção, registra-se as considerações finais. E, por fim, elenca-se todas as referências utilizadas na escrita desta pesquisa.

.

## 2. A IMPORTÂNCIA DOS CONTEÚDOS HISTÓRICOS PARA LOBATO

Cada período em seu tempo demanda novas exigências, mas a essência de determinados hábitos e instruções como a honra, a sabedoria, a justiça condizente a ética e a moralidade permanecem, assim como, sofrem modificações ao longo dos tempos para a efetivação de um papel social contribuinte no que tange à formação educacional, sobretudo, humana. Contudo, de modo a reavaliar conceitos, deve-se questionar de que maneira ocasionam mudanças em diferentes contextos, trazendo consigo novas formas de se pensar a educação contemporânea ao revisitar o passado.

Nesse modelo ideal de uma educação antiga voltada à formação humana, Hércules é a representação da figura humana em pleno período heróico, símbolo de força, coragem, habilidade e destreza nas batalhas da Antiguidade. Cercado de inquietudes, preocupações e sentimentos movidos a imperfeição, assim como todo humano, o herói apresentado está propício a conflitos que afligem o desencadeamento das lutas enfrentadas pelo caminho de aventuras dos doze trabalhos e da aventura no labirinto de Creta. Como quando chega à loucura, ferindo, matando familiares e entes queridos.

Mediante ao contexto histórico e social da Antiga Grécia, há a necessidade de enfatizar que a aprendizagem reflete em lições para a prática cotidiana quando o assunto é civilidade para um modelo de educação arcaica. Assim sendo, acarreta no aperfeiçoamento das virtudes. Nesse sentido, as transformações sofridas ao longo dos tempos para atender as demandas que cercam as civilizações, não deixam de apresentar aspectos que permeiam o ideal educativo historicamente, trazendo categorias de instrução no que diz respeito ao ensino de caráter formativo ou sistematizado, grego e brasileiro.

Diante disso, almeja-se no decorrer deste trabalho rever em uma personagem dos livros infantis um modo educativo de partilhar conhecimento para o público-leitor. Uma educação movida pela força bruta ganha novos sentidos para a humanidade dos tempos remotos, há o envolvimento de um recíproco aprendizado entre o herói e a turma do sítio, a descoberta das emoções de Hércules, a cautela de Emília no falar diante das consequências divinas e, sobretudo, o amadurecimento de ambas as

ações para todos que se revelam aprendizes independentemente dos períodos revisitados.

Compreende-se que o próprio personagem Hércules se considera desprovido de um ensinamento formal e conceituado semelhante ao recebido pelos colegas da turma do Sítio do Picapau Amarelo, considerado, aliás, diferente dos princípios físicos adquiridos pelo herói. Isto posto, o autor, então, revela na troca do diálogo entre as personagens infantis e heróicas, a seguinte declaração: “vi um modelo de herói dum novo tipo. Apreciei muito as suas qualidades e, sobretudo, a sua prudência” (LOBATO, 2017, p. 304). As façanhas do herói atreladas às influências das crianças nessas aventuras proporcionam vida ao enredo histórico e relativamente refletem os pensamentos lobatianos como será apontado na próxima seção a seguir.

## 2.1. DESCRIÇÃO DAS OBRAS INFANTIS: CONTEXTO, ESTRUTURA E APONTAMENTOS

Para se entender o modelo de educação da Antiguidade Clássica é importante voltar no tempo e perceber os valores, as mudanças do passado decorrentes das transformações periódicas. Todavia, sem desconsiderar as contribuições da formação humana para cada momento da sociedade. Na compreensão de Monteiro Lobato, acerca de um papel ativo da criança, mediante a composição dos clássicos, torna-se relevante trazer à tona de forma analítica, o momento histórico pertencente aos fatos recorrentes da década de 1930.

Para tanto, valida-se abordar os fatos históricos que abrangem o período da República Velha ou Primeira República com relação aos dilemas que afligiam a formação social do país composta pelo setor agrário e pela burguesia. Sendo o primeiro setor representado pelo latifúndio com base no cultivo de monocultura com produção para o mercado internacional. Nesse momento de luta hierárquica, houve uma aliança denominada de Proclamação da República ocorrida no governo de Floriano Peixoto entre parte da **classe senhorial** e **classes médias**.

A crise do sistema capitalista na década de 1920 era condizente aos interesses da burguesia voltados para o mercado interno. Os movimentos militares que surgem nessa época correspondiam às reivindicações da classe média. Alguns

acontecimentos marcam o fim da República Velha, a contradição da suposta ação latifundiária-burguesa, o tenentismo e a ação política das classes médias. Fausto (1970), na investigação da Revolução de 1930, pontua que a mesma,

“[...] parti de duas linhas principais que se cristalizaram na historiografia brasileira, procurando aprender seu sentido mais profundo: uma, sintetiza o episódio revolucionário em termos de ascensão ao poder da burguesia industrial; outra, define-o como revolução das classes médias” (FAUSTO, 1970, p. 10).

As regiões onde estariam as relações semifeudais foram caracterizadas à margem da sociedade devido a demanda das metrópoles, as relações com os núcleos capitalistas eram opostas, contudo, de complementação entre si. Essas associações forneciam em grande parte mão de obra barata, “[...] matérias-primas, e têm servido de mercado para as mercadorias produzidas pelas regiões mais adiantadas, sobretudo quando se instala, no Centro-Sul, o desenvolvimento industrial” (FAUSTO, 1970, p. 86 - 87). Contudo, é válido ressaltar que os desníveis regionais são fatores existentes até nos países capitalistas considerados desenvolvidos.

O Brasil esteve no controle do monopólio do café por anos. Nesse processo, a governança indefinida de Marechal Deodoro da Fonseca (1827-1892) e Floriano Peixoto (1839-1895), por outro lado, não afligia a expansão da burguesia cafeeira. Desde a Constituição de 1891, a classe dominante atingiu novas expectativas e interesses, havendo presente rivalidade entre grupos políticos estaduais, marcando a oposição na Assembleia Constituintes dos representantes paulistas com os representantes do Rio Grande do Sul.

Destaca-se, conforme citado por Fausto (1970), que em 1929, com a formação da Frente Única Gaúcha consolida a reunião de antigos rivais libertadores e republicanos em meio ao período getulista. E, na relação, em 1926, a ocorrência do Partido Democrático (PD) contribuiu com a Revolução de 1932, apesar de não participar diretamente, obtinha envolvimento no comando das regiões. Meses após a instauração do movimento, o PD “unido ao PRP (Partido Republicano Paulista), na Frente Única paulista, e é o grande centro político na preparação da Revolução de 1932 contra o Governo Federal (FAUSTO, 1970, p. 91)”. Compreende-se, assim, que em seguida, ameaças da Frente Única Gaúcha são dirigidas diretamente ao governo ditatorial de Vargas.

Marcados por momentos de crise econômica e política, a luta das classes médias pela modernização das estruturas políticas não afetam a produção a qual dependiam. Mesmo que o Brasil assegurasse de certa forma o monopólio de produção mundial, o indício da divisão é explícito, Fausto (1970) cita que, em 1925, o país divulga estar em excelente condição financeira, quando, na verdade, a realidade denota ser decorrente de endividamento externo. No decorrer dos anos seguintes, em meio ao problema de superprodução, necessitava de um projeto de estruturação econômica.

Compreende-se em meio a análise do campo econômico que o café era o principal produto do período, com significativa influência, regia o valor da moeda. Dentre os fatos ocorridos nessa época de apogeu da economia cafeeira, houve, em 1929, a Crise Mundial e, eventualmente, a queda da República. Apesar da presente condição, o café continuava a ser a fundamental atividade da economia para o país. A crise, por sinal, fortalece a desunião entre a burguesia e seus representantes políticos que se distanciaram de seus interesses. Na sequência dos acontecimentos, é estabelecido um acordo denominado **Estado de Compromisso**, assegurado pelo Exército, entre partes da burguesia; as classes médias são mais responsabilizadas “[...] favorecidas pelo crescimento do aparelho do Estado, mantendo entretanto uma posição subordinada” (FAUSTO, 1970, p. 104).

Fausto (1970) menciona a criação da Lei do Reajustamento Econômico (Decreto nº 23.533, de 1º de dezembro de 1933), e, com ela, a redução dos débitos dos agricultores. Na precariedade quanto ao único gênero de exportação, o dilema revolucionário se instaurava como a expressão do reajuste da estrutura do país. Entende-se, conforme Fausto (1970, p. 112), que “a burguesia cafeeira se constitui ao longo da Primeira República como única classe nacional, no sentido de que só ela reúne condições para articular formas de ajustamento e entregar assim o país, na medida de seus interesses”.

Diante das ações desencadeadas, não se apresenta elemento forte o bastante para combater economicamente a classe dominante. O embate regional aconteceu no interior dessas classes com limitações brandas a serem refutadas. O tenentismo, considerado uma forma de ataque à burguesia cafeeira iniciada em 1922, põe-se à frente das contradições opositoras regionais, consolidou recorrer além do protesto das classes médias, a luta por meio de armas. As ações contraditórias como a crise

econômica recebem apoio das classes médias, centros urbanos e o setor militar foi reunido com as classes dominantes regionais. Com a triunfante revolução, há a insuficiência das frações de classes para assumir o colapso político em questão. Desse modo, o Estado de compromisso aparece como possível alternativa solucionadora das presentes situações.

O reajuste obtido após um doloroso processo de gestação - marcado pela revolução de 1932, a Ação Integralista, a liquidação do tenentismo como movimento autônomo, a Aliança Nacional e a tentativa insurrecional de 1935 significa uma guinada importante no processo histórico brasileiro. A mudança das relações entre o poder estatal e a classe operária é a condição do populismo; a perda do comando político pelo centro dominante associada à nova forma de Estado, possibilita, a longo prazo, o desenvolvimento industrial, no marco do compromisso; as Forças Armadas tornam-se um fator decisivo como sustentáculo de um Estado que ganha maior autonomia, em relação ao conjunto da sociedade (FAUSTO, 1970, p. 113).

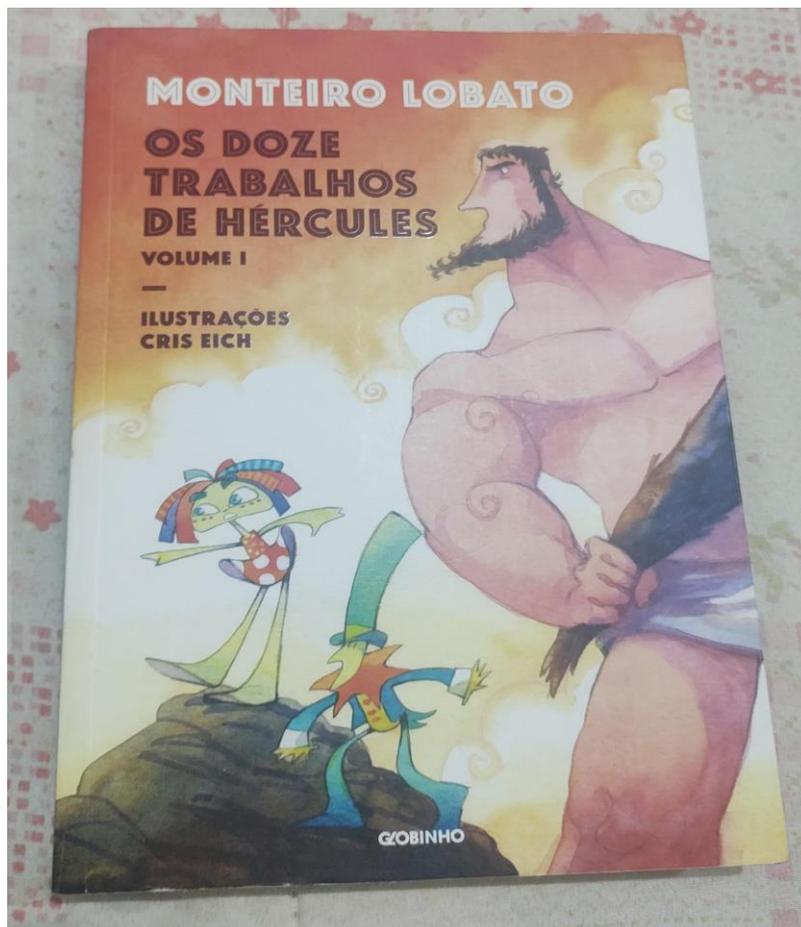
Em outubro de 1930, como saída para os problemas, começava a formação das classes dominadas e relativamente, expandia-se a polarização das classes pouco alinhadas e a inserção das correntes ideológicas, no Brasil. Após cinco anos, o país caminha, contudo, não de modo essencial para progresso de resolução dos conflitos nacionais, mas, no sentido de fixação das forças envolvidas. Segundo Fausto (1970), no decorrer de meia década é como se o país passasse por um processo construtivo da infância à fase adulta e a data citada por ele de outubro de 1930, que expressa falência, simboliza, na realidade, o alcance da maioridade política brasileira.

Afinal, verificou-se que alguns fatos históricos, marcaram o momento vivenciado por Lobato no momento da criação de suas obras, surgindo apontamentos conforme a necessidade de expressar o tipo de homem estipulado pelo sistema e o ideal do autor, segundo a exigência do momento histórico supracitado no envolvimento da política, economia e educação.

Em vista disso, de volta à análise com os clássicos, Lobato, quando se dedica às personagens, aponta sugerir sua própria identidade, trajetória de vida e percurso literário. A partir do embasamento histórico relatado acerca da década de 1930, veremos na sequência, a apresentação dos estudos clássicos sobre “Os Doze Trabalhos de Hércules” (LOBATO, 2018), para posteriormente, analisar a relação entre o referencial teórico descrito na formação das crianças brasileiras.

As intervenções de Emília, Pedrinho e Visconde foram decisivas para a realização das atividades de Hércules. No livro “Os Doze Trabalhos de Hércules” de Monteiro Lobato (2018), com primeira edição em 1947, o autor dividiu em dois volumes, sendo o volume I representando as seis primeiras façanhas do herói grego expressas em capítulos com as seguintes aventuras: *O leão da Nemeia*, *A hidra de Lerna*, *A corça de pés de bronze*, *O javali de Erimanto*, *As cavaliças de Áugias*. Nos seis capítulos, Lobato (2018) priorizou a Antiguidade da Grécia Heroica no desenvolvimento da obra supracitada. Ele privilegiou as histórias sobre mitos, deuses e heróis da época. Com entusiasmo e dedicação, Lobato produz suas obras se apropriando de uma linguagem acessível ao entendimento do público leitor infantil.

**Figura 01: Imagem do livro Os Doze Trabalhos de Hércules – Vol I**

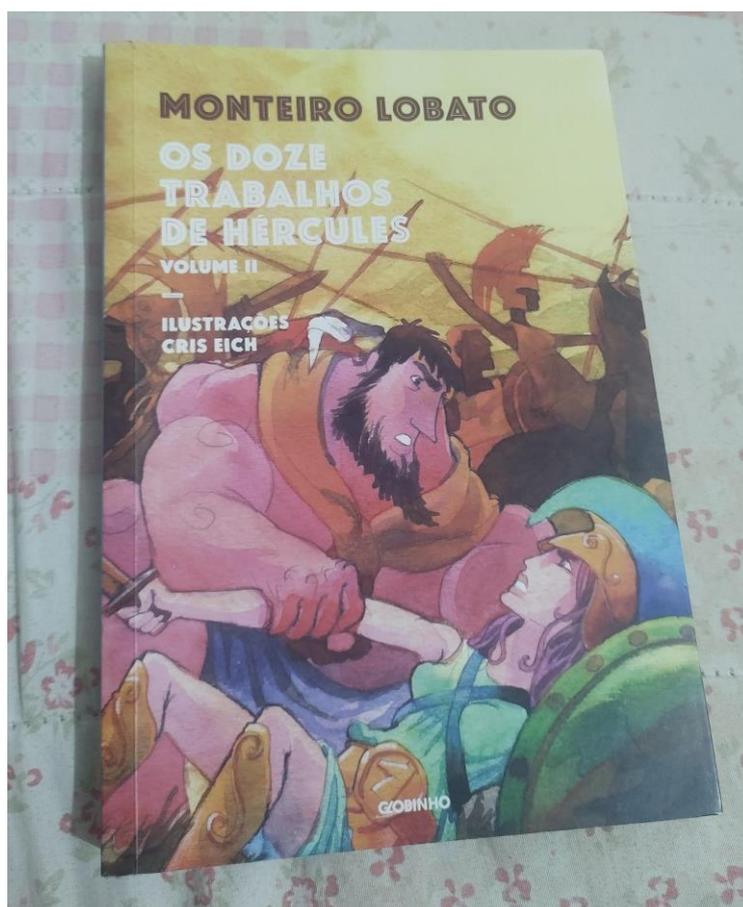


**Fonte:** Acervo pessoal da autora (2024).

A seguir dedica-se à descrição “Os Doze Trabalhos de Hércules”, na qual se incide no volume I e II. Para isso, detalharemos especificando por capítulos, os acontecimentos, o envolvimento dos personagens e a descoberta das aventuras

enfrentadas pelo herói. O volume II da obra de Lobato (2017), cuja primeira edição foi de 1947, dá continuidade às aventuras de Hércules, na Grécia, citadas no volume I. O seguimento da discussão entre a Antiguidade e a Modernidade, é contemplada por seis capítulos, assim denominados: *O Touro de Creta*; *Os cavalos de Diomedes*; *O cinto de Hipólita*; *Os bois de Gerião*; *O pomo das Hespérides* e *Hércules e Cérbero*.

**Figura 02: Imagem do livro Os Doze Trabalhos de Hércules – Vol II**



Fonte: Acervo pessoal da autora (2024).

### 2.1.1. “O Leão da Nemeia”

Neste primeiro capítulo da obra de Lobato (2018), faz-se uma apresentação do herói Hércules, figura representativa por sua força extraordinária e singular para aquele momento de enfrentamento de desafios mitológicos envolvendo seres e forças divinas. Em alguns momentos cita que apesar da reconhecida força bruta, o herói consegue obter ao mesmo tempo um coração bondoso. O aspecto robusto e o

sentimento amolecido é trazido na fala da personagem Emília, uma boneca de pano que ganhou vida pelo autor e se tornou uma boneca falante e repleta de perspicácia.

No início da obra, comenta-se acerca dos preparativos antes da viagem de volta ao tempo para a Grécia por meio da conversa entre Emília, Dona Benta, Narizinho, a avó de Pedrinho que conta brevemente a história do nascimento até a morte de Hércules, ocasionada pelo confronto entre humanos e deuses. Em outras palavras, antes de partirem, a vovó compartilha com as crianças sobre as histórias enfrentadas e vividas pelo herói e por ela tão conhecidas. A trama da jornada envolve Emília, Pedrinho e Visconde, pois Narizinho necessitou ficar para cuidar da vovó Benta. Com o pó mágico "pirlimpimpim", chegam ao destino, nas proximidades da Nemeia encontram com um pastorzinho que os ajuda com notícias de Hércules e do Leão da Lua.

A destruição do Leão de Nemeia seria sua primeira façanha, a pedido do rei Euristeu sob as ordens da deusa Hera, que estava envolvida com uma história conflituosa, enciumada com a existência desse filho que seu marido Zeus obtivera com Alcmena. Desse modo, persiste em acabar com o Hércules, como era conhecido Hércules naquele período. Nessa divergência dos deuses, o destino do herói se resume em ser perseguido pela perversa Hera, mas, por outro lado, protegido por Palas Atena, a deusa da sabedoria.

A primeira façanha trata-se de uma árdua luta do herói contra a fera invulnerável que com o auxílio dos novos companheiros em especial Emília, conseguiu derrotá-la por meio das ideias mirabolantes: “[...] se as flechas falharam e se a clava despedaçou ao primeiro golpe, o jeito agora é atracar-se ao pescoço do leão e afogá-lo” (LOBATO, 2018). Este capítulo, segundo Lobato (2018), é marcado pelo encontro entre Hércules e a turma do Sítio do Picapau Amarelo, comentando que vieram do futuro para acompanhar Hércules em seus Onze Trabalhos, no século VII a. C, uma vez que haviam assistido um deles, sendo a derrota da Hidra de Lerna. Na sequência discorrem sobre o couro do leão acerca do curtimento e preparo deste tecido em que para obtenção desta tarefa necessita do auxílio do pastorzinho encontrado pelas redondezas.

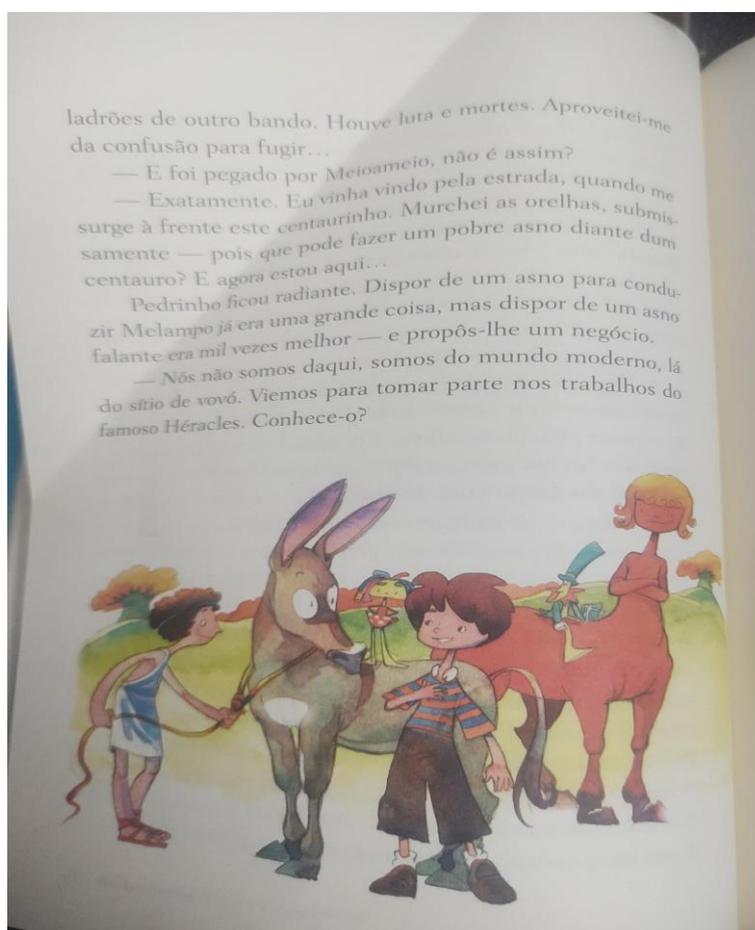
Trata-se de uma apresentação e aproximação entre as personagens que constroem um elo entre o passado e o futuro, da Antiguidade à Modernidade representado na amizade do famoso herói pelo menino Pedrinho, pelo Visconde de

Sabugosa e a boneca falante Emília. Diante disso, Lobato (2018) os nomeia carinhosamente na fala de Hércules, ao se dirigir a eles de meus ‘Picapauzinhos’.

### 2.1.2. “A Hidra de Lerna”

No segundo capítulo da obra de Lobato (2018), a narrativa trata do episódio dos Centauros, “os centauros são homens e cavalos ao mesmo tempo, e como têm a parte dianteira homem, com cabeça, peito e braços de homem, pensam e sentem como os homens. E falam”. (LOBATO, 2018, p. 70). A turma do Sítio tem a ideia de capturar um potrinho de centauro para facilitar o percurso de Hércules em suas viagens na companhia de seus novos amigos, inclusive para Pedrinho. Uma vez que o centauro em idade adulta seria uma criatura indomável e um pouco mais jovial, portanto, seria mais apropriado amansá-lo.

**Figura 03: Imagem do centauro retirado do livro “Os Doze Trabalhos de Hércules”**



Fonte: Lobato (2017, p. 122).

Após domar este ser que, na aparência física corresponde a uma mistura de metade humano e metade cavalo, mediante amigável convívio, o nomearam de “Meio A meio”. Na sequência, abordou-se sobre a viagem até a cidade de Micenas na Grécia, ao encontro no palácio do rei Euristeu encarregado de dirigir-lhes os trabalhos do guerreiro a serem executados a mando de Hera. Na conversa que teve com o rei, Euristeu exigiu como prova da vitória do herói a pele do leão de Nemeia que fora morto pelo guerreiro, Hércules, porém, estipulou-lhe um certo prazo para trazê-la que, de forma nada agradável, concorda, pois o preparo de curtimento da pele levaria alguns dias.

Em seguimento, durante a prosa Hércules apresenta os três companheiros de aventuras: Emília; Pedrinho; Visconde e a complementar a presença da majestade, retratando tais participações em sua jornada com papéis significativos. Conforme Hércules, Pedrinho passa a ser denominado de oficial do gabinete, Visconde, o escudeiro, Sabugosa e Emília, a reconhecida dadeira de ideias (LOBATO, 2018). Em continuidade, decidem mandar Visconde novamente para o olival buscar ajuda com o pastorzinho no preparo da pele do leão e permanecer até o aprontamento da mesma. Entretanto, bastou uma distração quase imperceptível pela turma do Sítio durante o manuseio do “pó de pirlimpimpim” que resultou em deslocar o sábio Sabugo para Serifo, especificamente, no telhado do rei Polidecto. Decorrente a este contexto, então, acaba presenciando a decapitação da cabeça de Medusa pelo herói Perseu. É evidente, portanto, os três desafios que antecederam a morte da Górgona na concretização desse feito lendário.

Após assistir a façanha, retorna ao destino esperado e nele espera por mais alguns dias. Lobato (2018) retrata a aproximação dos demais personagens com o centauro Meio a meio e o retorno de Visconde com a pele de leão pronta do curtimento que compartilha com os companheiros de viagem suas últimas vivências da mitologia grega no intervalo de seu percurso. Partiram para Lerna na pretensão de Hércules executar mais uma de suas tarefas estipuladas pelo rei Eurimeu: matar a hidra, um monstro de “nove cabeças, oito mortais e uma imortal” (LOBATO, 2018, p. 107). Dessa vez, preferem não acompanhar o herói nessa aventura por já terem presenciado tal façanha tempos atrás em um determinado momento com Dona Benta.

### 2.1.3. “A Corça de Pés de Bronze”

O terceiro capítulo nomeado da obra (LOBATO, 2018), *A corça de pés de bronze* no Monte Cirineu, Hércules acaba atirando em três sátiros que, conforme Emília, são Meio a meio como os centauros, e a ex-boneca o alerta para a mudança da prática negativa e desnecessária de morte em certos momentos. Nesse sentido, retira às escondidas, sem permissão, as pontas de algumas flechas do herói na intenção de ferir apenas as vítimas em certas ocasiões.

Diante de um templo grego que encontram pelo caminho, decidem oferecer sacrifícios à deusa Ártemis, um costume cultural da época. Lobato (2018, p. 129) ressalta inclusive, que “[...] sacrificar é oferecer um holocausto no altar de um deus”. Dessa maneira, em honra a esta divindade, Emília queimou três fios de cabelo retirados da cauda do centauro Meio a meio.

A princípio, na primeira aparição da corça no bosque, Hércules, Pedrinho, Emília e Visconde tentam cercá-la, mas, a agilidade e a rapidez do animal fizeram-na escapar. Entretanto, o instante da tentativa do aprisionamento resulta em sua fuga, levando consigo agarrado em suas patas, o sábio Visconde. Ao notar sua presença com os chifres de ouro é arremessado para longe e encontrado por seus colegas, desconcertado.

Obtiveram a ideia de mandar Visconde utilizando o “pó de pirlimpimpim” para consultar o Oráculo de Delfos que o ensinaria como capturar a corça veloz. Entretanto, antes mesmo de entrar no templo, o sábio é raptado por um sacerdote da Pítia que o reconheceu mediante certa vez ter sido entregue como oferenda e fugido, tomando-o de volta para si novamente. Em seguida, Emília tem uma ideia de aconselhar Hércules sobre um processo de desinfecção, distraindo o herói, estendendo o couro do animal na laje repleta de folhas aromáticas.

Enquanto o herói pensava que a pele estava sendo renovada, na verdade se encontrava a caminho de Delfos. Este caminho, portanto, serviria como uma jogada de troca em prol de salvar Visconde do aprisionamento, pois ambos saíram ilesos: o sábio e a pele. Nesse tempo, Pedrinho conversa com a pítia para descobrir os trajetos percorridos pela corça, bem como, seu suposto retorno ao templo. Este capítulo da obra de Lobato (2018) considera a esperteza da turminha do Sítio do Picapau Amarelo em persuadir o herói e a fim de conseguir repor a pele.

Como preparo à espera do retorno da corça a fim de apanhá-la, armaram uma rede entre as colunas da fachada para conseguirem realizar o esperado feito heroico. Já preparado para receber a próxima façanha pelo rei Euristeu, o qual envia uma carta ordenando a Hércules que se dirigisse a Erimanto à procura de desvendar o paradeiro do terrível javali, nota-se, então, que o bicho tão procurado anda amedrontando a região da Psófida.

#### **2.1.4. “O Javali de Erimanto”**

No quarto capítulo da obra de Lobato (2018), em Arcádia, se localiza o monte Erimanto, o habitat do esperado javali que, por sinal, o herói fica encarregado de eliminar. Neste episódio, Hércules encontra com outro amigo centauro chamado Folo. Em busca de raptar um barril de vinho, seis centauros, ao identificarem forte aroma espalhado pelos ares, se aproximam e atacam a casa no qual Hércules e Folo estavam conversando naquele momento. Em prontidão, o herói os encara e a luta é travada. Todavia, “[...] o herói unia à agilidade; com esta desviava-se dos golpes e com a força golpeava uma vez só. Cada clavada era um centauro no chão. Caíram assim quatro, e os dois restantes fugiram” (LOBATO, 2018, p. 168).

Ao término do trabalho, Folo acaba se ferindo com uma seta envenenada que atingira um dos centauros, morrendo de forma trágica na presença do próprio amigo. Hércules fica inconformado com a fatalidade. No seguimento da narrativa, Visconde compartilha mais um dos mitos gregos, a história das irmãs Filomena e Progne transformadas em aves, bem como, da Fênix contada por Hércules, apesar de não ser esta uma ave grega.

Enquanto isso, a certa distância do local em que estavam, é possível perceber o presenciar de Emília deste acontecimento no exato momento em que Hércules realizava a contação. Por conseguinte, prorrogaram o assunto da mitologia, mas, dessa vez, sobre os deuses, em específico de Pã, o deus da Arcádia. O velho viandante que aparecera pelas redondezas proporcionou uma extensão de conhecimento mitológico para o herói e suas companhias.

Na sequência, chegaram ao esperado monte Erimanto. Lá se concretiza a façanha capturando o javali com a ideia de atraí-lo para o fundo de um fosso. Após a finalização do feito, Hércules leva o animal à Micenas para o rei Euristeu que o

enjaulou. Hera, que objetivava a derrota do herói ao saber de mais uma façanha concluída com sucesso, planeja nova tarefa, comunicando a Euristeu sua proposta. Posto isto, avisado pelo mensageiro Hermes, o herói Hércules é obrigado a limpar as cavalariças de Árgias.

Contudo, antes mesmo de iniciar a próxima aventura, é necessário resolver a situação. Isso ocorre porque o javali acaba escapando do cativeiro e novamente causando estragos na localidade (LOBATO, 2018). Apesar dos empecilhos com relação às flechas trocadas de forma humanizada, ou seja, quebrada as pontas por Emília com o auxílio do faz de conta da Turma do Sítio do Picapau Amarelo, Hércules consegue vencê-lo, acertando-o com uma única seta. Ocorrida esta vitória “um boato entrou a circular: que Hércules andava associado a uma pequenina feiticeira dotada de forças maravilhosas” (LOBATO, 2018, p. 208).

Em decorrência do descobrimento dos poderes obtidos pela ex-boneca, o rei ordena que os guardas prendam a tal criaturinha desconhecida, dona dos feitiços. Ao notarem a perigosa movimentação fogem em disparada para o acampamento junto ao Templo de Avia, seguem, afinal, ao encontro de Hércules, pois almejam proteção.

### **2.1.5. “As Cavalariças de Áugias”**

A quinta façanha como mencionado trata-se das cavalariças de Áugias, um rei ladrão de cavalos. O propósito em torno dessa narrativa é mostrar que Hércules, tramitado por Hera, estava no cheiro venenoso e, ao mesmo tempo, mortal, vindo do esterco que, segundo os conhecimentos de Visconde, era um tipo de gás asfixiante (LOBATO, 2018). Um viajante nomeado por Emília de Minervino, que inclusive, é suspeito de ser enviado pela deusa Palas Atena, a deusa da sabedoria na proteção do herói por aparecer sempre nas horas mais propícias, contando-lhes lendas da Grécia Antiga, o que os ajudam a desvendar alguns mistérios. Por isso, é desvendado os fatos na concretização das incumbências do Hércules. Minervino descreve as junções das histórias como a dos Argonautas relacionado ao conto de Medeia e Jasão.

A solução, conforme a ideia de Pedrinho seria que as águas de um rio jorrassem para dentro dos estábulos, expulsando a estercaria. Visconde mediu os níveis das cavalariças para que as águas corresse na mesma direção. Por sinal foi

um de seus trabalhos realizados com sucesso. Por conseguinte, na narrativa de Lobato (2018), Hércules passa doze dias com sintomas de envenenamento causados pelos gases advindos do esterco das cavalariças. O herói se recupera. Nesse intervalo, ocorre a derrota do rei Áugias com a substituição do trono pelo amigo de Hércules, Fileu.

Há um momento em que Visconde enlouquece (efeito dos gases venenosos em pouco tempo) surta e, por essa razão, passa a anunciar enunciados sem sentidos ao momento, mostrando que “[...] eram palavras incoerentes de louco varrido: Fava-de-santo-inácio... Erva-de-santa-maria... Xarope de são joão... Melão-de-são-caetano...” (LOBATO, 2018, p. 239).

Como resolução, tiveram que recorrer à Medeia para utilizar de suas feitiçarias na cura de Visconde. Minervino revela ser realmente um mensageiro da deusa Palas que, inclusive, a intervenção da deusa fez com que Hércules conseguisse concretizar os trabalhos impostos pelo rei Euristeu à trâmite de Hera.

#### **2.1.6. “As Aves do Lago Estinfale”**

A próxima façanha a ser realizada é a destruição das aves do lago da cidade de Estinfale, os avejões de penas de bronze. A turminha do Sítio segue para a Arcádia, onde situa-se o lago, enquanto Minervino aconselha que somente agissem dessa maneira após as instruções da deusa protetora que fora consultar. As aves a serem enfrentadas eram devoradoras de carne humana. Após o morticínio de caçadores que essas aves promoveram na região, há o recebimento de vários pedidos de socorro de mensageiros do rei e Euristeu decide convocar um dos grandes heróis na resolução da tragédia.

Hera, ao descobrir do plano para derrotar as aves, ordena a Hermes que mate Minervino, que acaba sendo jogado penhasco abaixo e despedaçado. No entanto, novamente Medeia auxilia com seus poderes e fornece rejuvenescimento a Minervino. Com a ajuda de Palas portanto, Hércules utiliza dos címbalos de Hefaístos para vencer as aves que não suportam o estrondo ocasionado por tal vibração e fogem, espantadas para longe.

### 2.1.7. “O Touro de Creta”

O capítulo sete tem início com a escrita de uma carta de Visconde à Clímene, a criança que conhecera durante a aventura de Hércules na captura das aves do lago de Estinfale. De saudades da menina, enviara uma carta e para chegar ao destino desejado tem a ideia de utilizar “o pó de pirlimpimpim”. A boneca Emília surpreende-se na capacidade do Sabugo de milho em se superar cada vez mais com sua inteligência. A Turma do Sítio descobre que com o “pó de pirlimpimpim” consegue transportar tudo que lhe for de seu agrado, inclusive, utilizando o pó para chegar no destino almejado. (LOBATO, 2017).

A partir do pensamento de Visconde, surge em Emília o raciocínio de viajarem até Creta por meio do “pó de pirlimpimpim”. Nesse instante, Hércules interroga na dúvida de que o pó fosse suficiente o bastante para suportar o peso do herói no deslocamento de um local a outro. Pedrinho, Emília, Visconde e Hércules chegaram a Creta desacordados. O último a despertar do efeito sonolento causado pelo pó aspirado para a viagem foi o herói, necessitando da intercessão da deusa protetora Palas Atena, sendo clamada por Emília em socorro do seu grande amigo, de modo a atender suas súplicas, rapidamente envia Minervino com gotas de filtro mágico para acordar Hércules.

Teve certeza de estar em Creta quando um alto mugido estrondou a longa distância, colocando-se em prontidão, “[...] Hércules pôs-se em pé, já de clava em punho. Seus olhos chamejaram. Seus músculos se retesaram [...]” (LOBATO, 2017, p. 21), contudo, convicto de o capturar com vida. A turminha do Sítio se encarregou de ajudá-lo a laçar o bicho e a fazer uso dessa tática mais viável para a ocasião. Mas como era desprovido de tal prática moderna, em especial, Pedrinho que melhor a dominava interveio pelo herói, preparando a corda de couro a qual iria prender o touro.

Em seguida, Juno ao ver Hércules vencer mais uma batalha manda soltar de modo intencional o touro. “E chamando um ratinho mandou-o que corresse até lá, roesse o laço e soltasse o touro” (LOBATO, 2017, p. 30). Houve por sinal, o aparecimento do herói Teseu com a missão de dar cabo do Minotauro e Minervino aproveita a ocasião e conta a história deste herói.

A Turma do Sítio entra na caverna do Minotauro. Após entrarem na caverna, então, seguindo os rastros, se deparam com ele já morto por Teseu. Por conseguinte,

ajudam Dédalo, o construtor do próprio labirinto que se encontrara preso para que Teseu possa encontrar a saída, utilizando as táticas das marcações com carvão e fio dos carretéis. Na sequência, seguem na obtenção de mais pistas sobre o touro louco. Com a ajuda de Pedrinho, o touro foi preso e a nado transportado, amarrado trazendo-o puxado pela sua força. Visconde compartilha mais uma de suas histórias gregas e indignado com outra vitória do herói, lança-lhe mais um trabalho: dar cabo dos cavalos de Diomedes. Com isso, no término do capítulo discorrido, Euristeu manda soltar o touro de Creta, sem maiores explicações e, por isso, Hércules não consegue compreender tais atitudes (LOBATO, 2017).

### **2.1.8. “Os Cavalos de Diomedes”**

O oitavo capítulo trata-se da cavalaria de Diomedes. Neste capítulo, então, Hércules se dirige para a região da Trácia a fim de resolver a destruição dos cavalos devoradores de carne humana. Minervino conta-lhe detalhes sobre os cavalos. Hércules tem uma desavença com o deus Apolo seu irmão e fica furioso, levando consigo a trípole do templo. Fato este ocorrido, após a desfeita da pítia, a figura grega que se nega a atender o herói na revelação das previsões futuras.

Por intermédio de Palas, acalma-se e, devido a essa calma, cessam-se as tribulações por meio de um aviso de Zeus com um forte raio. Lobato (2017), ressalta que em Tíngis, Hércules luta contra o perverso gigante Anteu vencendo-o. Por essa razão, o herói perde suas forças por certo tempo. Neste espaço de tempo, então, Anteu começa a ficar fraco rendendo-se à uma ideia por sinal obtida por Emília para considerar que a força do gigante advinha dos próprios pés. O jeito seria suspendê-lo do solo, pairando no ar. O povo da Líbia agradeceu a Hércules eternamente pelo ato de libertação.

Um egípcio, ao se deparar com Hércules, pede ao herói que liberte seu povo da maldade de Busíris que sacrificava no altar de Zeus todos os estrangeiros que ali chegavam. Hércules, em questão de pouco tempo, foi aprisionado pelos soldados, mas conseguiu se livrar. Em decorrência a sua liberdade, ele derrota o rei e a calamidade que cercava o povo.

O herói retorna à Grécia para lidar com o problema da matança humana realizada pelas éguas de Diomedes. Consegue capturar as quatro éguas, guardou-as

na vila de um amigo chamado Abderos. Nesse intervalo, aprisiona o rei e o leva até as éguas para que elas o devorassem provando do próprio veneno. Contudo, antes desse feito, Hércules se decepciona ao ver que esses animais acabam devorando seu próprio amigo.

Para a continuidade da narrativa de Lobato (2017), é importante entender que na cidade de Micenas, Hércules encontra o rei Euristeu, levando consigo uma égua de cada vez (devido à dificuldade de conduzi-las vivas), em decorrência do comportamento de extrema selvageria. Assim que chega ao destino designado, o rei exige que solte-as pela floresta, a ordem é acatada entretanto, mais tarde, as éguas acabam sendo consumidas por um bando de lobos ferozes, famintos, trazidos por Zeus. Com isso, Hércules é advertido do próximo trabalho que insiste em tomar o cinto da rainha amazonas<sup>1</sup> Hipólita presenteada por Ares. Hércules recebe a ordem de que após obter o acessório, este fosse entregue à filha de Euristeu, a qual deseja obtê-lo a todo custo.

A falação de asneiras desnecessárias, sobretudo prejudiciais de Emília, a torna muda após falar mal de Hera mesmo sendo alertada por Minervino acerca dos cuidados a serem tomados quanto a vingança dos deuses. “Porque Emília estava falando mal de Hera quando emudeceu. Emília não tem papa na língua. Diz tudo quanto sente” (LOBATO, 2017, p. 95).

Nesse sentido, deram prioridade à resolução da mudez da boneca falante e a solução, afinal, foi retornar ao Olimpo para recorrer a deusa Palas novamente. Houve a necessidade de Emília passar pela fervura de Medeia para curá-la ao seu estado normal. A feiticeira como recompensa pela cura tanto de Visconde, proporcionada por ela anteriormente, como a de Emília aceitou em troca o pomo de ouro da Canastrinha de Emília.

No entanto, de modo misterioso e repentino, Emília foi curada. Por essa razão, há uma desconfiança por intermédio da deusa da sabedoria, a Palas Atena. Portanto, ao invés de meio pomo como pagamento pela cura de Visconde, Emília sarou-se sem precisar ser fervida pela feiticeira que, recebeu em troca do pomo inteiro, uma varinha de condão a contentando com total satisfação.

---

<sup>1</sup> “As amazonas formavam uma curiosa raça de mulheres guerreiras, filhas de Marte e Harmonia. Habitavam as paragens do Termodonte, perto de Temiscira, no Ponto. O Reino do Ponto ficava na Ásia Menor, junto ao Ponto Euxino” (LOBATO, 2017, p. 110).

Na sequência, em disparada um bando de vinte garotos veio tomar a varinha de Emília, mas a estrategista transformou-os em utilidades para o acampamento, restando apenas um, denominado Melampo, que os acompanharam com entusiasmo para a próxima aventura da tomada do cinto de Hipólita. Para carregar o novo amigo seguem a procura de um jumentinho, resgatando pelo caminho um asno falante de nome Lúcio, o qual conta que sua verdadeira forma é humana, sendo que o transformaram em animal em decorrência de uma pomada de uma feiticeira.

### **2.1.9. “O Cinto de Hipólita”**

De acordo com o nono capítulo nomeado “O Cinto de Hipólita” (LOBATO, 2017) para conseguir concluir com êxito esta façanha, reuniu renomados heróis, tais como: Teseu; Peleu; Télamon entre outros amigos (LOBATO, 2017). No caminho, propõe ao asno falante que o ajudem com a cavalgada de Melampo e em troca, comeria as rosas do sacerdote de Ísis para voltar à sua forma normal de humano.

Durante a viagem de navio rumo a Temiscira, Visconde conta à turminha a história, dessa vez do deus Zéfiro, deus do vento, após uma visita deste deus, comenta sobre casamento e descendência do deus. Em continuidade, por Minervino é contada a principal origem da guerra de Troia, revelando a anterior causa antes do rapto de Helena. A turminha é apresentada ao herói Peleu, que ciente do propósito de Hércules envia uma carta até a rainha Hipólita por Pedrinho.

De maneira pacífica, Hipólita resolve entregar o tal Zóster para os heróis. Todavia, Juno com toda fúria, intervém gerando uma batalha horrenda entre as amazonas, levando os heróis que recuam para os navios. Hércules não tem outra alternativa a não ser levar como refém Hipólita, a fim da luta cessar ou “baixarem as armas ou perdiam sua rainha e de nada valeram os gritos histéricos da falsa amazona que as havia amotinado” (LOBATO, 2017, p. 145).

Cessada a luta com um acordo amigável, Hipólita entrega ao herói o cinto, pondo fim em mais uma das missões destinadas a Hércules por Euristeu. No que diz respeito ao acontecimento, posterior ao término da façanha, o herói Teseu, não retorna ao seu destino, pois se apaixona e casa-se com Hipólita.

Hércules volta para Micenas. Um mensageiro, encontra o herói, a mando de Litienses, filho de Midas, rei da Frígia um governante aliás, que obriga a qualquer

visitante que chegasse a sua localidade a prestar-lhes algum serviço que o beneficiasse e, em seguida, matava-o cortando a cabeça, independentemente de realizar ou não os trabalhos agrícolas incumbidos. Por isso, ordena ao herói que limpasse o chiqueiro. Hércules, nada satisfeito, questiona em uma conversa pessoal nada agradável com Litiêses e se revolta com tamanha monstruosidade, dando cabo do malvado ali mesmo como um ato natural de revolução entre o herói na Grécia Antiga. Executando-o da mesma forma como os filhos de Midas costumavam praticar com mais vítimas inocentes.

Hércules entrega o cinto de Hipólito à filha de Euristeu, Admeta, o rei no seguimento define como trabalho seguinte para o Herói conseguir os bois de Gerião, um perigoso gigante de muitas cabeças. Nesse sentido, mantinha-se inquieto, cabisbaixo só a encabular os desígnios da desconhecida criatura a enfrentar.

#### **2.1.10. “Os Bois de Gerião”**

Na descrição da décima façanha, um velho capitão chamado Agotiso dono do barco que pegara para chegar até a ilha do gigante, especifica determinado conhecimento sobre esse rei de três cabeças com o nome de Gerião. Visconde comenta a respeito de Poseidon e sua correspondente autoridade no meio das demais divindades, o envolvimento de Netuno em histórias gregas mirabolantes.

Com a orientação de Emília com o faz de conta, Hércules segue para a execução da primeira parte de seu trabalho, derrotando com suas flechas e clava, o pastor Eurition de duas cabeças e o dragão de sete, ambos protegiam o gado de Gerião. Na sequência, ataca Gerião matando-o com flechas no joelho do gigante, tática instruída por Emília, para atingir a parte inferior do rei de modo a sair vitorioso.

A segunda parte da trajetória da narrativa é o transporte dos bois de Micenas. Emília, mais uma vez, com suas ideias sugere que a boiada seja devolvida aos antigos donos. Como ensinamento de boas maneiras indica ao herói que una os gados, uma vez que, foram furtados e levá-los, portanto, a Euristeu em uma pequena quantia seria a opção mais viável segundo a boneca, e que o restante fosse entregue aos ex-proprietários. Na volta, presenciam a linda passagem de Netuno com seus cavalos

marinhos no mar. “Com o tridente<sup>2</sup> na mão esquerda e à direita estendida para as ondas em gesto de acalmai-vos diante de vosso deus Poseidon” (LOBATO, 2017, p. 193).

Na viagem, falam de tudo um pouco. Um exemplo disso é sobre as guerras modernas. Emília compartilha da realidade com os personagens antigos, um misto e partilha de conhecimentos. Há a tribulação da mudança do cocheiro que guiava o carro do sol, quase causando uma tragédia, do sol ser morto por uma flechada, salvo por um raio interventor de Zeus que restabelece a situação, retornando à direção o deus Apolo ao invés de Faetonte (Filho de Céfalos e Eos).

A turma do Sítio visita o palácio da deusa Clóris com um pedido de envio de Ninfas para o sítio de Dona Benta e, almejam nessa troca das Ninfas, o Sabugo falante: Visconde. Contudo, o momento da troca é feito com esperteza, utilizando de outro Visconde confeccionado por Tia Nastácia.

#### **2.1.11. “O Pomo das Hespérides”**

O décimo primeiro capítulo corrobora sobre o jardim das Hespérides, nele há os pomos de ouro protegidos pelo dragão de cem cabeças. Os pomos que, na verdade, eram laranjas que têm como função nascer o amor de forma explosiva em quem os tocar. Contempla-se uma breve luta entre Hércules e Cicno, filho do deus Marte, acertando-lhe um golpe mortal (LOBATO, 2017). Marte, em socorro do filho, entrou em luta com o herói. Entretanto, Palas interfere na batalha entre irmãos. Mesmo assim, Ares é atingido. Por conseguinte, é socorrido pelos dirigentes do carro de Marte, o que veio a significar mais uma vitória de Hércules.

Hércules e a Turma do Sítio visitam o velho Nereu para descobrirem a localização do jardim de Hespérides, que são quatro: Egle; Erítia; Aretusa e Héstia, filha do gigante Atlas. Ao saberem que o jardim se encontra próximo da cidade de Tíngis, partiram para o destino à Líbia e depois à Tíngis. A partir do faz de conta, chegam exatamente ao paradeiro almejado.

Para o enfrentamento do dragão que cuidava dos pomos, Emília teve a ideia de colocar ópio na água do bebedouro da criatura a fim de fazê-lo dormir, facilitando

---

<sup>2</sup> Uma fisga de três pontas com várias utilidades para o deus Netuno em seus afazeres divinos como fisgar os peixes, cutucar os cavalos da própria carruagem marinha, furar a terra em prol do nascimento dos rios, quebrar rochedos e acalmar os vagalhões marítimos (LOBATO, 2017).

o ataque. Assim, fizeram Hércules, com uma clava e flecha, esmagar as cem cabeças do dragão, uma de cada vez. Após esses acontecimentos, despediram com comoção das personagens do encantado jardim dos pomos presenteados, carregando uma cesta com vários pomos, ou melhor, as laranjas-lima. Na seguinte passagem, relataram as benfeitorias de Prometeu para a humanidade e o castigo eterno recebido por Zeus diante da cólera inaceitável mediante ações do titã.

Hércules, mais uma vez, sobre a proteção de Palas, pronuncia-se libertá-lo da crueldade de permanecer eternamente amarrado no Cáucaso, tendo o fígado devorado por um abutre que renascia a cada dia para ser novamente bicado. Primeiro, trataram de tirar o abutre do caminho. Pedrinho fisgou-lhe com uma isca de anzol e, então, Hércules terminou de puxar as pontas de suas asas. Em seguida, ao cortar as asas, Hércules percebe que de tanto se debater, tentando fuga, a ave acabou despencando penhasco abaixo (LOBATO, 2017).

Por fim, o grande herói consegue libertar Prometeu desacorrentando-o, sendo um momento de comoção diante do sublime contentamento do titã “[...] depois de séculos e séculos de martírio pelo crime de haver dado o fogo aos homens” (LOBATO, 2017, p. 261).

Novamente pode ser verificado o apontamento desta passagem mencionada por Lobato (2020), durante o desenvolvimento de uma de suas outras obras denominada *História do Mundo para crianças*. Nela o autor cita um diálogo entre Dona Benta e a Turma do Sítio sobre as histórias antigas de diversas civilizações. E perante uma inquietação pontua a senhora vovó de Narizinho e Pedrinho com relação à superioridade divina na mitologia grega:

Se os deuses permitissem que os homens lhes desvendassem todos os segredos, os homens acabariam virando deuses. Por isso castigavam os abelhudos, como um tal Prometeu que furtou o fogo do céu para o dar aos homens. Como castigo, Zeus, o dono do fogo, amarrou o ladrão a uma montanha de nome Cáucaso, onde um abutre lhe vinha bicar o fígado todos os dias. - Bicar só, vovó? Por que não o comia de uma vez? - Sim; o castigo era esse um bicamento do fígado que durasse eternamente. - Eternamente? Quer dizer que ele ainda está no Cáucaso? Dona Benta riu-se. - Não, meu filho. Aquele tremendo Hércules, cuja lenda você sabe, foi lá e libertou-o [...] (LOBATO, 2020, p. 39).

Em continuidade da análise da obra clássica anterior descrita a respeito dos *Doze Trabalhos de Hércules*, para conseguir concluir com êxito a nona façanha, reuniu

renomados heróis, tais como: Teseu; Peleu; Télamon, entre outros amigos (LOBATO, 2017). No caminho, propõe ao asno falante que o ajudem com a cavalgadura de Melampo e em troca, comeria as rosas do sacerdote de Ísis para voltar à sua forma normal de humano.

Durante a viagem de navio rumo a Temiscira, Visconde conta a turminha a história, mas, dessa vez, a história do deus Zéfiro, o deus do vento, após uma visita deste. Por Minervino é contada a principal origem da guerra de Troia ocorrida 1.200 anos antes de Cristo, revelando a anterior causa antes do rapto de Helena. A turminha é apresentada ao herói Peleu, que ciente do propósito de Hércules que condiz com o deslocamento de Pedrinho ao reino das amazonas encarregado de ser o mensageiro na entrega de uma carta à rainha Hipólita.

O desfecho se deu pela disputa de maior beleza entre as deusas, como vingança de uma deusa que foi a única a não ser convidada para uma festa entre as divindades, intencionalmente por ser conhecida como a promovedora da discórdia. Lançou assim, à mesa a escolha do pomo de ouro pelo príncipe troiano Paris. “[...] Com a ideia do pomo, a malvada conseguiu imediatamente despertar a vaidade de todas as deusas ali reunidas visto que cada qual se julgava a única merecedora da fruta” (LOBATO, 2020, p. 42). Entre Juno, Minerva e Vênus, Paris entregou à Vênus o pomo despertando a fúria das demais deusas e a sequência de calamidades até ocorrer a destruição de Troia.

Pautada restritamente nos conceitos de honra, amizade, respeito e heroísmo, a educação do cidadão contemplava-os para a garantia da ordem social, ou seja, da manutenção hierárquica. Estes valores educacionais idealizavam o perfil de homem completo. Por sua vez, o homem só seria lembrado pelo cumprimento das atitudes heroicas de modo que, a preservação da sociedade passava pela vitória no campo de batalha, lutas e combates. Logo, o educar voltava-se para a apropriação da coragem que ao longo dos tempos acompanhou o povo grego sendo traços memoráveis da cultura antiga (HOMERO, 2011).

Está explícito em Lobato (2018) que, com Hércules a visão difundiu novos patamares de saberes, de sentimentos, bem como, de formação. As personagens modelam um ideário de sabedoria, astúcia e inteligência emocional na construção humana prevista para a época, a partir da concepção de herói surge um tipo de formação moderna, integral.

O mundo na Antiguidade, era explicado pelo mito uma forma de favorecer a assimilação dos valores que regiam uma sociedade guerreira. Pois, enaltece a história da humanidade grega, compondo-se de fenômenos explicados pelas deidades de extrema força e poder até a chegada do pensamento racional filosófico, surgindo novas transformações. Sinais iniciados aprimorados na pólis possibilitando o reconhecimento próprio do homem e do mundo que o cerca. Desse modo, as questões sociais e de formação educativa começam a ser problematizadas, discutidas além de crenças e tradições, possibilitando que o homem como cidadão ou herói inicie uma participação ativa no governo de sua vida, de seu destino, de sua pátria.

De maneira pacífica, Hipólita resolve entregar Zóster para os heróis. Todavia, Juno com toda fúria intervém, gerando, então, uma batalha horrenda entre as amazonas. Os heróis que recuam para os navios, levam como refém Hipólita, a fim de a luta cessar ou “[...] baixarem as armas ou perdiam sua rainha e de nada valerem os gritos histéricos da falsa amazona que as havia amotinado (LOBATO, 2017, p.145).

Cessada a luta com um acordo amigável, Hipólita entrega ao herói o cinto, pondo fim em mais uma das missões destinadas a Hércules por Euristeu, no que diz respeito ao acontecimento posterior ao término da façanha, o herói Teseu, não retorna ao seu destino, pois se apaixona e casa-se com Hipólita, como exposto anteriormente. Hércules volta para Micenas, um mensageiro a mando de Litienses, filho de Midas rei da Tíria que obriga a qualquer visitante a prestar-lhes algum serviço que o beneficiasse. Isto posto, executava-os cortando a cabeça, independentemente de realizar ou não os trabalhos agrícolas incumbidos.

Dessa maneira, ordena ao herói que limpe o chiqueiro, Hércules questionou numa conversa pessoal nada agradável com Litienses, revoltando-se com tamanha monstruosidade e, assim, dá cabo do malvado ali mesmo como um ato natural de revolução entre o herói na Grécia Antiga. Executando-o da mesma forma com o afeto de Midas costumava praticar com mais vítimas inocentes.

Hércules, em seu Décimo segundo e último trabalho, fica encarregado de trazer Cérbero do Submundo, o rei de Hades acompanhado de Visconde e Emília. Para tanto, fala o deus Hades que lhe permite levar Cérbero, o cão que guardava a porta do inferno. Todavia somente com a condição de não haver o uso de armas, já prevendo a derrota do herói com tal proposta. Em vista disso, a ordem segundo

Euristeu era conduzi-lo à Micenas vivo. Então, o herói entra em luta com o animal, matando-o com as próprias mãos. Uma das três cabeças pertencentes ao temível cão tonteou junto às demais, assim como, todo o corpo de Cérbero para facilitar o aprisionamento.

Hades fica inconformado ao ver Hércules carregando nas costas o cão guardião do Submundo. E esperava, aliás, o fracasso do herói e não o contrário. Nesse instante, Perséfone, a majestosa deusa detém a fúria de Hades contra Hércules, controlando-o perante a inesperada revolta. Próximo à localidade a multidão da cidade para ver a Hércules, seus companheiros e a figura monstruosa derrotada sendo puxada pela corda na chegada do Palácio,

Lá estava Euristeu no trono, com Eumolpo, o xereta, ao lado. Ao ver surgir aquele monstro de três cabeças, seguro pela corda de um menino montado em centauro, e depois um asno com uma feiticeirinha em cima, e mais um milho de cartola no picuá e lá no fim o invencível Hércules, Euristeu desmaiou (LOBATO, 2017, p. 284).

Emília desabafou a Euristeu tudo que tinha vontade e que lhe veio em mente acerca da defesa de Hércules pela insistência sem cabimento do desgaste do herói que jamais será vencido. Ao se retirarem na saída, Emília, na praça, acaba presa por autoridades que alegaram o crime do pacto dela de feitiçaria pelo motivo de ter transformado dezenove meninos em vários objetos com uma vara de condão. Emília propôs reverter a mágica, entretanto, restava-lhe apenas dez viradas e com a estratégia da “escala corrida”, diante dos objetos enfileirados com um toque pretendia transformá-los a figura normal de uma única vez, e saiu exatamente como planejado, sem precisar recorrer a segundos planos.

#### **2.1.12. “Hércules e Cérbero”**

No último capítulo é apontada a transformação do asno Lúcio em figura humana, ao comer rosas na festa de Ísis partiu para Corinto rever a família. O Templo Avia, construído no momento em que a Turma do Sítio esteve inserida nas aventuras de Hércules, foi demolido e oferecido em honra à deusa protetora Palas Atena como decisão entre as personagens. A deusa obteve muito apreço e encantamento por Emília, enquanto Hera permanece mal-humorada e raivosa. Como continuação dos momentos finais do enredo da história, Minervino revela seu verdadeiro nome, pois,

este fora colocado por Emília, seu nome de identidade real era Belerofonte, o mensageiro de Palas e, diante do descoberto, relembram passagens desse herói grego que já frequentara o Sítio de Dona Benta, montado no cavalo de asas Pégaso.

Hércules recebe novamente um chamado de Euristeu amedrontado com a permanência do Cão Cérbero no palácio. Pedrinho, a pedido de Hércules, foi buscar o guardião do Reino dos mortos e decide junto com sua turminha levar para o Sítio do Picapau Amarelo, Meio A Meio e Cérbero a fim de completarem a variedade de moradores existentes e fazerem parte da família. Lobato (2017) cita na despedida entre os companheiros uma explosão de troca de elogios. Nessa reciprocidade entre as personagens, é possível perceber que, o herói reconheceu de maneira específica cada atributo dos integrantes do mundo moderno de sua jornada heroica.

Emília, 'a dadeira de ideias', por ele, assim denominada, moveu cada ponto estratégico, símbolo de inteligência. Hércules lembrou cada sugestão crucial na resolução dos conflitos. Pedrinho, por sua prudência, o considerou notável de um herói moderno por seu nível de cautela na tomada de decisões. Enfim, chega a vez de retribuir com palavras o Sabugo Visconde, retratado como fiel escudeiro, sendo a representação de humildade, sabedoria e coragem para cada passagem aventureira.

Os três formam um conjunto de perfeição além das virtudes, sinônimo de heroísmo da Grécia Antiga. Emília, Pedrinho e Visconde são eternamente abraçados pelo herói e partiram com o "pó de pirlimpimpim" de volta à morada do Sítio do Picapau Amarelo. Foram instantes de pura emoção na hora de dizer adeus e, assim, cerca de três segundos, desapareceram. O herói aguardou tristonho por algum tempo e, depois, seguiu a procura de Lúcio, o ex-asno falante, a fim de desabafar sobre a ilustre companhia dos picapauzinhos, e poder minimizar a saudade que inundava-lhe o peito (LOBATO, 2017).

Elenca-se como considerações sobre os Doze Trabalhos de Hércules, após as análises interpretativas que, as histórias descritas remetem na junção entre de dois mundos "antigo e moderno" a relevância dos clássicos para a formação humana. Assim como, a valorização de ambos os períodos, possibilitam uma proximidade com os princípios: lúdico, fantasia e realidade, contemplados no conteúdo e adquirida no aprimoramento da leitura das fontes.

### 2.1.13. “O Minotauro”

A obra de Monteiro Lobato (2020), “O Minotauro”, publicada pela primeira vez em 1939, está dividida em 24 capítulos curtos que levam Dona Benta, Pedrinho, Emília, Narizinho e Visconde até a Grécia Antiga para desvendar o desaparecimento da Tia Nastácia, ocorrido depois do casamento da Branca de Neve. A escolha pela obra se deu devido a história na abordagem da temática abranger a mitologia grega, integrando-se às perspectivas do mundo real, moderno, assim, ter considerado a ideologia dos clássicos da Antiguidade foi uma das primeiras razões pela opção da obra. Os capítulos são denominados dos seguintes enunciados:

**Quadro 02: referente aos capítulos do livro “O Minotauro”**

<b>Capítulo 1:</b> Uma Aventura puxa a outra
<b>Capítulo 2:</b> Rumo à Grécia
<b>Capítulo 3:</b> Desembarque na Grécia de Péricles
<b>Capítulo 4:</b> Em casa de Péricles
<b>Capítulo 5:</b> Discussões em Atenas
<b>Capítulo 6:</b> Fídias nocaute
<b>Capítulo 7:</b> Visita as obras do Pantenão
<b>Capítulo 8:</b> A estátua de Palas Atena
<b>Capítulo 9:</b> O pó número 2
<b>Capítulo 10:</b> Nos campos da Tessália

<b>Capítulo 11:</b> O sonho de Pedrinho
<b>Capítulo 12:</b> Em marcha para o Olimpo
<b>Capítulo 13:</b> Em procura de Hércules
<b>Capítulo 14:</b> Dona Benta e Sócrates
<b>Capítulo 15:</b> Batatas e Sócrates
<b>Capítulo 16:</b> A Hidra de Lerna
<b>Capítulo 17:</b> Ninfas, naiádes, dríades e sátiros
<b>Capítulo 18:</b> Os narizes de Atenas
<b>Capítulo 19:</b> Os gregos visitam o iate
<b>Capítulo 20:</b> A Esfinge e o Oráculo de Apolo
<b>Capítulo 21:</b> No Labirinto de Creta
<b>Capítulo 22:</b> Sófocles parece
<b>Capítulo 23:</b> A Panateneia
<b>Capítulo 24:</b> Fínis

**Fonte:** Elaborado pela autora, 2024.

O quadro anteriormente apresentado refere-se ao livro *O Minotauro* de Lobato (2020), conforme a ilustração abaixo. Na descrição redigida, a obra comporta vinte e quatro capítulos comentados de forma ampla sobre a integração das histórias na sequência da imagem.

**Figura 04: Imagem do livro O Minotauro**



**Fonte:** Acervo pessoal da autora (2024).

Conforme retrata Lobato (2020), ao descrever o capítulo “Uma aventura puxa a outra”, a festa de casamento do Príncipe Codadade com Branca de Neve é interrompida pelo ataque dos monstros da Fábula. Desse modo, apresenta no desenrolar dos fatos que:

Dona Benta, Pedrinho, Narizinho, Emília e o Visconde conseguiram salvar-se pela fuga, a bordo de O Beija-Flor das Ondas; mas a pobre Tia Anastácia, que se distraíra nas cozinhas do palácio com o assamento de mil faisões, perdeu-se no tumulto. Fora atropelada, devorada ou aprisionada pelos monstros? Ninguém sabia (LOBATO, p. 7, 2020).

A turma, então, organizou uma expedição para o salvamento da Tia Anastácia. Dona Benta partiu com os meninos para a Grécia, a bordo de ‘O Beija-Flor das Ondas’. Explica ela que existem duas Grécias, a antiga e a de hoje, mas que a antiga é mais

interessante, e convida os meninos para esta Grécia, cujo nome de Hélade<sup>3</sup>, povoada pelos Deuses e semideuses, de ninfas e heróis, faunos e sátiros, de centauros e mais monstros tremendos, como a Esfinge, a Quimera, a Hidra, o Minotauro. Afinal, faz comparações da Grécia Antiga com a Grécia Contemporânea, mencionando a utilização de uvas e figos secos e o aparecimento de soldados de saio como elementos representantes da cultura clássica.

Segundo Lobato (2020), Dona Benta, em suas histórias, derrama conhecimentos sobre a Grécia, e começa dizendo que foi pequenina em tamanho e tornou-se o maior povo da Antiguidade pelo brilho da inteligência e pelas realizações artísticas. Fala das heranças que a Grécia deixou para a atualidade, isto é, houve uma impregnação grega, como palavras de origem grega, amarradas a discursos, como lembra Pedrinho sobre palavras utilizadas pelo promotor, no casamento da filha do juiz, como: “Demóstenes”, máximo orador da Grécia, usada para comparar uma grande oratória, ou “Himeneu”, para dirigir-se a um casamento na atualidade.

Contudo, na Grécia antiga era o nome do deus do casamento, filho de Baco e Vênus, como o termo “carro de Apolo”; Deus grego da música, das artes e da eloquência. Desse modo, citou “Aurora”, que era a deusa grega da manhã, que abria o dia no seu carro puxado por corcéis de asas, com uma estrela na testa e um archote aceso na mão. Discorreu sobre o “Himeto”, monte famoso pelo seu mel e pelos seus mármore, e “Eros” que significa cupido. Emília logo entra na conversa perguntando do tal cupido, - “É Eros ou Cupido”?

Mediante a interrogação, Dona Benta responde que Eros é o nome usado na Grécia, e Cupido foi uma mudança que ocorreu depois que Roma conquistou a Grécia, até os deuses gregos mudaram de nome. Zeus, o pai de todos, virou Júpiter; Ártemis virou Diana; Palas Atena virou Minerva; Hércules virou Hércules, - e assim por diante (LOBATO, 2020, p. 9).

Dona Benta continua a relatar que todos os dias usa-se palavras e expressões gregas, que até a Tia Nastácia, diz palavras gregas como “eco” para falar de uma voz que responde longe, mas que a palavra se originou da ninfa Eco, que falava pelos cotovelos, pois de tanto falar atijou a ira da deusa Hera, transformando-a em voz sem

---

<sup>3</sup> O Termo *Hélade* corresponde à transliteração da palavra grega *Hellás*, que era utilizada na Antiguidade para se remeter aos territórios que detinham uma matriz cultural semelhante, o que possibilitava aos seus povos que se identificassem enquanto *helenos* – ou seja, os descendentes de Helen (ASSUMPÇÃO, 2011, p. 1).

corpo. Em suma, percebe-se na evolução de alguns pensamentos e conhecimentos mais recentes sua originalidade do passado. No relato sobre os termos supracitados, Lobato (2020) explicita que grande parte das ideias do mundo contemporâneo são provenientes da cultura grega antiga. “A maior parte das nossas ideias vem dos gregos... ainda diz ‘Quem estuda os filósofos gregos encontra-se com todas as ideias modernas’, ainda que as parece mais adiantadas” (LOBATO, 2020, p. 9).

Em consonância ao diálogo com Emília, Dona Benta fala sobre a Grécia. Para isso, utiliza a palavra “milagre grego” para explicar que determinada ocasião milagrosa suscitou-se da inteligência humana, e que na atualidade existem fachadas com formas, enfeites inventados pelos gregos. Lobato (2020) comenta que o monumento do Ipiranga, em São Paulo é grego dos pés à cabeça, em conformidade falou de frisas, arquitraves, cornijas, tríglifos, tudo é grego, dizia ela.

Enquanto Dona Benta discorria sobre o assunto da Grécia, as crianças iam se armando de questões sobre os significados das palavras, dos nomes e suas relações sobre a Grécia e, sobre o percurso da viagem, comentando sobre peixes, sobre a vida no mar, “Enquanto Dona Benta discorria sobre a Grécia, O Beija-Flor das Ondas singrava mansamente de rumo a Atenas. O Visconde ia no comando com o Marquês de Rabicó a servir de imediato” (LOBATO, 2020, p. 11). Nesta relação, o capítulo da obra de Lobato (2020) se encerra com o diálogo entre as personagens Narizinho e Emília, sobre o paradeiro da Tia Nastácia, prevendo a possível hipótese de ela ter sido devorada pelo Minotauro.

Conforme Lobato (2020, p. 14), em “Rumo a Grécia”, Dona Benta inicia o diálogo com um possível problema: como iriam penetrar na Grécia Antiga? Pedrinho logo respondeu - “ Pulando por cima de hoje, vovó!”. Mas, o que deixou Pedrinho curioso foi qual período da Grécia antiga seria o mais interessante. Dona Benta disse que, para ela, o mais interessante foi o período de Péricles, mas que para os netos deveria ser mais anterior, no tempo de pequeninos reinos, de tribos em luta, de famílias poderosas; o tempo da Guerra de Tróia que Homero descreve na *Ilíada*, o tempo dos heróis tebanos, da viagem dos argonautas, dos monstros fabulosos, como a Hidra de Lerna e outros.

Mas antes que Dona Benta viajasse para o tempo mais antigo que o de Péricles, surge a curiosidade sobre o passado, e logo foi dizendo que Péricles era tão

cheio de mérito que deu seu nome ao século, sendo conhecido como Século de Péricles, o quinto século antes de cristo, que nasceu no ano de 495 antes de Cristo.

Como relaciona o autor Lobato (2020), a história de Péricles foi contada pelo famoso “contador de vidas” Plutargo, que admira encontrar em um mesmo homem tantos méritos e que apenas no físico não foi perfeito, por falta de regularidade na forma do crânio. Dizia ele que, Péricles tinha uma cabeça igual de totó Cupim, com uma bossa no cocoruto, pois só se deixava retratar com um capacete na cabeça, mas que se não fosse esse defeito era um homem de grande beleza física, que se aproximava da beleza olímpica. Na demonstração de tamanho reconhecimento da mitologia grega, em especial, aos deuses, símbolos de beleza e autoridade, declara-se que, “a beleza olímpica é a que se caracteriza pela serenidade da força e o perfeito equilíbrio de tudo” (LOBATO, 2020, p. 15).

Entende-se que o interesse das crianças levava Dona Benta a ter que explicar tudo nos mínimos detalhes. Por conseguinte, continuando no esclarecimento para maior compreensão, Tessália era uma das partes da Grécia composta por diversos Estados independentes, mas que eram unidos pela mesma língua, cultura e religião. Havia a Tessália, o Poloponeso, a Helas e o Epiro, divididas em pequenas repúblicas, como Átira e Esparta. O Olimpo foi a morada dos deuses gregos, mas se mudaram para o céu, o governador era Zeus, considerado o deus dos deuses, que depois virou Júpiter em Roma.

Narizinho lembrou de outra história que Dona Benta havia contado para eles, na *História do mundo para as crianças*, sobre os doze deuses. Dona Benta, então, continua dizendo que esses deuses compunham o estado maior das divindades gregas e habitavam a tal montanha do Olimpo. Como eram criaturas imortais, superiores aos homens, tinha uma beleza especial - a beleza olímpica, beleza essa, de quem vive liberto do medo. Explica ela que será raro um mortal revelar a beleza olímpica, porque tem o físico marcado pelas preocupações morais e materiais do mundo, as filhas do medo. Afirma que com os deuses não era assim, pois estavam acima da Moral e do Medo. Desconheciam doenças e alimentavam-se da “ambrosia”, como a bebida, o néctar com significado divino e imortal se tratava do manjar dos deuses. Narizinho ficou curiosa para saber o que é esse tal néctar. Emília já queria provar, pois, para ela, esse néctar seria do mel das abelhas e a “ambrosia” disse não saber o que seria.

Dona Benta continua a história que como os deuses viviam dessa maneira, sem cuidado, sem temor, sem a pressão da luta pela vida, foram adquirindo um tipo de beleza que não é da terra, a beleza olímpica, por isso, fala-se que, determinada pessoa assemelha a um deus grego, porque referia-se a beleza olímpica como sinônimo de perfeição.

Narizinho pergunta de Péricles e Dona Benta responde que, segundo Plutargo, Péricles tinha a majestade dos deuses do Olimpo. Por fora e por dentro, sua inteligência revelava a profundidade das verdadeiras inteligências. Narizinho pergunta se existem inteligências não verdadeiras e sua avó responde que nesse mundo vê-se muita inteligência, mas nada verdadeira. Neste ensejo, a inteligência de Péricles pertencia à classe das verdadeiras, que alcançam extremidades. Nesse aspecto, ele foi o maior homem do seu tempo, o maior orador, o maior estrategista e o maior estadista que governou Atenas por vontade expressa do povo. Além de ser o melhor estadista, renomado, foi o maior amigo das artes que graças a Péricles, Atenas transformou-se numa obra prima de arquitetura e escultura.

Pedrinho queria saber o segredo de o povo ter chegado a esta altura de glória e maravilhas. Dona Benta disse que é resultado de um bom governo. Complementa que teve início quando Sólon, fez as leis da democracia. Afirma que Sólon endireitou a Grécia, ela se encontrava em plena desordem, ou seja, com o povo escravizado a senhores. Sendo poeta, deixou o elogio de sua própria obra em um dos versos que todas as crianças sabiam de cor, “[...] aos que sofriam o jugo da servidão e tremiam diante de um senhor, eu dei a independência. E tomo o testemunho dos deuses ao afirmar que a terra da Grécia, à quam arranquei os grilhões, hoje é livre” (LOBATO, 2020, p. 17). Disse que as leis de Sólon deram aos gregos a verdadeira liberdade.

Pedrinho pergunta o porquê disso acontecer. Dona Benta explica que, para o homem, no clima de liberdade ele se sente mais feliz e prospera harmoniosamente e que, quando muda o clima, a liberdade desaparece, vem a tristeza, a aflição, o desespero e a decadência. As sensações positivas são comparadas com o sítio, a um lugar de liberdade aos moradores, cenário de contentamento e tremendas aventuras, libertos para pensamentos e movimentação do corpo e da alma. Explica ela que a Grécia é o Sítio do Pica Pau Amarelo da Antiguidade, foi a terra da imaginação e se admira com a arquitetura e escultura da Grécia Antiga.

Dona Benta disse que o pensamento se enriqueceu das mais belas ideias que o mundo conhece, como a sabedoria de Sócrates e Platão. Que viver na Grécia daquele tempo era um prazer de se viver porque era possível o prazer de sonhar, criar a verdade e a beleza, que nunca houve no mundo tão intensa produção de beleza como na Grécia que o que há de beleza no mundo moderno é herança de lá. Emília termina a conversa dando viva ao Sítio do Pica Pau Amarelo da Antiguidade e as ondas do mar, repetiram como um eco Viva! Viva!...

O Beija-Flor das Ondas chega aos mares gregos. Emília viu a linha das costas pelo binóculo. Terra, Terra disse Emília, estamos chegando! O iate entrou em Porto do Pireu e descia a âncora, mas ficaram decepcionados, pois viram um porto como todos os portos modernos. Pedrinho, então, disse à sua avó que nem valeria a pena descer. Seria melhor dar o mergulho no século de Péricles. Todos concordaram, fechando os olhos, fazendo tchibum!! Foram parar na Grécia de Péricles. Como um encanto tudo mudou. O porto era o mesmo, mas havia navios diferentes, só mastros com cordame e velas branquinhas.

Dona Benta desceu ao cais com os netos. Emília e o Visconde, fardados de comandantes, observaram que a moda era diferente. Os homens vestiam uma túnica de nome Chiton. Emília logo foi pensando que era o mesmo que chitão. Dona Benta explicou que o emprego das letras 'ch' no grego tem som de "q". Essa túnica é uma peça do vestuário dos dois sexos, é roupa de baixo por cima e, em seguida, vem o manto que chama de "peplo".

As crianças perceberam que era um pedaço de pano quadrado preso ao corpo por um alfinete ou broches. Emília logo viu que o tecido era de lã. Dona Benta disse que tinha peplos de todas as cores. A textura era de algodão e seda. Tinha outros peplos com um formato diferente chamado "clamide", usado pelos elegantes. As mulheres vestiam uma túnica sem mangas sobre outra peça de vestuário de nome chitonion, que seriam as camisas das mulheres modernas. Para saírem na rua, usavam o Himation, nome do peplo feminino.

Narizinho observou uma moça usando um lindo Himation bordado a seda. Nos pés usava sandálias. Pedrinho viu que os homens usavam borzequins amarrados com fios. Pedrinho observou a diferença entre o movimento urbano da Grécia com a Modernidade, pois na Grécia antiga observou que eram sossegados no caminhar, diferente do mundo moderno que todos vivem apressados. Narizinho e Pedrinho

lamentam o progresso do mundo. Pedrinho chama a atenção para a expressão sossegada dos gregos. Disse que todos parecem olímpicos. Dona Benta argumenta que todos estão livres do atropelo e cultivam uma sábia ginástica. Por isso, adquirem esses corpos cheios de forças e beleza, elogiando, então, suas roupas. Emília argumenta que os modernos usam canudos nas pernas, as calças, que os homens modernos são bestas de cargas, por usar muitos bolsos para carregar objetos e que os gregos não carregam nada, só leva para a rua a sua beleza seu sossego e serenidade.

Dona Benta elogia a moda dos gregos. Ela diz que acertaram na arte de vestir. Usam roupas que não ofendem a forma do corpo humano. Complementa que a moda moderna é dotada de mau gosto. E nesse relato, cita que a moda de outros tempos foram perdendo o senso de beleza. Ela chama de feiura moderna os trajes mais atuais.

Dona Benta e os meninos entraram em uma rua de maior movimento e chamaram a atenção dos que estavam passando. Alguns curiosos passaram por eles e os rodearam. *“Aquela velha vestida de um modo exótico, de saia e paletó de quartinho, acompanhado de crianças esquisitas, causou-lhe espécies* (LOBATO, 2020, p. 22-23)”. O povo daquele lugar estava acostumado a ver estranhas criaturas vindas da Ásia, mas, para eles, a turma do sítio era novidade. Por isso, imaginando ser essa chegada algo inusitado, pararam e perguntaram a eles de onde vinham.

Dona Benta, então, disse a eles que estavam vindo do Picapau Amarelo. No entanto, os gregos pensaram se tratar de um país. Não sabiam qual localidade situava o Sítio. Mesmo assim, ela não pensou que explicar demoraria muito tempo, teria que passar por todos os acontecimentos da história. De maneira que achou inútil, pois os gregos não compreenderam nada. O interesse da turma era fazer uma visita ao senhor Péricles.

A resposta dos gregos foi que ele morava em Atenas, a quarenta estádios dali. Pedrinho perguntou a sua avó: quanto seria isso?. O estádio é uma medida de distância dos gregos, corresponde a 200 metros. Pedrinho fez as contas, se Atenas estava à quarenta estádios do Pireu, daria oito quilômetros a pé, pois não havia nenhuma condução que os levasse. Contudo, levaram menos de uma hora em Atenas.

Perguntaram novamente a um passante. Ele, então, disse que ficava a meio estádio adiante virando à esquerda da Ágora a praça onde as pessoas passeavam, discutiam e formavam opiniões; sendo utilizada, também, para o comércio; nela se realizavam as assembleias das cidades gregas, para comunicar decisões para os cidadãos e tomarem decisões; o caráter político era tão significativo que a ágora fazia parte dos acampamentos militares (ANDERY *et al.*, 2000). Dona Benta seguiu com o bandinho. Avistaram a Ágora, sala de visita da cidade, onde os gregos se reúnem para debater os negócios públicos e particulares, disse Dona Benta a Pedrinho. Neste momento, Pedrinho perguntou o que faziam. Teriam que questionar novamente sobre Péricles. Os meninos se encantaram com o lugar, pois era uma praça cheia de edifícios públicos, templos, casas de negócios, era o coração cívico da cidade.

O centro comercial era feito com tendas de tecido, vasos, diversos tipos de alimentação e todas as mais coisas que se vendem. Os cidadãos atenienses não perdiam tempo com compras, pois quem realizava as compras eram os escravos, comandados por seus senhores. Entende-se que a escravidão era considerada uma prática comum para aquele Período Arcaico da Grécia Antiga, se estendendo pelos demais, os escravos correspondiam aos povos mais marginalizados da sociedade, tratavam-se de pessoas feitas de prisioneiras geralmente após a perda de alguma batalha de seu povoado. Em continuidade a descrição dos cidadãos, a vida deles era conversar, discutir filosofia, dizer mal de Péricles, viver o presente. Queriam saber onde o senhor Péricles morava. Sua fama era de um homem de méritos excepcionais.

Encontraram um amigo de Péricles que, graças a ele, disse que estava dirigindo a construção do templo de Palas Atena e de todos os monumentos da cidade. Dona Benta notou que se tratava de Fídias, o maior escultor de todos os tempos, chamando as crianças para conhecê-lo. Fídias, então, convidou-os para entrar e os levou até seu gabinete. Péricles recebe Dona Benta e as crianças. Eles ficaram maravilhados ao verem no pátio bancos de mármore, uma fonte no centro de água límpida que caía por uma boca de Leão dentro de um tanque regular, e formosas estátuas, vasos e pinturas.

Dona Benta tentou explicar que eram criaturas modernas que viviam no tempo futuro da modernidade. Em sua explicação, enfatizou que viviam no ano que o continente será descoberto pelo navegador Cristóvão Colombo e entre uma conversa

e outra, Péricles disse que os anos na Grécia Antiga eram contados de forma diferente, contavam-se os anos das Olimpíadas que eram os jogos atléticos.

Denota-se que conforme o conteúdo das fontes descritas, o conhecimento pelas personagens e fatos históricos permitem analisar se a educação está vista como um modelo ou se cada integrante construído é um auto reflexo do próprio Lobato, da sociedade, ou de ambos. Nesse ponto, destaca-se, a seguir, a relevância de conhecer Monteiro Lobato para compreender como ele descrevia o mundo nas obras literárias e sua essência por priorizar a fantasia e imaginação, até mesmo para representar os conflitos reais da civilização. Por fim, persiste por corroborar, nesta análise, os ensinamentos contidos nos textos lobatianos como modo de reconhecer a educação na escrita.

As descrições mencionadas em Lobato (2018; 2020) correspondem a partes do referencial teórico supracitado para a análise da pesquisa. Contudo, compreende-se que no aspecto geral, as obras escritas por Lobato continham indícios de experiências vividas por ele, suporte equivalente para o entendimento dos próximos apontamentos com base na vida e obra desse escritor, envolta em uma sociedade como cidadão espectador e locutor da presente realidade aparente.

A partir desse pensamento, as características lobatianas, portanto, são amplas e percorrem sobre as peculiaridades do trabalho do autor. Assim, com perfil nacionalista traz em suas histórias crenças de um povo, dando ênfase ao folclore brasileiro; visto que contempla a mistura do folclore com literatura europeia, americana e heróis da mitologia tornando-os mais atraentes. A existência do maravilhoso aprecia elementos externos no conteúdo das obras e caminham juntos à realidade e o faz de conta, ambos fazendo uso desse paralelo: entre o mundo real e o imaginário. Ousou ser visionário em sua escrita, optando pelo humor e ironia, não seguindo hierarquia na escolha de seus personagens o que demonstrou altamente serem todos relevantes, viés para que as crianças se identifiquem com suas histórias se vendo retratadas nelas.

As histórias de Lobato obtêm uma intensidade que proporciona à criança adentrar-se na história, e na troca de papéis ao se colocarem no lugar do personagem, referem-se aos sentimentos numa aproximação do texto literário à fala coloquial, juntos no entendimento de um ser e de uma sociedade.

## 2.2. A IDENTIDADE NAS OBRAS: CONHECENDO O AUTOR

Em vista dos argumentos mencionados, acerca da interação entre as personagens, almeja-se na identidade do autor compreender o desencadeamento das próprias obras na direção de atender e revelar as proposições que intencionavam Lobato à escrita. Os fatos descritos na seção anterior tendem a proporcionar reflexões para compreender o elo entre a história e os integrantes e possivelmente revelam as disputas de uma sociedade. Assim, fundamenta-se a análise interpretativa com embasamento teórico em Marrou (1973), Martineli (2014), Machado (2003) e Nagel (2006) para dialogar com os clássicos de Monteiro Lobato (2018; 2020).

Para Nagel (2006), quando um antigo herói dá lugar a um outro modelo com uma nova roupagem, mediante as exigentes mudanças de uma civilização, a partir dele, então, se manifestam novos argumentos e requisitos no ideal proposto. Devido às inovações das demandas políticas e econômicas, “força, bravura, obstinação, impetuosidade, habilidade física, astúcia animal para os combates corpo a corpo deixam de ser, lentamente, as qualidades que faziam, de um homem, um rei (ou um herói)” (NAGEL, 2006, p. 40-41). Um grande homem marcado por seus feitos heróicos, torna-se eternizado, mesmo com o passar dos tempos o conteúdo explícito nas fontes primárias e secundárias pode ser retomado como análise de estudo.

Enfatiza-se buscar, nesse paralelo histórico da Antiguidade Arcaica, a relação de como o homem era visto no processo de desenvolvimento humano e o destaque desse sujeito na Antiga Grécia que parecia já estar preparado para ser espelho, exemplo de futuras gerações. Assim, delimitava um ser completo em sua plenitude, diferentemente dos tempos contemporâneos na busca pela produção e apropriação do conhecimento, ou seja, o sujeito está em constante aprendizado e ação formadora e não movido à perfeição como na Antiguidade.

Decorrente aos apontamentos sobre o ideário antigo heróico, uma forma de revisitar o passado e trazer à tona as contribuições deste legado clássico para a educação, seria rever na prática da atualidade, a concreticidade para as presentes e futuras gerações obterem acesso a esse conteúdo didático formador, fornecendo-lhes disponibilidade perante a ação docente frente à abertura desse conhecimento. Seja por meio dos guerreiros da Antiga Grécia, seja pelos novos heróis responsáveis por representar as fontes teóricas como ferramenta pedagógica de ensino “à medida que

o herói épico decai em sua ‘epicidade’, ele tende a crescer em sua humanidade” (KOTHE, 1987, p. 14 – grifos do autor).

Segundo Martineli (2014), Monteiro Lobato, com relevante contribuição literária brasileira, conhecia o ideário escolanovista para a produção dos livros infantis. Dessa maneira, mostrou-se contrário a literatura da época, procurando um viés pedagógico diferente em sua escrita, superando a velha forma tradicional e automática de ensinar história, sobretudo, direcionava um novo olhar à concepção de infância. Esse modo inovador de proporcionar à criança a liberdade com centralidade no âmbito do ensino, permitiu contemplar diversificados meios de expressão como reconhecê-la mediante suas especificidades.

O trabalho pedagógico de Monteiro Lobato possibilita representar a realidade social e interpretar a dinâmica da vida em sociedade. Nessa nova visão para a educação do Brasil no período republicano, as personagens constroem o ponto intermediário das ações educativas, no alcance do mundo fantasioso, imaginário, liberto da imaturidade adulta precoce concedida à criança em toda sua infantilidade. As críticas de Monteiro Lobato negam a intolerância de retratar altamente a criança como responsável, formada de maneira comportamental como um adulto. Martineli (2014) explicita que, “[...] autores clássicos, de alguma forma, escreveram histórias com certos elementos e recursos que atendiam mais ao interesse de entreter a criança, do que de moralizá-la” (MARTINELI, 2014, p. 105).

Nesse aspecto, é válido considerar que a leitura em si, trabalhada apenas com o propósito da oralidade, divertimento e reter a atenção não efetivará o exercício de uma prática final da apropriação do conhecimento. Em outras palavras, necessita ser mediada a fim de contemplar o efeito de uma leitura analítica e crítica. Uma proposta que permite direcionar à formação para um progresso intelectual, entender com base nos autores supracitados esse homem histórico, heroico, repleto de atributos que definem uma civilização, é uma forma de pensar no que o homem, mediante o contexto de ensino e aprendizagem, poderá se formar, por meio da prática educativa suscitada no ensinamento dos clássicos lobatianos.

Conforme Martineli (2014), Monteiro Lobato, por volta da década de 1930, constrói um ideário para literatura infantil brasileira, pois, em meio à escassez de livros ao público destinado, o escritor traz uma visão inovadora na reformulação deste cenário. Além disso, Martineli (2014) complementa que devido a escassa quantia

existente das obras limitadas à didática escolar, há um restrito significado para o progresso da educação. Por essa razão, surge, então, com uma abordagem contrária às expectativas educacionais com fins recreativos, direcionados à ludicidade apenas.

Assim, sua iniciativa “[...] alertava para a inexistência de livros elaborados especialmente para as crianças e sua diversão, com temas e com recursos que realmente atendessem às singularidades e que interessasse o leitor infantil” (MARTINELI, 2014, p. 108). Para tanto, a preocupação seria manter o lúdico atrelado a um caráter formativo, e a adoção dessa harmonia nas produções literárias, para que a leitura não se defina totalmente lúdica, assim como, somente didática, mas, almeja-se portanto, um equilíbrio na escrita.

A explicação, segundo Martineli (2014), quanto à falta de leitura de livros longe do ambiente escolar se dá pelo fato de não haver propriamente fontes adequadas à faixa etária das crianças. A categoria da qual teve maior aproximação, por meio de imagens contidas nos textos, era a categoria adulto.

Lobato demonstra com clareza o quanto considera as ilustrações importantes, assegurando que antes mesmo do conteúdo, as ilustrações ajudam a chamar a atenção das crianças e desenvolver nelas o gosto pelo contato com os livros e, conseqüentemente, pela leitura (MARTINELI, 2014, p. 109).

Nessa perspectiva, revela a preocupação quanto ao desenvolvimento da criança direcionado a aprimorar o pensamento infantil dela, ao mesmo tempo que vislumbra aflorar o uso da imaginação. Em vista disso, faz-se necessário explicitar um indivíduo com capacidades racionais, movido pelas relações históricas contempladas que porventura, não estão evidentes, mas, estão prestes a serem desveladas com a intencionalidade de dar continuidade nos conteúdos clássicos.

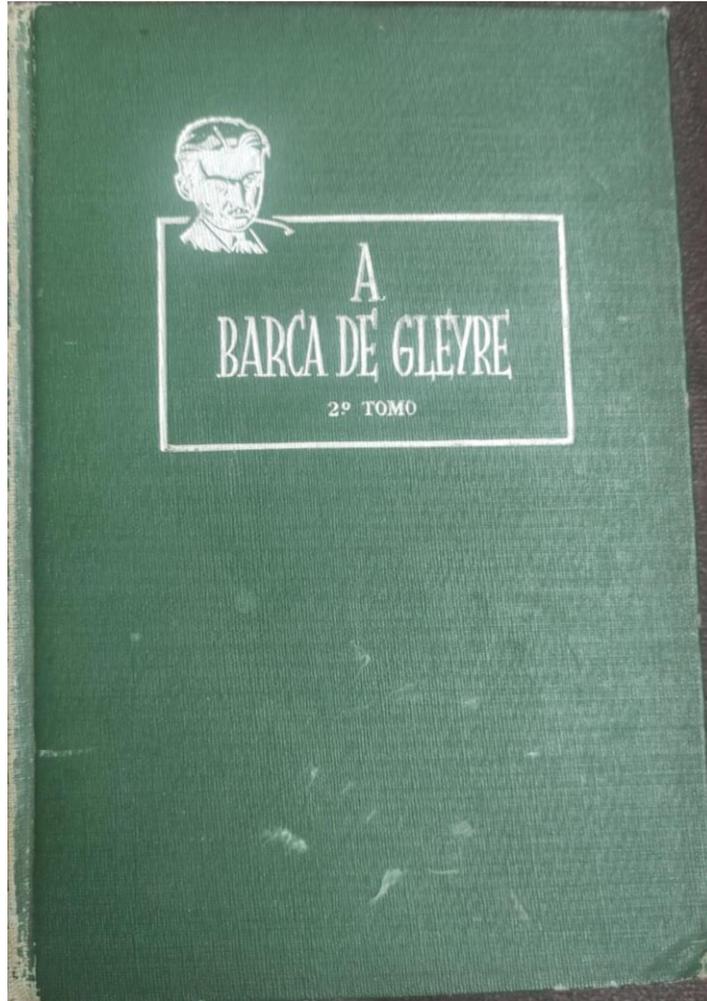
Mediante a tudo que expomos até o momento, surge a relevância dessa análise no trabalho docente com enfoque no sujeito que está em construção física, psíquica, moral e social. Ao descrever sobre as personagens e suas contribuições em dado momento histórico, compreende a interpretação da dinâmica da vida em sociedade, além de visar, por meio da poesia, a realidade, assim como a relevância dos renomados escritores que ultrapassaram épocas, devido à herança cultural nas obras produzidas, servindo de tradição para as próximas gerações. Como prova disso, Leonel (1998, p. 88) argumenta que “[...] as obras clássicas, pela sua originalidade, pureza de língua, e forma perfeita, sistematizam organicamente as representações

que os homens fazem deles mesmos enquanto são transformados pelo mundo que transformam”.

Lobato (1959), em sua obra *A Barca de Gleyre*, reúne as cartas destinadas a seu amigo e escritor Godofredo Rangel que, no diálogo entre duas distintas personalidades retrata os anseios, pensamentos e inquietações lobatianas frente à sociedade brasileira e estrangeira, enfim, da humanidade e as consequentes mudanças ocasionadas no decorrer de mais de quarenta anos (1903-1948) de correspondência literária. Apesar dos relatos sobre arte, economia, estilo e produções que o afligiam, buscavam, nessa troca de escrita, sua inspiração para a linguagem e comunicação. Traduz as circunstâncias permeadas em vários momentos de sua vivência e nas futuras aspirações, com base na essência recíproca de opiniões, leituras e informações.

No amigo Rangel, o autor identifica e deposita fidelidade, companheirismo, confiança e segurança, confidente de longas datas. Para Lobato (1959), enviar e receber cartas passou a ser uma zona de refúgio das atribulações que o cercavam, como a situação atual do país em termos de organização política, econômica, social, educativa. Nessa amizade, a distância e o tempo não apagam o elo de ligação entre eles, mas, pelo contrário, fortalece o sentimento que transborda as páginas escritas, direcionando a tomar a iniciativa de utilizar as revelações de décadas entre dois amigos escritores (Lobato e Rangel) como conteúdo público de leitura. “E por que não escrevermos um livro de memórias? Temos muita coisa a dizer – o nosso depoimento sobre o nosso tempo (LOBATO, 1959, p. 373). A construção dessa ideia resultou na publicação da obra denominada “A barca de Gleyre”.

**Figura 05: Imagens do livro A Barca de Gleyre**



**Fonte:** Acervo pessoal da autora (2024).

Conforme detalhado nas cartas, Lobato (1959) procurava idealizar um progresso para os problemas nacionais, um desenvolvimento estimado pelo petróleo, as estradas de rodagem, a máquina, a indústria, ao invés de ofuscar, com um patriotismo exacerbado, a miséria, o desemprego que assolavam parte da sociedade marginalizada.

Por outro lado, reconhece as belezas naturais do território brasileiro. Contudo, declara seu fascínio no Brasil afora, pelas terras internacionais, em especial, o deslumbramento nos Estados Unidos da América. Com sutileza, salienta, entre as passagens por diversos lugares, ser contra a ignorância que não permite enxergar a realidade aparente. Por isso, renuncia o patriotismo exacerbado, desvelando, assim, que nem só de belas paisagens, turismo e aventuras se codifica uma nação, não se

conformando com as precárias condições socioeconômicas brasileiras e da situação de miséria da maioria da população.

Nas convicções que denotam parte da sua vida, contempla, portanto, uma diversidade de fatores a serem discutidos, na seletiva do que seja considerável, Lobato faz o levantamento de críticas quanto ao conceito estilístico representado na literatura de alguns autores. As cartas, enquanto gênero, para Krauss (2007, p. 24) indicam a apresentação da criação literária na descoberta de seu estilo e “[...] contribuem para a análise das repercussões de seu modo de pensar sobre a produção estética”, uma vez que se atribuíam notória preocupação com a estrutura dos próprios textos redigidos, assim como, comentavam ambos os literatos (Lobato e Rangel) das demais obras literárias não pertencentes a eles (KRAUSS, 2007). As cartas edificadas como raízes são uma forma de manifestar a origem da criação das personagens de Lobato, sendo uma autodefinição do próprio autor.

Desde particularidades, afinidades, contraposições, Lobato define seu modo de pensar, pois nos olhares que vão além da obscuridade camuflada em belas paisagens pode ser definido em uma de suas obras que se tornou história, um simples bate-papo informal redigido entre dois universos ora tão distintos ora tão similares, na cumplicidade descritiva.

Em 1943, relata sobre a perda dos dois filhos homens: Edgard e Guilherme. A dor de uma morte repentina e precoce, enquanto uma calma silenciosa em contrapartida de porventura, se fez sofredora e angustiante. Por esses motivos, desabafou não mais se importar decorrente a trágica fatalidade com a sensação de aflições por ela causada. “Eu não me desespero com mortes porque tenho a morte como um alvará de soltura” (LOBATO, 1959, p. 345).

De modo comparativo sobre a vida terrena salienta que “se estamos aqui como numa escola de aperfeiçoamento, meus filhos acabaram o curso mais depressa do que eu – prova de que eram melhores alunos do que eu” (LOBATO, 1959, p. 346). Em meio a inconformidade, mediante a oposta lei da vida, quando os filhos falecem, tempos antes dos pais, confessa perante a sensação de que para ele o mundo parasse. Contudo, a realidade o obrigava a continuar mesmo que, abalado emocionalmente: “[...] tive de assistir á morte dos dois e ficar no maior desapontamento – “sobrando” (LOBATO, 1959, p. 346).

Lobato (1959) revela trechos de sua vida de forma confidencial, como ao enfrentar a morte dos dois filhos homens. Por conseguinte, surge nos netos a inspiração para dirigir o foco de sua escrita ao público infantil, lembrando que Lobato era pai de duas filhas, pelas quais tinha lisonjeiro apreço. Pôs-se a falar de um Brasil sem camuflagem em meio a desabafos sobre uma precariedade de condições, ousando revelar sem devaneios a vivência cotidiana nua e crua tal como ela é. Autores como Machado de Assis (1839-1908), Ruy Barbosa (1849-1923) e Coelho Neto (1864-1934) são por Lobato comentados a respeito de seus trabalhos como escritores. A descrição dos autores e obras não está somente constituída por críticas e pontos negativos. Por outro lado, há pontos positivos, elogios, deslumbramento do autor diante do contexto de vários nomes da literatura brasileira. Percorre décadas de histórias. Pelas anotações, torna sua vida em partes pública, polêmica, revelando contribuições com um certo retorno financeiro.

Lobato (1959, p. 341) faz apontamentos nas cartas a respeito dos elementos integrantes de suas produções: “muito interessante o que se passou com meus livros para crianças. Os personagens foram nascendo ao sabor do acaso e sem intenções”. Aos poucos, ganharam formas, tornando independentes, evoluídos parece que adquiriram vida própria, como Emília, do Sítio do Picapau Amarelo e Visconde de Sabugosa, o qual permaneceu estagnado em sua plena sabedoria. “[...] Assim, Rangel, se foi criando, por sucessivas agregações, á moda dos polipeiros, um mundinho no qual milhares de crianças vivem” (LOBATO, 1959, p. 343). Isto explica o fascínio pelo público a que dedicava um trabalho de longos anos, sendo este o público infantil; infantojuvenil, jovem e até mesmo adulto.

Aos 66 anos de idade escreve para Rangel, na penúltima carta, a sensação de partida, tomando conta de seu interior físico e mental devido a algumas complicações de saúde adquiridas, inclusive da própria morte, como se pressentisse os futuros acontecimentos. Apesar disso, estivesse confortável a última carta a Rangel subentende-se ao leitor como uma despedida.

Véspera de S. João, 1948

Rangel:

Chegou afinal o dia de te escrever, e vai a lápis, porque a pena me sai mal. Ainda estou com uma perturbação na vista. Uma perturbação que se vai deslocando do meu campo visual, e que num mês deve estar desaparecida. Só então voltarei a ler correntemente. Tenho estado, todo este tempo, privado de leitura - e que falta me faz! A civilização

me fez um “animal que lê”, como é o porco é um animal que come - e dois meses já sem leitura me vem deixando estranhamente faminto. Imagine Rabicó sem cascas de abóbora por 30 dias!

Tive a 21 de abril um “espasmo vascular”, perturbação no cérebro da qual a gente sai sempre seriamente lesado de uma ou outra maneira. Depois de 3 horas de inconsciência voltei a mim, mas lesado. A principal lesão foi a da vista que no começo me impedia de ler sequer uma frase. As outras perturbações ando eu agora a percebê-las: lerdeza mental, fraqueza de memória e outras “diminuições”. Não sou o mesmo. Desci uns pontos.

Não é impunemente que chegamos aos 66 de idade. O que eu tive foi uma demonstração convincente de que estou próximo do fim - foi um aviso - um prepara-te. E de aqui por diante o que tenho a fazer é arrumar a quitanda para a “grande viagem”, coisa que para mim perdeu a importância depois que aceitei a sobrevivência. Se morrer é apenas “passar” do estado de vivo para o de não-vivo, que venha a morte, que será muito bem recebida. Estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no Além! Isto aqui, o corporal já está mais que sabido e já não me interessa. A morte me parece a maior das maravilhas: isto mesmo que tenho aqui, mas sem o corpo! Maravilha sim. Não mais tosse, nem pigarros, nem a corvée da coisa orgânica! E se não for assim? dirá você. E se em vez de continuação da vida a morte trazer extinção total do ser?

Nesse caso, vis-ótimo! Entro já de cara no Nirvana, nas delícias do Não-ser! De modo que me agrada muito o que vem aí: ou continuação de vida, mas sem órgãos já velhos e perros, cada dia com peor funcionamento, ou o NADA!...

Você sempre lidou com doenças, a que não prestei atenção. Porque isso de doenças só doi na gente. Agora que também me tornei um doente, quero que contes o ponto em que está a tua saúde, e as belezas patológicas que enriquecem o teu patrimônio. Como está o coração? Conheces a Digitalis? o Estrofanto?

Depois d’amanhã vou ser examinado pelo Jairo Ramos, o médico que é o Supremo Tribunal desta terra em questão de medicina, e na próxima te comunicarei a minha sentença. Antes que o Jairo fale, não sei como estou.

Adeus, Rangel! Nossa viagem a dois está chegando perto do fim. Continuaremos no Além? Tenho planos logo que lá chegar, de contratar o Chico Xavier para psicógrafo particular, só meu - e a 1ª comunicação vai ser dirigida justamente a você. Quero remover todas as tuas dúvidas (LOBATO, 1959, p. 383-385).

Suas palavras soam na esperança de sempre prolongar com seus escritos até mesmo em um segundo plano, como se pressentisse estar próximo o encerramento da vida terrena, como uma despedida comovente. Na última carta, após ter a certeza do diagnóstico de espasmo vascular, relata estar confortável com o andamento do provável destino, conforme o desencadear da situação e na sintonia de sempre visualizar a realidade dos fatos e o lado bom das coisas ou melhor do espírito. “Estou com uma curiosidade imensa de mergulhar no além! Isto aqui, o corporal, já está mais

que sabido e já não me interessa. A morte me parece a maior das maravilhas: isto mesmo que tenho aqui, mas sem o corpo!” (LOBATO, 1959, p. 384).

Nas cartas a Rangel, Lobato se habilita a conduzir trechos da sua vida em meio a críticas, elogios, reconhecimentos, que remetem à preocupação por direcionar uma atenção restrita ao leitor. Frente a isso tudo, ele ensina, ao mesmo tempo, que aprende nessa ótica de contar histórias, histórias que revolucionaram a literatura brasileira. De modo explícito, não pelo fato de contar histórias, mas, aperfeiçoá-las para que torne uma leitura instigante, prazerosa, formidável e no ajuste da história se estabeleça o elemento principal de formação educativa.

Na relação dos ensinamentos das fontes antigas, como material teórico de estudo para a contemporaneidade, utilizamos os pensamentos de Monteiro Lobato em direção ao trabalho de professores e educadores da educação básica. Com base nas proposições de renovação social esboçadas pelo escritor, a pesquisadora, Maria Cristina Gomes Machado, no ano de 1993, em sua pesquisa de dissertação de mestrado cujo título revela-se por *Reinações de um escritor: Monteiro Lobato*, Machado (1993) debruça em revelar mais sobre a identidade de Monteiro Lobato. Para isso, enfatiza a preocupação em expor os problemas referentes ao Brasil, sem mascarar a realidade e, muito menos, se acanha em posicionar-se frente à imposição política e ideologias utópicas, ousa transformar a mente passiva dos povos desprivilegiados à mercê da proposta neoliberal por meio do acesso a leitura de suas obras ao escancarar em sua escrita a realidade obscura de uma população precária e leiga. Com ênfase a real intenção no olhar à criança que está em formação “as obras infantis de Monteiro Lobato possuem uma linguagem clara e precisa e, nelas, ele trata a criança com muito respeito” (MACHADO, 1993, p. 61).

Ao considerá-la como um ser singular, a criança é livre para escolhas, os livros estão voltados à adequação de suas preferências. “Isto não significa que ela tenha ‘desejo’ natural de aprender. Para Lobato, o desejo de aprender deve ser ensinado às crianças [...]” (MACHADO, 1993, p. 62). O que permite refletir nesse elo entre educação formadora e literatura dentre as questões críticas, o anseio pela modernização do país faz-se um Lobato educador, estimulado por renovar a história, expor uma ação educativa diferente, preparada para suprir as demandas da sociedade, ilustrando, portanto, o papel da escola.

Ao retratar as personagens com visibilidade das casualidades decorrentes à época, o precursor da literatura infanto-juvenil, impulsiona um choque à vista da sociedade. A personagem Jeca Tatu da obra “Urupês” (LOBATO, 1918), por exemplo, preocupou-se em deixá-lo representar atores da vida real, cidadãos que estão à mercê da desconsideração do poder público, segundo o autor, este compreende que a condição da personagem não se refere a um perfil específico, mas a um contexto geral. Nesse ponto, a situação econômica e política do Brasil estava sendo expressa no papel de um caboclo miserável que necessitava de melhorias e ajustes para sair das condições deprimentes da precariedade em nível de saúde e educação.

No Sítio do Picapau Amarelo alguns integrantes, em especial, Emília, Pedrinho e Visconde de Sabugosa, principais personagens da obra “Os Doze Trabalhos de Hércules” (1944), são sinônimos de reconhecimento social. As figuras de notoriedade criadas por Lobato revelam o seu eu interior ao se expor com suas atuações frente ao descontentamento da conduta destrutiva do país. A iniciativa das personagens modeladas com sabedoria e posicionamento inspiram progresso contra a obscuridade do poder aquisitivo vigente e da alienação, todos em um elo de interação social.

Parafraseando Lobato (2017; 2018), Emília é considerada uma boneca de pano que após tomar a pílula no reino das águas claras torna-se tagarela, dinâmica, esperta e espontânea, sendo a representação na literatura do mágico e elemento questionador. Pedrinho trata-se de um menino que simboliza a infância ideal, criança autêntica e se configura como um modelo inovador com características infantis, mas com desejo de mudanças no país. E Visconde de Sabugosa: feito de sabugo de milho representa o conhecimento, um exemplo de “sábio ideal e verdadeiro”. Dona Benta apesar de pouco citada aparecendo apenas no início da obra, sua presença apresenta ser de uma avó idealizada, detêm a função de família matriarcal contra a sociedade capitalista da época, sua figura não exerce autoridade, todavia, passa a noção de experiência para as crianças, seu papel afinal, é de educadora.

Na perspectiva de analisar o perfil que atendesse ao aspecto formativo político, psicossocial, compreendeu-se que, a partir de referências de leitura em especial Lobato (1959), Machado (1993), Martineli (2014), mediante o princípio de uma atuação baseada em recursos literários como instrumento de aprendizagem, a função heroica remodelada volta à tona para rever no herói medidas de prudência, força,

emoção, valores válidos de reconhecimento expressados na modernidade por seu papel social e educativo.

Para tanto, buscou-se, nas concepções pedagógicas e literárias de Monteiro Lobato, as condições necessárias de análise de um ser em reconstrução, considerando que, na Grécia Antiga, o ideal formativo não detinha um caráter de educação formal, mas, expressa-se uma leitura dinâmica, aprimorada, estimulante que despertasse a fantasia, a imaginação e um olhar de sentimentalismo a bravura heróica.

Nas décadas de 1930 e 1940, a frequência à escola primária tornou-se obrigatoriedade. E com o investimento do Estado na educação, o regime era autoritário e centralizador. A literatura infantil no Brasil segue uma linha de pensamento de patriotismo exacerbado, Lajolo e Zilberman (2007) expõem que Lobato é um dos autores que contradizem a regra geral do país, que ressaltam os elementos belos, sem questionamentos dos fatos históricos e folclóricos nacionais. Ele retrata a precariedade, a miséria e a violência em uma linguagem que despertasse interesse na criança.

Os autores Lajolo e Zilberman argumentam a respeito dos clássicos de Lobato *O Minotauro* (2020) e *Os Doze Trabalhos de Hércules* (2017; 2018) “trata-se de uma invasão do mundo contemporâneo, do qual Lobato se apropria antropofagicamente, pois são antes os produtos estrangeiros que se naturalizam, ao chegarem ao sítio ou ao conviverem com os meninos” (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 56).

Nessa percepção Lobato não discorda da produção literária modernista do período, caso o cenário não fuja da realidade aparente. Ele harmoniza suas proposições a um conceito questionador “[...] de ignorar que as duas virtudes — modernização internacional e nacionalismo — não conseguem andar juntas, pois, de fato, elas se expelem reciprocamente” (LAJOLO E ZILBERMAN, 2007, p. 57). O vínculo do mundo moderno com um teor internacionalista é inevitável, contudo, prioriza-se a valorização das origens brasileiras, relativa a afetividade e preservação, na busca por constância e melhorias na sociedade.

A leitura e desvelamento dos clássicos por sua vez, integra-se a um conjunto de conceitos formativos como estimular e desenvolver nos indivíduos o senso crítico com um embasamento racional e encoraja a trabalhar a mente elevando a reflexão, alcançando assim, uma possível autonomia intelectual. Calvino (2007) explica sobre

a significância dos clássicos<sup>4</sup>, que por conter tamanha relevância marca o bastante para ser novamente lido, estudo e cada vez que for revisto em uma nova leitura, são proporcionadas novas descobertas e interpretações, considerados intermináveis quanto ao seu entendimento esse seria o poder dos clássicos.

Para Calvino (2007), dizem-se clássicos aqueles livros que constituem uma riqueza para quem os tenha lido e amado; mas constituem uma riqueza não menor para quem se reserva a sorte de lê-los pela primeira vez nas melhores condições para apreciá-los (CALVINO, 2007, p. 10).

O estudo dos clássicos como fonte de aprendizagem favorece o pensamento filosófico, ou seja, a capacidade racional de se analisar com criticidade. Esse pensamento nos leva ao entendimento de sempre acreditar no outro, em si mesmo e nunca desistir, cumprindo o seu objetivo com ética e responsabilidade pelo bem do próximo e pelo bem comum, sobretudo, na busca da excelência, na compreensão do homem e do mundo à sua volta. Eles são eterna tradição cultural, vida e aprendizado, tão intencionais, reconhecidos ao mesmo tempo que inéditos.

Em face ao exposto, realizaremos na próxima seção, uma análise das possibilidades encontradas no herói Hércules como representação de um olhar a formação integrada, de modo a considerar as convicções quanto ao desenvolvimento emocional e cognitivo da criança. Neste pressuposto, a representatividade da formação integrada em ênfase está estabelecida com base na força por meio da figura dos heróis da Antiguidade, atrelada aos ensinamentos morais das personagens dos clássicos de Lobato (2018; 2020), como recursos para posicionamentos e descobertas. Assim, aprimora-se atribuir nas próximas discussões, a intensificação das propostas de Lobato (2018) por atribuir um olhar voltado à interação social no conteúdo dos clássicos em questão.

---

<sup>4</sup> “Os clássicos são livros que exercem uma influência particular quando se impõe como inesquecíveis e também quando se ocultam nas dobras da memória, mimetizando-se como inconsciente coletivo ou individual” (CALVINO, 2007, p. 10-11).

### 3. A EDUCAÇÃO PARA LOBATO NA PERSPECTIVA DAS OBRAS

A perspectiva de um novo herói, identificado por Emília, rompe com pensamentos arcaicos de uma sociedade reconhecida por valores de guerra e heroísmo. A preocupação está em conceituar a partir de análise histórica a harmonia entre os atributos físicos e intelectuais de um ser completo. Em consonância com o que foi discutido anteriormente, problematiza-se, como exercício metodológico a reflexão sobre quais seriam suas contribuições do conhecimento dos clássicos à formação de um modelo de homem moderno que enfrente os desafios da humanidade que requerem uma inteligibilidade singular e imediata em tempos de guerra ou de paz.

Na intenção de compreender o que foi mencionado por Lobato (2017; 2018), acerca da literatura dos clássicos que contemplam a mitologia grega, torna-se relevante rememorar que o homem grego, destacado por suas aptidões, tais medidas de valor *areté*, *agathos*, *timé* e *kleós*<sup>5</sup> deveria obter linhagem notável, honrar os deuses, a família e a pátria. Todavia, a entre a junção de personagens antigos e modernos nas obras de Lobato (2017; 2018), salientam a possibilidade de incluir nessa aventura um ensino para novos tempos ou a oportunidade de fazer de um herói construído, um guerreiro renovado, mais convicto e instigante ao leitor.

#### 3.1. DE EDUCAÇÃO HEROICA A EDUCAÇÃO MODERNA

A história da educação na Antiguidade inicia-se com os gregos, por uma capacidade reflexiva que os diferenciava de outros tipos de populações, como os egípcios, fenícios, assírios. Murari (2011, p. 90) evidencia que os povos da Grécia então, “[...] possuíam uma identidade cultural e organização política, social e econômica elevada, superior”, representantes de um progresso e inovação da vida em sociedade pelos caminhos educacionais que antes estavam inconscientes. Em face de um ensino arcaico, devido ao período dominante, no sistema educacional grego, a cultura literária, musical e artística estava intrinsecamente ligada às aptidões e habilidades físicas.

---

<sup>5</sup> Para Murari (2011), as virtudes a serem alcançadas pela perfeição heroica corresponde a *Areté* a qual remete à questão da excelência, seja ela física ou intelectual. A palavra *Agathos* à nobreza do herói atrelada à descendência. *Timé* caracteriza o alcance da honra como um dos principais atributos. Por sua vez, a *Kleós* representa “a glória obtida por meio dos feitos grandiosos ou ações virtuosas dos heróis” (MURARI, 2011, p. 95).

Para Murari e Pereira Melo (2009), no final do século IX e início do século VIII a. C, tratou-se de uma época de organização dos antigos povos helenos ou aqueus, como eram conhecidos os gregos. Estes eram constituídos por quatro grupos: aqueus, jônios, dórios e eólios, cada qual com diferentes modos de vivência até o surgimento da civilização micênica. Os *micênios* promoveram os avanços correspondentes à arquitetura e à engenharia, assim como, a construção dos túmulos no formato de abóboda, nos quais os corpos eram colocados, levando consigo jóias, máscaras, armas e vasos. Esses monumentos fúnebres indicavam a concentração de poder econômico que possuíam, ou seja, gostavam de praticar a caça e partir em longas expedições para as técnicas de navegação.

O embate entre as épocas cruciais de desenvolvimento da civilização grega, séculos VIII a IV a.C., é compreendido por passagens no contexto histórico, caminhando do primitivo, a herança helênica, e se constituem para dar lugar, posteriormente, a civilização helenística, originando a outros tipos de povos: os romanos. Por isso, a ênfase aqui mencionada respalda-se no caráter nascente mítico, poético e teatral dos gregos antigos.

O período denominado “arcaico” conheceu um notável impulso da arte e da poesia, tanto na Grécia ocidental, nascida da expansão dos séculos VIII-VII, quanto nas ilhas do mar Egeu. Foi em Atenas, porém, que se estabeleceu a democracia, regime político original no qual ainda hoje buscamos inspiração, ainda que nossa democracia seja diferente da dos atenienses (MOSSÉ, 2004, p. 07).

No conjunto de interações coletivas e conceitos individuais nasce o ideal formativo humano, um modo de educação para os antigos helenos. Nesse contexto, o escritor Jaeger (2003), na obra *Paideia*, estabelece duas palavras para explicar a origem da formação grega: *paideia* e *areté*, alegando que o sentido básico de *areté* no conteúdo educacional grego atribuído pelas poesias homéricas, está determinado como perfeição e equilíbrio físico e mental do homem e *paideia* corresponde ao sentido da palavra educação na Grécia Antiga. Dessa forma, o envolvimento do termo épico diz respeito aos heróis e suas pertencentes ações.

Prioriza-se, primeiramente, a nomenclatura *areté*, iniciada no mundo aristocrático, da Grécia primitiva, sem desconsiderar as mudanças periódicas que resultaram na modificação do homem perante a humanidade, desde então, passando pela tradição formativa clássica (V - IV a.C.), momento em que a palavra *paideia* ganha coerência com

o termo “formação” e acontecendo à idealização da arte grega. Certamente, “[...] os verdadeiros representantes da *paideia* grega não são os artistas mudos – escultores, pintores, arquitetos –, mas os poetas e os músicos, os filósofos, os retóricos e os oradores, quer dizer, os homens de Estado [...]” (JAEGER, 2003, p.18, grifo do autor).

Roseli Gall do Amaral da Silva (2008) e José Joaquim Pereira Melo (2008), em seu artigo sobre a formação do homem ideal na Idade Antiga, assinalam que a organização dos conceitos da *paideia* grega dispõe de dois aspectos: o técnico (a estrutura física) e o ético (a estrutura intelectual). O primeiro aspecto compreendia o manejo de armas, habilidades com os esportes, jogos cavaleirescos, domínio das artes musicais e oratória que favoreciam o domínio da linguagem e a excelência das expressões (*areté*), a fim de atender as demandas práticas de determinado modo de vida. O segundo aspecto no que tange à formação de atitudes e virtudes como a bondade, a hospitalidade, a nobreza, o temor e a reverência aos deuses, a ética para desvencilhar-se de situações inesperadas. Em busca de uma nobreza cavaleiresca concentrada no ideal da consciência helênica, o homem heróico utilizando seu estilo de vida, não apenas se preparava para adquirir uma capacitação profissional, como aliava-se à virtude num misto de comportamento guerreiro e cortesão (AMARAL; PEREIRA MELO, 2008).

O modelo ideal de conduta moral na *Ilíada* era representado por Aquiles, o herói exemplar no século XII, capaz de sacrificar a própria vida em prol da honra colocada em primeiro lugar como um senso de justiça, garantindo a manutenção da ordem social, isto é, seja pela honra própria ou de seus antepassados. O homem deveria guerrilhar a todo custo para o cumprimento da palavra empenhada. Essa escolha simboliza, para Jaeger (2003), a *areté*, o sentido de uma formação humana perfeita associada à força e ao valor heróico, somente pelo equilíbrio do corpo e do espírito se alcançaria a perfeição. Este equilíbrio, tinha, portanto, uma finalidade: a guerra. Assim, conforme Jaeger (2003, p. 26), declara-se o conceito de *areté* como “[...] o atributo próprio de nobreza” para aqueles que descendessem de alto poder aquisitivo integrado a um reconhecimento de herança familiar. Para se chegar à excelência humana, obtendo o prestígio de um homem superior.

[...] de acordo com a modalidade de pensamentos dos tempos primitivos, designa por *areté* a força e a destreza dos guerreiros ou lutadores e, acima de tudo, heroísmo, considerado não no nosso sentido de ação

moral e separada da força, mas sim intimamente ligada a ela (JAEGER, 2003, p. 27).

A expressão da força e da coragem estipulado pela *areté* grega constrói o tipo de homem a se formar. O não cumprimento dos princípios básicos prezados como o heroísmo, a amizade, o respeito que elevam a superioridade, em especial, a honra seria a violação do código ético, o que, conseqüentemente, acarretaria na ruína desse indivíduo promovendo a tragédia humana, desse modo, resultando no desencadeamento de terríveis conseqüências.

Nesse contexto, do passado grego almejou-se, a partir da transição de heróis visar na idealização de um tipo de homem inovador para além das características já consagradas pelos antecessores, um sujeito que se adeque às passagens da memória histórica da Grécia Arcaica e esteja elevado a um potencial novo em destaque. Enfatiza-se em Lobato (2017; 2018; 2020) que os heróis gregos homéricos, ou seja, além de Aquiles da *Ilíada* e Ulisses da *Odisseia*, sendo um reconhecido pela força, outro pela astúcia, consagre nesse termo e desvela com Hércules, na motivação da Turma do Sítio do Picapau Amarelo, a iniciativa entre o agir e o pensar, um aparecimento de sentimentos diante dos campos de batalha, o lutar a todo custo com perda de vidas desnecessárias em detrimento da honra passa a ter novos sentidos. Na compreensão de tal entendimento, torna-se relevante pensar essas questões à luz das transformações ocorridas, no Brasil, em fins do século XIX e início do século XX como veremos a seguir.

### 3.2. A SABEDORIA DOS TEMPOS MODERNOS

Cada período, em seu tempo, demanda a continuidade de certos requisitos como a honra, a justiça e a moral na construção de um novo modelo de homem. A existência de determinados hábitos rumo à perfeição permanece, assim como, sofrem modificações ao longo dos tempos para a efetivação de um papel social que contribua na formação educacional, sobretudo, humana, a fim de atender às necessidades políticas e econômicas em dado momento histórico. Contudo, de modo a reavaliar conceitos, deve-se questionar de que maneira ocasionam mudanças nas épocas, trazendo consigo novas teorias e métodos que geram conhecimento e novas formas de se pensar a educação moderna.

Pensar na dinâmica que envolve a educação no contexto social, é compreender a escolha do valor entre o interesse de um ser em específico, de maneira individual ou a subsistência humana no aspecto geral. A concepção que caminha da singularidade ao coletivo está presente quando um único modelo de homem em uma visada época seria a representação para os demais integrantes dessa sociedade, o espelho da população.

Diante disso, ressignifica a ideia de a sociedade estar corrompida pelos costumes e hábitos. Para salientar a importância da primeira educação (a doméstica) e da educação, advinda do espaço de convivência social, Jean-Jacques Rousseau, em seu livro *Emílio ou da Educação* (ROUSSEAU, 1995), menciona a criança como um ser com suas próprias singularidades e condena as medidas de ensinamentos exacerbadas e supérfluas a ela, levantando uma crítica, inclusive quanto às lições da vida cotidiana de modo, que se permita experienciar na prática educativa contudo, distante dos vícios e maus costumes.

Na Grécia Antiga, preocupa, afinal, inserir a educação desde a infância, mas, acima de tudo, no tipo de ontem que futuramente viesse a se formar no auge da juventude. Em paralelo, na Modernidade, se estabelece a preocupação de Lobato (2018); (2020) com as respectivas obras dos anos originários de (1947; 1933) tornar seus livros motivacionais às crianças, na perspectiva de estarem representadas como fontes de leitura e ensino.

No contraponto a estas duas vertentes, entre o mundo antigo e o mundo novo, será explicitado, na sequência uma forma de rever a educação por meio dos ensinamentos desse herói em constante transformação. A visão heroica desvencilhada da brutalidade e da injúria com relação ao próximo. Os novos companheiros de Hércules questionam, diante da educação grotesca, a injustiça presente em inúmeros atos heróicos cometidos, boa parte sem a real intenção, mas, por serem involuntários os atos, inúmeras vezes nada piedosos. Tal percepção encaminha ao não cumprimento dos valores educacionais pelo herói, como a justiça, entrando em contradição no momento em que necessita ser justo, mas, por outro lado, carece reavaliar seus atos e consequências (LOBATO, 2017; 2018).

Segundo Rousseau (1995, p. 60), “[...] os maiores riscos da vida estão em seu início; menos se viveu, menos se deve esperar viver”. Por isso, é preciso desvencilhar da prática de “[...] uma educação bárbara que sacrifica o presente a um futuro incerto

[...]” (ROUSSEAU, 1995, p. 60), atentando-se aos cuidados enquanto pais ou mestres de fornecer à criança somente o essencial para o seu bem estar vital, não vindo, então, sobrecarregá-la de responsabilidade ou com ensinamentos desnecessários a sua idade. É na infância que se forma a personalidade da criança que se encontra em processo de desenvolvimento material, espiritual, cognitivo, físico e emocional.

A junção dos atributos de cada personagem forma um único ideal. Os três constituíam o que entende-se por excelência, pensar em um homem contendo a esperteza de Emília, a perspicácia de Pedrinho, a sabedoria de Visconde seria enaltece-lo como sujeito histórico na proximidade com que cada um deles dominam determinadas áreas relacionadas a humanas e exatas.

Para os povos da Antiga Grécia, a descendência do homem naquela época era elemento fundamental, o fator de maior influência para designar seu domínio e posição social como manutenção da ordem hierárquica associada aos princípios e virtudes de um procedimento avaliativo físico e intelectual. O futuro, portanto, estava relacionado à preocupação quanto ao educar a criança que estaria em processo de formação na pretensão de tornar essa formação elevada, heroica. O herói obtinha papel ativo na resolução dos males que afligiam a sociedade. [...] Nos tempos modernos havia a ‘justiça organizada’, mas ali a Justiça era os heróis. Eles andavam à caça dos maus, como lá no mundo moderno faz a polícia” (LOBATO, 2017, p. 148).

Na obra “Os Doze Trabalhos de Hércules” (LOBATO, 2018), a relevância da infância é apontada como análise de representação à formação integrada da criança, quando possibilita o conteúdo de ensino aos pesquisadores em trabalhos acadêmicos ou profissionais. O enfoque no desenvolvimento de ambos os papéis do herói e das crianças que transmitem ensinamento a este herói pleno em virtudes físicas, mas falho nas ações que possibilitam desenvoltura, exatidão a fim de solucionar as dificuldades da vida cotidiana e fortaleceria o lado emotivo acrescido do herói. Expressa ao mesmo tempo a maturidade da pequena criança referenciada em Pedrinho, o que nota a inquietação acerca de um importante atributo a ser consolidado desde a infância.

Em maior esclarecimento dos fatos abordados durante a narrativa, verifica-se que o processo educativo pela construção da heroicidade, vivenciada na mudança de comportamento do herói imperfeito, sobretudo, por meio da influente participação dos pequenos moradores do Sítio do Picapau Amarelo é explícita no desencadeamento das aventuras conflituosas percorridas pelo conhecido Héracles (Hércules). Um

homem em toda a sua brutalidade, própria de seu momento histórico, seria capaz de reconhecer os erros, a necessidade do outro, do bem-estar coletivo, apresentando os participantes que ganharam sua confiança e respeito como seus amigos intelectuais repletos de qualificações benéficas. Dono de uma humildade sem fim, chega em algumas ocasiões a não perceber a exacerbada autoestima da boneca de pano falante, “Hércules foi leal. Não achou que Emília estivesse a gabar-se. Confirmou todos aqueles ‘amos’ (LOBATO, 2017, p. 190).

Pedrinho encontra-se em idade formativa de ideias e crescimento como um todo, todavia, apesar de ser apenas um menino, é perceptível estar em alto nível de preparação abrangendo um conhecimento avançado com suas propostas e iniciativas.

Lobato (2017, p. 190) ao relacionar o diálogo de Hércules propôs-se, afinal, a todo instante a defesa e exaltação dos seus novos companheiros de viagens. “A sua descoberta do antro exato em que se escondia o dragão foi elemento decisivo na minha vitória”, e não obstante complementa em uma das falas “[...] e a ideia de ferir Gerião nas pernas, em vez de na cabeça e no peito, como me parecia o certo, foi a melhor ideia de Emília até hoje (LOBATO, 2017, p. 190).

Conforme a sua visão acerca da construção de uma identidade infantil embasada nas particularidades desse indivíduo em formação, o autor Rousseau (1995) consolida no século XVIII os pressupostos da educação o trabalho com o método de ensino individual para tempos não modernos, afirmando que:

A memória projeta o sentimento de sua identidade em todos os momentos de sua existência; ela torna-se verdadeiramente uma, e mesma, e por conseguinte já capaz de felicidade ou miséria. Importa, portanto, começar a considerá-la um ser moral (ROUSSEAU, 1995, p. 60).

Entretanto, saber a distinção da idade da infância e a vida adulta, ordenando os desejos, aflições, o poder, fraquezas no equilíbrio do corpo e da alma, de forma a distinguir o real do imaginário. É importante todas essas características, “[...] juntar-se-ia a liberdade, que mantém o homem isento de vícios, à moralidade que o leva à virtude” (ROUSSEAU, 1995, p. 69). Os atributos da infância constituem de sentimentos e definições que lhes são singulares jamais comparáveis a de um adulto, ao enxergar a realidade ou a fantasia com olhares plenos, serenos e menos preocupantes.

No entendimento da natureza humana potencializa-se permitir à criança expressar suas vontades e limitações para que não haja predominância da imposição, carência de posicionamento de opiniões e atitudes. Em suma, quando há pela criança o alcance da absorção da consciência, da autonomia em sua fase de amadurecimento e controle de demasiada sabedoria se constrói a perspectiva de formar seres solidários, cooperativas, que comovam, participem e inteirem as questões públicas, preocupados com o bem-estar social. De acordo com as associações, o avanço humano está relacionado à soma do coletivo e nele constituem os interesses individuais, uma vez que, as discussões de um estado benéfico para a sociedade dependem das condições coletivas.

Oliveira (2010) ressalta a piedade como uma das principais virtudes evidentes para o meio social da Antiguidade, assim como a serenidade. O ser humano é movido por relações e torna-se dependente das exigências que cercam a sociedade. Para a manutenção e regimento social a união designa a coletividade e o bem-estar das pessoas envolvidas.

Nesse aspecto, estabelece a relevância de prestar reverência a Deus, aos pais e a pátria como direcionadores da sobrevivência humana, exercendo papel fundamental para o suprimento das necessidades equivalentes à formação civilizacional. Para tanto, o ato de piedade origina a existência do homem e pelas resultantes convivências do cotidiano dar-se-á a pacificação. A existência do homem demanda o ato de piedade com o intuito de pacificação dos elos familiares para alcançar a esperada liberdade.

Teixeira (1955) em seu texto *Ciência e Humanismo*, explicita que, para o desenvolvimento humano aquilo que é considerado bons modos, costumes, contempladas por virtudes são descrições provenientes de cada cultura e intrínseca às suas condições. Na comparação entre a vida moderna e a vida da Grécia Clássica há momentos distintos e oportunos que carregam consigo aprendizagem. Do mesmo modo levam a refletir que os problemas vigentes não podem ser baseados nas mesmas teorias e critérios de solução. Novos tempos, novos discursos e concepções sem desvincular da herança cultural e a potencialidade de um ser livre movido pelo trabalho do intelecto, da chamada racionalização.

A filosofia e a teoria do conhecimento elaboradas por e para uma civilização baseada na divisão entre atividade material e atividade

espiritual, haviam de ser coerentes com seus pressupostos sociais e imaginar a vida perfeita como uma vida devotada ao conhecimento pelo conhecimento, ao conhecer para contemplar e participar das delícias da vida das ideias e pelas ideias (TEIXEIRA, 1955, s/p).

Corroborar-se com a ideia de que o homem sofreu modificações conforme as passagens históricas, sobretudo, as transformações sofridas no aspecto social mas além do atributo racional ele permanece movido pela prática de comportamentos, receios, aspirações, ao pensar que este novo homem necessita do equilíbrio físico e mental no controle das ações do mundo e o seu mundo espiritual, ou seja, na superação desse dualismo contemplado entre a referida in-humanidade de uma civilização material, científica, técnica em contrapartida a espiritual, moral e humana.

Teixeira (1955) ressalta a ampliação do uso do método científico na observação e experimentação e que a ciência esteja atrelada à filosofia, ambas rumo à integração de um progresso humanístico para o conhecimento. Nesta progressão integrada, de função humanizadora e harmônica validada pela cientificidade, se concilie ao mundo físico, na produção do conhecimento, o mundo social, político e religioso.

Lobato (2018) ao referenciar Hércules, um herói em tempos desprovidos de ciência, busca um diálogo para a modernidade em palavras de reconhecimento e prestígio “[...] sim, porque se não fosse Emília, é bem possível que o Javali do Erimanto me houvesse pegado. E no caso do boi de Creta, o verdadeiro herói foi Pedrinho” (LOBATO, 2017, p. 292).

O herói revela com humildade seu alcance da vitória pela determinação do próximo, ou seja, a abertura para a consciência da necessidade da presença do outro, do coletivo na concretização de feitos e superações, refletindo no conceito individual de formação humana. Ao perceber que Pedrinho contempla qualidades suficientes e com pensamento avançado de maneira a ser atribuído tão engrandecido quanto o herói, após o auxílio nos acontecimentos, Hércules começa a compreender e desenvolver sua perspectiva educativa.

Hércules explana com toda convicção: “-sim, todos três me ajudaram muito. Todos três revelaram grande inteligência, fazendo-me compreender que se a força é uma grande coisa, a inteligência é a força das forças. Vem daí minha ideia sobre educação...” (LOBATO, 2017, p. 292). A idade de Pedrinho, o menino que em sua infância carrega maturidade por meio de suas atitudes peculiares, mostra estar

disposto a partilhar saberes e experiências, e sua faixa etária permite ser o momento propício para o aperfeiçoamento no processo emocional e cognitivo.

Segundo John Dewey (1979), em sua obra intitulada *Democracia e Educação: Introdução à filosofia da educação*, a vida em sociedade democrática está pautada no homem corporativo, participativo, democrático que obtenha uma formação para a vida pública. A ideia em análise, relaciona a construção desse indivíduo político em desenvolvimento educativo, no intuito de favorecer a organização social. De maneira correspondente, a cidade seja unida, bem administrada, suficiente para a formação integral do cidadão. Com isso, Dewey (1979) elucida que conforme a complexidade social existente em termos de estrutura e recursos, há uma forma de potencializar uma necessária assimilação do ensino e aprendizado formal e intencional. Correlaciona, sobre a devida cautela a ser tomada perante o progresso do ensino e aprendizado formal.

Evitar uma separação entre aquilo que os homens sabem conscientemente por tê-lo aprendido por meio de uma educação especial, e aquilo que inconscientemente sabem por tê-lo absorvido na formação de seu caráter mediante suas relações com outros homens [...] (DEWEY, 1979, p. 9-10).

Como apontado por Dewey (1979), percebe-se a relevância de não se ater a separação da experiência obtida no âmbito escolar e a experiência aprendida em decorrência do meio social inserido. Assim, o ensino sistematizado não diminui a vivência cotidiana, sem desconsiderar ambas aquisições de conhecimentos, denota discernir que uma difere da outra em momentos oportunos. O conhecimento pela leitura das obras de Lobato atreladas ao pensamento de outros autores comentadores do momento histórico em questão.

Na sequência há marcantes exposições a serem ressaltadas como a abordagem das décadas de 1930 e 1940 e o dilema revolucionário sendo a expressão de reajuste da estrutura do país com a expansão e posterior crise da economia cafeeira, a urbanização das grandes cidades, campo de estudo das áreas de ciências humanas e ciências exatas, processo de renovação escolar com os intelectuais da educação, enfim, o contexto da modernização do país frente às reformas educacionais.

## 4. PROPOSIÇÕES DE LOBATO ACERCA DA CULTURA GREGA CLÁSSICA

Neste capítulo, discute-se as relações do contexto e do processo histórico que intervieram no entendimento da discussão de Lobato sobre os clássicos e as exigências formativas na construção do pensamento do homem moderno, com olhar sob críticas e análises de acordo com teorias e vivências do autor.

Por essa razão, a abertura do herói em ter consciência do conhecimento das personagens e perceber que com tamanhas influências consegue chegar mais longe, considerando seu objetivo, faz com que o herói passa a ter um equilíbrio de maturidade. Para a execução da tarefa, Pedrinho ensina com manejo como laçar o touro de modo certo, mas, no instante da sua prática, o herói erra o arremesso da laçada, uma vez que sua experiência era com laços. Pedrinho intervém e com sucesso laça o bicho. Hércules o reconheceu por seu tremendo feito por prender o animal.

Hércules devia ter vexado, porque afinal de contas o herói da festa fora Pedrinho, não ele. Mas seu coração era generoso demais para dar abrigo a sentimentos inferiores. Em vez de sentir ciúmes, pegou o menino nos braços e disse: - Eu queria ter um filho como você, Pedrinho! - e beijou-o (LOBATO, 2017, p. 29).

Nota-se que Lobato (2017), em nenhum instante, com seu posicionamento sobre a personagem desmerece os atributos físicos do herói, sua tentativa é que o aspecto emocional seja trabalhado, uma vez que, o guerreiro emocionalmente equilibrado seria o ideal perfeito aliado a característica robusta, o tornando um ser completo para a humanidade antiga. Contudo, está ciente que o herói, na presença dos demais integrantes modernos da história narrada, é um aprendiz e que sua tremenda força física se torna tão relevante quanto o conhecimento adquirido junto deles.

### 4.1. EXALTAÇÕES LOBATIANAS A GRÉCIA NA LITERATURA INFANTIL

O ideário pedagógico, representado na personagem principal Hércules que floresce a cada expressões e posicionamentos da Turminha do Sítio contribui para a formação do pensamento de educação brasileira do contexto lobatiano. Lobato faz uma relação que possibilita a reflexão sobre o envolvimento de convenientes papéis

que integravam a sociedade conforme a pretensão aqui investigada: como era visto à criança, o docente, o âmbito escolar e, em especial, os conteúdos escolares fortalecidos pelo movimento de renovação chamado Escola Nova. E, nesse pensamento, a preparação das crianças não está concedida em uma escola apenas divertida, livre, mas que integre as singularidades e necessidades cognitivas e emocionais. A partir dos conteúdos básicos de História e Geografia para que a visão do espaço escolar ultrapasse a ideia do lúdico e que não somente de brincadeiras, o ensino esteja integrado, mas intencione as questões mundiais como a guerra, a política e crises e transmitam esse olhar por meio da didática em sala de aula.

O autor multifacetado, dono de personalidades determinadas, silencioso, ao mesmo tempo, inquieto, demonstrou estar descontente com a emergente situação financeira e educacional que o Brasil caminhava. Preocupado com o andamento econômico, educacional e com o progresso nacional do país propôs com o conhecimento que obtinha do mundo afora em campo internacional, a interpretação dos fatos da realidade brasileira ao presenciar obras infantis na literatura da época e até precedentes que não condizia com os interesses da criança.

Pela literatura, o autor revolucionou o setor editorial do país, que era precário e ineficiente, se não quase inexistente, criando meios de distribuir livros nos lugares mais inacessíveis dos diversos estados do Brasil e a um preço pelo qual todo o povo pudesse adquiri-lo (MARTINELLI, 2014, p. 25).

Quando esteve à frente de uma Revista Periódica, abriu espaço no país a novas publicações, desvencilhando a ideia de seguir autores somente renomados como era de costume. Martinelli (2013) esclarece que tal iniciativa gerou oportunidades às edições de autores principiantes, causando diferencial para a literatura brasileira da época com uma variedade de gêneros como “poesias, contos, romances, obras de filologia, livros de sociologia, ensaios e estudos de autores de renome, livros técnicos, história, política, psiquismo, direito e livros didáticos e infantis” (MARTINELLI, 2013, p. 49).

Nesse referencial da política e economia em torno do Brasil e do mundo, como explicado anteriormente, as oligarquias estaduais em destaque, na Primeira República, eram as províncias de São Paulo, Minas Gerais e Rio Grande do Sul. Na época pertencente a Lobato o café era o principal produto da economia brasileira, com

maior exportação, o capital oriundo desse setor impulsionava o desenvolvimento e empregos para a população. Ademais, identifica de forma realista o trabalhador rural do país e a miséria de sua vida, defende a modernização da sociedade, mas as causas que exigiria trabalhadores bem formados para o comércio e a indústria, conformando-os à necessidade do capitalismo.

Em 1920 surgem as primeiras greves operárias em São Paulo e Rio de Janeiro são as principais cidades com maiores manifestações. O movimento das classes trabalhadoras tem início com o aumento das cidades e diversificação das atividades.

De 1931 a 1948 é o período de dedicação de Lobato às produções do Sítio do Pica-Pau Amarelo e traduções, esse mesmo período não cessa sua intenção de produção do ferro e extração do petróleo no intuito de levar o país a modernização da agricultura e de sua industrialização. Insatisfeito com as direções tomadas no governo getulista, passou por episódios conflituosos ao ser preso por recusar as propostas ofertadas pelo presidente Getúlio Vargas (1882-1954) e na sequência ser acusado de má governança de minérios. O autor passava por complicações familiares e de saúde.

Lobato faz referência aos conteúdos que de fato revelassem aspectos dos problemas sociais que assolavam o Brasil. Expõe a importância de se trabalhar a geografia, a história, como conteúdos que estão presentes na vida cotidiana como quando a turminha visita os Estados Unidos e estabelece relações com a cultura conhecida e não explorada. Em suas propostas e projetos, o autor almejava constituir o modelo de criança que fosse a representação do futuro da sociedade.

A educação brasileira no período republicano e a escola pública passou por reformas educacionais, com vistas a educação pautada no atendimento das exigências para a universalização do ensino. No século XIX, as escolas eram unitárias com método tradicional e individualizado. Com o processo da reforma, a Escola Normal aderiu ao método intuitivo e ou do ensino, modificando a formação de professores. A princípio criou-se a escola primária e se construíram os grupos escolares<sup>6</sup>.

A escola estava inserida nesse contexto como promissora no atendimento das demandas necessárias a sociedade, para isso os livros usados corresponderiam aos conteúdos que fomentassem os ideais da primeira república, “a difusão da

---

<sup>6</sup> A denominação grupo escolar referia-se a reunião de várias (de quatro a dez) escolas unitárias que já existiam em uma região em um só prédio (MARTINELLI. 2013, p. 60).

escolarização em massa e a formação dos cidadãos aptos e condizentes a esse novo regime” (MARTINELLI, 2013, p. 58).

No espaço escolar, os livros didáticos aderiram aos moldes de uma educação republicana. Desse modo, a leitura e a escrita eram instrumentos para mostrar a modernização no país. Com uma nova estrutura para a educação, teve início a implantação dos grupos escolares. Instituições reunidas no intuito de equilibrar os custos era destinada aos grandes centros onde a população era maior e, conseqüentemente, aconteceria a escolarização em massa, caminhando-se, como cita Martinelli (2013) para um ensino primário padronizado, racionalizado, graduado e com ensino simultâneo.

A existência dos grupos escolares tratou da organização do trabalho escolar, época em que a educação foi modelada para atender as exigências do período republicano, oferecer um ensino com a formação dual do indivíduo, desenvolvendo o intelecto, moral e o amor à pátria. Em meio a proposta republicana de ensino primário de formar cidadãos com valores, regras e sentimentos patrióticos têm-se a preocupação dos materiais didáticos e livros de leitura que favorecerem progressivamente esse desenvolvimento.

Havia a necessidade de organização da instrução educacional brasileira, para tanto, várias questões começaram a serem pontuadas. Passou a fazer parte do processo educativo o termo avaliação, repetência e as crianças eram vistas de forma generalizada, sem ênfase em suas singularidades. A relevância do pensamento dessa época estava em torno de unificar a nação e para isso na escola almejava o desenvolvimento à democracia e o preparativo para o voto. Com os grupos escolares surge a busca pelo direito a igualdade de acesso a educação, sem distinção de sexo para formação de cidadãos e unificação da pátria como foi supracitado, os grupos escolares obtinham como propósito impedir que o país entrasse em decadência.

[...] a escola não seria mais o espaço que ofereceria às crianças somente os conhecimentos científicos, como a leitura, a escrita e noções matemáticas. Na escola, os alunos deveriam ser educados para a vida social republicana, adquirindo as virtudes morais de um cidadão, como a honestidade, amor ao próximo e a família, e os valores patrióticos, como o amor à pátria e às coisas da terra. Observamos que os reformadores da educação buscavam a formação dual e concomitante do indivíduo na escola: a educação intelectual e a educação moral e patriótica (MARTINELLI, 2013, p. 64).

Os materiais de leitura necessitavam estar relacionados com essa concepção de ensino republicano, a organização das carteiras, favoreceriam o desenvolvimento do ensino, com ênfase nas disciplinas de educação moral e cívica. Acerca dos conteúdos e instrumentos de ensino a escola primária era constituída de “leitura, linguagem escrita, caligrafia, aritmética, geografia, ciências físicas e naturais e noções de higiene, instrução cívica e moral, ginástica e exercícios militares, música, desenho, geometria e trabalhos manuais” (MARTINELLI, 2013, p. 64).

Identifica-se que, mesmo considerando o rendimento escolar proporcionado pela homogeneização do ensino em classes, e que a escola, na forma graduada, fortaleceu a divisão do trabalho escolar, por outro lado, houve o aumento no índice de repetência. Contrário ao projeto inicial de escola pública no preparo de cidadãos conforme o modelo republicano, a ideia de universalização tomou diferente rumo, favorecendo na realidade a expansão de uma escola selecionadora e formadora de elites.

A escola tinha a função de preparar os cidadãos para o novo regime político instaurado no Brasil. Os livros de leitura escolar nesse sentido, seriam o instrumento de ensino da moralidade e das virtudes cívicas, para “[...] exaltar as coisas da nossa terra e idolatrar a pátria, sentimentos necessários para a criação de uma tradição coletiva, de padronização da nação e de homogeneização dos cidadãos de um país tão plural (MARTINELLI, 2013, p. 76). Sendo válido considerar que, segundo a autora, antes do início da Primeira República já haviam textos e livros destinados ao público infantil, obras literárias que determinavam ideais nacionalistas, contudo, sem agradar às crianças.

As obras seriam um suporte na divulgação da proposta republicana de ensino para a formação de um novo homem que se adequasse ao novo regime político. Nessa relação, os livros, contos e poesias da época priorizavam caráter nacionalista e patriótico, expressando o amor pela pátria em primeiro lugar e a defesa por ela a todo custo.

Para Martinelli (2013), o enredo e personagens da literatura anterior a Monteiro Lobato representavam a concepção de que dar a vida pela nação seria uma questão de honra e glória. Para isso, seria um prazer entrar em guerra pelo país, a leitura dessas obras despertava na criança o desejo de luta pela nação e inserção ao exército na convicção de que os defensores obterão êxito e vitória. Os contos tinham

como cenário as paisagens naturais brasileiras, os símbolos patrióticos: a bandeira e o hino nacional retratavam a guerra.

A criança, vista como pequeno adulto, deveria tornar-se responsável e autônoma desde a infância. Assim, desenvolvia nos leitores o zelo pela família. Demonstrava que o papel das meninas seria de garantir a manutenção do lar como dona de casa e protetora dos filhos e o papel dos meninos de futuros chefes de família, provedores do lar. Os livros determinavam lições de moral, instituíram certos valores e sentimentos como a piedade, amor e a bondade. Suas histórias negavam atitudes de mentira e injustiça. Nas poesias integrava a proteção aos seres indefesos e a natureza, bem como, noções de importância ao trabalho que gera sustento e sobrevivência, além do valor ao âmbito escolar. Sem nenhum indício de diversão, tais obras literárias em geral, correspondiam a somente designar a instrução e moralização das crianças, pensando no futuro cidadão civilizado e moralizado que iria se formar (MARTINELLI, 2013).

Em contraponto, a autora debruça sobre o novo olhar de Monteiro Lobato e uma nova forma de ensinar os conteúdos, trabalhando os elementos brasileiros sim, entretanto sem exaltação ou almejo de mascarar a realidade, sobretudo, em uma proximidade com o lúdico.

Em vários livros, como História do mundo para as crianças, Lobato contou a história de outros países e nações, o que nos comprova que seu principal objetivo era disseminar conhecimentos gerais. Portanto, ele defendia de que a criança poderia aprender todos os conteúdos para ela importantes, inclusive aqueles aparentemente mais complexos e que só poderiam ser ensinados aos adultos. Os mais complexos dos conteúdos poderia ser facilmente ensinado a uma criança com uma linguagem simples e propriamente infantil (MARTINELLI, 2013, p. 116).

Relacionava que poderia ser trabalhado com a criança várias possibilidades e conteúdos, basta relacioná-los aos seus interesses e transformá-los em uma linguagem infantil adequada. Lobato utiliza dos pressupostos escolanovista em sua obra. Esse movimento de renovação de ensino em ascensão na Europa e nos Estados Unidos chega ao Brasil, no final do século XIX. Um paradigma pedagógico que reformulou os antigos princípios tradicionais e passou a considerar a individualidade do aluno. Com a alteração do modo de produção e multiplicação das indústrias a formação escolar tornou-se essencial à população. “O processo de industrialização e

a consequente urbanização, bem como certos ideais que se propagaram que pregavam a necessidade de homogeneização da nação, concorreram para destacar a escola como instituição que educaria o povo”. (MARTINELLI, 2013, p. 121).

O Brasil da Primeira República necessitava de mão de obra trabalhadora nas indústrias, época em que se priorizava o voto, pois para efetuar-lo, era preciso que os cidadãos fossem alfabetizados. Segundo Martinelli (2013), o número reduzido de escolas públicas era contemplado por alunos de classe média e o ensino resumia-se em leitura, escrita e cálculo. A partir de 1920, começa a aparecer as transformações na sociedade em caráter político, econômico e educacional com os movimentos sociais como o tenentismo, movimento da mocidade militar, Semana da Arte Moderna, Movimento Modernista, Movimento dos Pioneiros da Escola Nova, dentre outros. Momento em que os ideais da Escola Nova passam a fazer parte do cenário brasileiro.

Lobato buscou inspiração nesse novo paradigma pedagógico para registrar um novo olhar à criança e à educação. O aprendizado ocorre pela imaginação, utilizou temáticas que retratam os conflitos sociais, assim como temas escolares abrangendo: história; geografia; cultura; ciências humanas e ciências exatas. No conhecimento da obra do intelectual Anísio Teixeira, reformulou suas produções e em uma carta o educador aprecia os textos lobatianos, ao adentrarem o pensamento e interesse infantil. Seja nos clássicos ou obras, textos e livros literários nas obras infanto-juvenil de Monteiro Lobato presencia que, a ciência, a geografia e história estão representadas na natureza expressa por Lobato, na cultura nacional e estrangeira, seu trabalho remete a um equilíbrio recreativo e didático (MARTINELLI, 2013).

E pode ser percebido em livros como *História do mundo para crianças* de Lobato (2020), que o autor compara a Grécia Antiga e a atual em uma viagem entre o presente e o passado fornece uma combinação de conteúdos como História, Geografia, Língua Portuguesa entre mitos e cultura grega, as personagens do Sítio do PicaPau Amarelo dialogam como se fosse uma transmissão de conteúdos, causando uma sensação de sala de aula para o leitor.

Nessa inovadora concepção de infância, modificou seus textos para melhor atender as especificidades da criança de acordo com o pensamento escolanovista e a apresentação do Brasil ao público infantil. Desse modo, as lendas, tradições folclóricas, a mitologia poderia ser ensinadas desde que fornecesse uma versão real dos problemas e necessidades sociais, não somente a beleza natural das coisas.

Nos clássicos em discussão *Os Doze Trabalhos de Hércules*, Lobato (2017; 2018) percorre espaços e localizações durante suas fabulosas e árduas aventuras e as personagens são a expressão de uma formação integral, conforme o desenrolar dos fatos, percebe-se crescimento da personagem principal ao se deparar com uma explosão de conhecimentos trazidos pela Turma do Sítio e logo, é transformado, refletindo sobre erros e negatividade em seus trajetos que não permitiam êxito em seus trabalhos. “Percebeu logo que era um desses casos em que a inteligência vale mais que a força bruta” (LOBATO, 2017, p. 174).

Hércules ao concluir todos os seus propósitos que lhe foi incumbido têm a consciência de que antes de seu convívio com as crianças que sua educação era apenas física, educado para lutar sem outros fins. Ao relatar as lições adquiridas pelo herói, Lobato (2017) compara entre o antes e o depois de todo entendimento, valores e sentimentos de humildade, reconhecendo a necessidade do outro para rever as atitudes. “A educação é que transforma esse terreno em canteiro de cultura das artes e ciências úteis e belas” (LOBATO, 2017, p. 304).

Lobato utiliza os integrantes do Sítio na História Antiga para demonstrar que nas expressões e posicionamentos as condições físicas e emocionais caminham juntas. Por meio da fragilidade do herói que se mostrou aparentemente tão forte, mas com sentimentos arrasadores quando questionados, resulta compreender que as ações que o indivíduo concede, refletem o ensinamento que lhe foi transmitido desde a infância no caso de Hércules uma educação heroica, não formal e a influência do ambiente social inserido, de guerras, lutas e deveres a cumprir conforme as leis divinas e hierárquicas. Contudo, não o impediu de crescer, modificar suas atitudes e fortalecer as boas virtudes. Concepções e contradições vencidas pela insistência de Pedrinho, Emília e Visconde em tornar um herói desenvolvido para além de seu período antigo.

#### 4.2. O ELO ENTRE A ANTIGUIDADE E A CONTEMPORANEIDADE

Para analisar a concepção de homem e educação de determinado contexto é preciso relacionar as mudanças históricas e políticas ocorridas na sociedade que envolvem o período a ser discutido, na perspectiva de que a cada transição necessita de uma formação que viesse a suprir as exigências dessa nova sociedade. Como

ressaltar o desencadeamento dos fatos que marcaram a história da Primeira República no que diz respeito às disputas políticas e interesses econômicos contemplados, em especial, na década de 1930 e 1940. É relevante considerar as décadas que antecedem a fim de compreender o conceito, contexto e pretexto para as futuras formulações a serem investigadas.

Na compreensão dos clássicos com ênfase na mitologia grega trazidos por Homero em plena contemporaneidade, torna-se necessário correlacionar as contextualizações da história do Brasil. Dentre os fatos históricos e sociais que nortearam os anos de 1930 e 1940 tem-se o Manifesto dos Intelectuais com destaque a trajetória e representatividade e a crise cafeeira. Um aspecto importante para a organização econômica e política, foi o surgimento da burguesia do café, o processo de formação da classe dominante na economia açucareira e cafeeira, juntamente com a expansão da urbanização e industrialização.

Convém discorrer que a burguesia cafeeira integra vários fatores como a obtenção de terras, força de trabalho, transporte interno, entre outros. A partir de 1929 há a sustentabilidade dos preços do café pela política de defesa permanente por parte do Estado, porém gerou o endividamento dos centros financeiros externos.

“Na transição da Idade Média para a Idade Moderna, a forma de trabalho foi, gradativamente, deixando o artesanato e passando para a manufatura, acentuando-se a divisão do trabalho” (GASPARIN, 2010, p.13). No processo de constantes mudanças no âmbito das relações de produção, nos séculos XIX e XX as funções de direção e domínio sobre a estrutura econômica e social da sociedade foram consolidadas nas mãos da burguesia.

Com a classe burguesa em ascensão exige-se mão-de-obra barata para garantir a produção e acumulação de lucros, é precisamente neste contexto, que a concepção negativa do trabalho sofre uma transformação, o trabalho passa a ser considerado como aquele que dignifica o homem. Para fortalecer as novas relações e a própria classe burguesa houve necessidade de mudanças de concepções científicas, sociais, culturais, artísticas, éticas, filosóficas, educacionais, dentre outras. Os valores vigentes passam a ser pautados no Humanismo<sup>7</sup>, corrente filosófica que coloca o homem no centro de todas as reflexões, marcando a ruptura com a

---

<sup>7</sup> Além de reconhecimento do saber crítico é um conceito histórico ao definir as coordenadas históricas por considerar o relativismo histórico (temporal) essencial para compreender a individualização do presente relacionada à trajetória do passado (OSÓRIO, 2013).

concepção teológica cristã e o racionalismo <sup>8</sup>, especialmente, nos aspectos explicativos.

Com as transformações dos conceitos de terra, trabalho e capital forjadas nesse movimento e o fortalecimento do denominado sistema de mercado se estruturou a chamada sociedade moderna, aqui apreendida como a sociedade capitalista. Terra no sentido de solo, trabalho no aspecto de seres humanos e capital como ferramentas, certamente sempre existiram com as demais sociedades, porém nesta sociedade em ascensão terra, trabalho e capital são concebidos como “[...] “agentes” de produção, como entidades econômicas impessoais e não humanas [...]” (HEILBRONER, 1996, p. 30), a ideia de terra passa a ser de comercialização ou sistema de produção, e não, status social como era considerado na era medieval.

No momento contemporâneo em que o capitalismo se expandia pelo mundo compondo seus mercados por capitais monetários, meios de produção e proletários, elementos fundamentais para a movimentação do mercado interior do capital no Brasil, onde houve ao mesmo tempo o desenvolvimento da agricultura cafeeira e industrialização. “A burguesia industrial brasileira dos anos de 1920 incorpora de forma consistente a orientação fordista e a aplica ao objetivo de submeter o trabalhador aos ditames da fábrica [...]” (SAVIANI, 2013, p. 190).

O crescimento do capitalismo favoreceu “[...] o deslocamento do eixo da vida societária do campo para a cidade e da agricultura para a indústria [...]”, ocorrendo, inclusive, um progressivo processo de urbanização do campo e industrialização da agricultura, urbanização do campo e industrialização da agricultura (SAVIANI, 2013, p. 191). O crescimento da urbanização e industrialização impulsionadas pela acumulação capitalista derivada da cafeicultura ocasiona o alargamento das classes médias asseguradas no movimento tenentista com apoio popular. Contudo, os suportes sociais de domínio da oligarquia cafeeira começam a decair, passando a ser isolada pelas outras oligarquias, como a classe dominante mineira ao aderir à aliança liberal.

[...] cujo fulcro era dado pelas áreas desvinculadas dos barões do café, representadas pelos estados do Rio Grande do Sul e Paraíba. Esse

---

<sup>8</sup> Em uma concepção filosófica, o racionalismo encontra-se desapegado a experiência, estabelecida como corrente de pensamento que conceitua a razão no aprimoramento de crenças. Na época da Idade Moderna, “com efeito, a razão humana se afirma como único guia do homem e inicia um combate à religião e a formas de mitos ou superstições” (HAGUETTE, 2013, p. 199).

núcleo, completado pela adesão de parcela ponderável das Forças Armadas, contando com o apoio das forças sociais das regiões dissidentes e angariando o respaldo das classes médias urbanas às quais se juntou o movimento dos trabalhadores, seja pela sua organização no Bloco Operário-Camponês (BOC), seja pela presença difusa da massa operária, tornou-se vitorioso em 1930 (SAVIANI, 2013, p. 191).

Especifica-se que do movimento revolucionário vitorioso resultou nas implicações do “Estado de compromisso” amparado pelo Exército surtindo como efeito de unificação de partes da classe dominante. todavia, Saviani (2013) pontua a existência de uma discordância em relato na década de 1920, que a burguesia industrial apropriou da taylorista-fordista e o governo provisório ocupante usufruiu das políticas keynesianas. Outro ponto importante a se refletir foi a criação do Instituto de Organização Racional do Trabalho (IDORT) em 1931. Entende-se afinal, que,

O Idort exerceu influência decisiva na formulação das políticas governamentais em todo o período pós-Revolução de 1930 que se estende até 1945, marcando fortemente a reorganização educacional, não apenas no que se refere ao ensino profissional, no qual sua orientação foi decisiva (SAVIANI, 2013, p. 192).

Em continuidade, ocorreu a elaboração das Reformas Capanemas, a constituição do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (Senai) e as leis orgânicas do ensino industrial, secundário e comercial fomentados pela influência do Estado Novo. Mediante as explanações, na questão política como acontecimento em destaque suscitado pela Revolução de 1930, está o “Estado de compromisso” que esteve aliado ao plano governamental, da hegemonia da classe burguesa industrial.

Por conter tamanha repercussão num passado de injustiças e desigualdades sociais, educadores e pesquisadores líderes de um movimento de reconstrução nacional entre as décadas de 1920 e 1930 do século anterior, fizeram história ao aspirar à renovação educacional. A fim de idealizar uma política participativa responsável, preocupada com o estado de crise e desapegada aos favoritismos partidários, baseada na evolução da democracia com ênfase no papel da escola na vivência humana e sua função social.

Com base nos pressupostos supracitados, tornou-se necessário contextualizar a jornada dessa defensiva que continua com o embate entre educadores

progressistas e educadores católicos durante a discussão do anteprojeto da 1ª LDB. Desse modo, buscou-se abordar sobre as precursoras contribuições dos intelectuais que almejavam essa defesa do direito à igualdade, e ao acesso a uma educação pública e de qualidade. A ação desses educadores além de denotar ser a representação dos cidadãos brasileiros, permite torná-los consciente acerca dos problemas que abrangem o Brasil, num período de mudanças e reformas socioeconômicas, políticas, educativas e culturais.

Os Manifestos dos intelectuais de 1932 e 1959 reafirmam segundo Lemme (2004, p. 175), “[...] a existência de uma sociedade homogênea e democrática, regida pelo princípio fundamental da igualdade de oportunidade para todos”. Nessa explanação do autor, pontua-se logo mais que as perspectivas estruturadas estão em processo de tramitação até o presente momento, assim como as propostas políticas atuais. Na significância do trajeto histórico, quando se reflete no conjunto de uma educação laica, gratuita, obrigatória, universal desencadeando análises e argumentações pertinentes.

Pela laicidade se evitará que o ambiente escolar seja perturbado por crenças e disputas religiosas, pela gratuidade, se garantirá o acesso de todos às escolas oficiais. Pela obrigatoriedade se estenderá progressivamente o ensino até os 18 anos [...] pela coeducação não se permitirá a separação entre alunos de um e de outro sexo [...] (SAVIANI, 2013, p. 246).

No pensamento de uma educação como direito de todos, ressalta-se sobre o surgimento de uma perspectiva educacional como teoria transformadora nomeada Escola Nova ou Progressista, tendo como princípio uma proposta de renovação escolar embasada na ciência, liberdade e democracia. “[...] Teoria da educação nova é a tentativa de orientar a escola no sentido do movimento, já acentuado na sociedade, de revisão dos velhos conceitos psicológicos e sociais que ainda há pouco predominavam (TEIXEIRA, 1971, p. 20). Uma nova tendência transformadora de meios e fins por meio do desenvolvimento da ciência, que apresenta-se em sintonia com a constante e inevitável mudança social. Sobremodo, a cientificidade estende-se para além do processo de inovação de ensino.

Teixeira (1971) estabelece o ideário de escola progressiva em detrimento dos parâmetros tradicionalistas, em uma base educativa integradora, concebendo que “[...] cada experiência é um trecho de vida, uma atividade e, naturalmente, a sua marcha é

psicológica. Cada resultado é um produto mental, a ordenação lógica do que foi aprendido daquela experiência [...]” (TEIXEIRA, 1971, p. 72).

O autor enfatiza a necessidade de se organizar as atividades escolares com o meio social do sujeito na busca da resolução dos conflitos econômicos, educacionais que o cercam de modo a não restringir a um caráter profundamente teórico de uma educação pautada em livros e remota oralidade, mas, dar sentido a aprendizagem dos conteúdos quando associada às suas ações experienciadas na prática cotidiana.

Dessa forma, analisa-se a importância quanto a formação e papel docente em considerar a realidade da criança. No seguimento, de “[...] educar em vez de instruir; formar homens livres em vez de homens dóceis; preparar para um futuro incerto e desconhecido em vez de transmitir um passado fixo e claro; ensinar a viver com mais inteligência, com mais tolerância, mais finamente, mais nobremente [...]” (TEIXEIRA, 1971, p. 41).

O educador deve conduzir o processo educativo com aproveitamento na experiência do aluno, na bagagem adquirida antes do primeiro contato com a escola, uma educação ainda não-formal, mas que a partir de sólidas práticas habituais possa traçar os passos da emancipação, e nesse termo, o meio tem influência significativa no exercício escolar.

As matérias escolares como ciências naturais, história, matemática, geografia, entre outras não são técnicas próprias direcionadas a compreensão dos saberes à princípio, sem antes elencar algumas especificidades preponderantes nesse aspecto relacionado às suas fases. “E, por último, esses conhecimentos poderão ser enriquecidos e aprofundados, até receberem uma organização lógica, racionalizada e sistemática” (TEIXEIRA, 1971, p. 70).

Há uma valorização da experiência vivenciada pelo aluno, levando em conta as diferenças individuais. Nessa ação educativa as atividades escolares e as experiências são heranças para o sujeito que se encontra em constante desenvolvimento com destaque na autonomia, aprendizado e possibilidades. Assim, com enfoque predominantemente psicológico, o aluno é considerado o centro no processo educativo. Os métodos giram em torno da observação, experimentação de projetos e de centro de interesses.

Pensar numa educação integral, é avaliar nas formas de aprendizagem que “[...] tanto a criança, como o homem de ciência agem segundo as mesmas leis. Os

resultados do conhecimento infantil não são pedaços isolados [...]” (TEIXEIRA, 1971, p. 72-73). Sobre os conteúdos escolares para a Escola Nova, a aprendizagem jamais se restringe a uma habilidade que se mantenha isolada e nem a um comportamento padrão de norma rígida. A escola apresentada como alicerce da ciência e do progresso desta ciência dela ocasiona-se as transformações socioeconômicas vividas pela humanidade.

Para tanto, a organização escolar encontra-se desvinculada das matérias escolares. Transmissão de todos os níveis de cultura humana para habilitar o brasileiro à vida cívica e de trabalho, além de promover a estabilidade e paz social. Com a garantia da educação escolar nas bases dos processos da vida e de transmissão cultural, “[...] teremos estabelecido as condições de liberdade e de empreendimento indispensáveis para o progresso indefinido da educação” (TEIXEIRA, 1955, p. 10).

Porém, destaca-se que não apenas pela liberdade os alunos serão responsáveis, íntegros e disciplinados. A teoria moderna da educação aprimora a autorrealização e esta conquista requer método, disciplina, controle de si próprio. Inclusive, do ambiente para estar propício na obtenção de virtudes inerentes à sua natureza como a coragem, o sacrifício e a paciência. Com a Escola Nova mudaram-se as funções da família, da indústria, do trabalho e da escola e o homem necessita estar dotado de inteligência, liberdade e responsabilidade para se alinhar ao novo organismo.

[...] ele vai considerar elemento-chave do processo de inovação e modernização da sociedade que em alguns contextos ele denomina processo de inovação e modernização da sociedade que em alguns contextos ele denomina processo revolucionário. Portanto, para ele, a educação aparecia como elemento-chave no processo revolucionário (SAVIANI, 2013, p. 248).

Diante de um pensamento reacionário surge o questionamento entre duas vertentes: se acaso reformar a escola ou formulá-la a um retrocesso seria o caminho mais viável para fugir da crise de conduta e de caráter instaurada. Na atual conjuntura capitalista, as defasagens recaem sobre a educação, o que para estas antigas facetas não seria novidade culpabilizar a escola. Para refutar a ideia de que o espaço escolar corrompa o meio social, Teixeira (1971), expõe uma nova perspectiva visionária de educação, salientando que a teoria dos educadores propõe ajustes simultâneos.

Nesse aspecto, necessita reverter a novas concepções e o que venha a estar em continuidade seja a reconstrução do ensino, reajustada a dinâmica da vida social.

O industrialismo que predomina o mundo moderno e os meios de comunicação e a natureza da civilização moral e social, está voltada na experimentação científica consagrando um notório movimento de reconstrução. As três tendências que demarcam o processo dessa evolução, são o método experimental, o industrialismo e a democracia. No propósito de romper com os antigos dogmas de dominação, seguidos de ordem autoritária e obediente, as três diretrizes citadas apresentam com a aplicação da ciência a visão de um novo homem, que detém conhecimento próprio, repleto de particularidades específicas vitais. “Em cada época, a consciência social dos problemas educacionais revela-se na escola por sua organização, formas de trabalho e transformações que a ajustem a novas situações e novos fins sentidos como desejáveis” (FILHO, 1978, p. 18).

O Manifesto educacional foi originado das discussões ocasionadas na IV Conferência Nacional em 31 de dezembro de 1931 no Rio de Janeiro estava afim de estabelecer uma visão para a nova política educacional. Esse documento público sensibiliza por ser o levantamento de uma bandeira inovadora, sendo uma inspiração para sua objetividade de:

[...] desenvolver um esforço metódico, rigorosamente animado por um critério superior e pontos de vista firmes, dando a todos os elementos filiados à nova corrente, as normas básicas e os princípios cardeais para avançarem com segurança e eficiência nos seus trabalhos (AZEVEDO, 2010, p. 24).

Acerca da consciência dos levantamentos críticos que viessem a beneficiar o país e minimizar os dilemas nacionais, Azevedo (2010) afirma que nos anos de 1920 e 1930 do século XX,

O Manifesto dos pioneiros representa uma das páginas mais vibrantes da história educacional brasileira. Educadores e pensadores como Fernando de Azevedo, Anísio Teixeira, Lourenço Filho, Almeida Júnior, Paschoal Lemme e tantos outros, figuram entre os seus signatários. Ele definiu e propôs uma nova política de educação que, infelizmente, a ditadura e os anos autoritários da época impediram de seguir adiante e se converter em política pública (AZEVEDO, 2010, p. 102).

Em continuidade a essa passagem de reivindicações, a retomada dessa luta se instaura com a iniciativa do Manifesto dos educadores mais uma vez convocados de 1959<sup>9</sup>. “Esse documento, lançado ao povo e ao governo 25 anos depois, reafirma os princípios de 1932 e conclama o país à luta por uma educação pública de qualidade para todos” (AZEVEDO, 2010, p. 102). Meados dos anos quarenta com o fim da ditadura, alguns dos pioneiros se juntaram para elaborar uma Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Tal projeto foi direcionado ao Congresso Nacional, mas, somente remeteu-se a polêmica por volta dos anos de 1950, no embate entre escola pública e privada.

No momento em que o país encontrava-se regido pela ditadura com o presidente Getúlio Vargas há fatores memoráveis como a determinação da Constituição Federal de 1937 e do Estado Novo que intercederam para a interrupção do andamento do movimento educacional dos pioneiros dos anos de 1920 e 1930, e que vieram a retornar apenas em 1945 com a redemocratização do Brasil (AZEVEDO, 2010).

Lemme (2005) em *O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira* elucida que no processo de modernização do ensino público e os ideários das reformas em destaque como uma das principais renovações foi a conceituada “Reforma Fernando de Azevedo” ocorrida em 1927-1930. “Dela resultou a elaboração de um verdadeiro código moderno de educação, o que se verificava pela primeira vez no Brasil” (LEMME, 2005, p. 168), sendo referência para a história da educação. No que tange as incumbências do movimento de modernização da educação, de acordo com Lemme (2005, p. 168) “[...] essa legislação foi aprovada pelo Decreto nº 3.281, de 23 de janeiro de 1928, e complementada por um regulamento que constava de 764 artigos, baixada pelo Decreto nº 2.940, de 22 de novembro de 1928”.

Lemme (2005) comenta que os educadores brasileiros por aderirem a ênfases mais progressistas sentiram necessidades de buscar uma organização didática, na finalidade de repensar os processos e métodos de ensino e assim propor mudanças a serem revigoradas. Um movimento conhecido como ‘Escola Nova’ ou ‘Escola Ativa’ que pregava a criança como a centralidade na atividade escolar, inspirado na

---

<sup>9</sup> O Manifesto dos educadores insiste na relevância da educação pública para o desenvolvimento da democracia em nosso país”. (AZEVEDO, 2010, p. 103).

psicologia infantil, ocorrido em vários países do mundo incentivaram os educadores brasileiros através de suas fontes teóricas.

A Reforma Fernando de Azevedo favoreceu maior estímulo a literatura que até então permanecia apagada, desconhecida, com o surgimento do trabalho de autores brasileiros renomados que buscavam salientar a respeito da Escola Nova. Uma educação nova como prática, distanciando de abstrações com reação categórica, intencional e sistemática contra a velha estrutura de serviço educacional.

Nesse sentido, devido a proporção representativa da Associação Brasileira de Educação (ABE) incumbida de liderar esses movimentos reformadores e realizar cursos, palestras, debates e conferências, o autor Lemme (2005) a enaltece por deter considerável notoriedade na história educacional do Brasil. Aliás, em 1927 houve a abertura das Conferências Nacionais “[...] em várias das capitais dos estados brasileiros, onde eram debatidos os mais importantes problemas referentes à educação, ao ensino e à cultura do País” (LEMME, 2005, p. 169).

Como ponto de partida no decorrer dos fatos do movimento renovador dos intelectuais tem-se a Revolução de 1930. Momento em que ocorre a posse do presidente Getúlio Vargas e o começo da Segunda República ou República Nova, há a criação do Ministério da Educação e da Saúde pelo Governo Provisório Revolucionário, inclusive, sendo esta uma proposta idealizada pelos educadores e intelectuais. Lemme (2005, p. 171) complementa:

Em 18 de abril de 1931, pelo Decreto nº 19.890, é totalmente reorganizado o ensino secundário, em moldes modernos, terminando assim o antigo regime dos “exames parcelados” ou dos “preparatórios”. Era essa também uma das reivindicações mais insistentes dos reformadores do ensino brasileiro.

Mesmo diante de tais decisões, devido a insistência dos problemas relacionados ao ensino do 1º e 2º graus, os educadores da ABE (Associação Brasileira de Educação) em uma de suas Conferências Nacionais, impulsionam de certo modo o governo federal a tomarem medidas mais assertivas quanto aos impasses educacionais. Cabe ressaltar que, dessa IV Conferência com a presença do chefe do Governo Provisório Getúlio Vargas resultou no aprimoramento de estudos e pesquisas através da abertura de níveis estatísticos acerca das reais decadências e necessidades da educação (LEMME, 2005). Uma seguinte iniciativa da Conferência deu entrada a elaboração de um importante documento que ainda assim, após

controvérsias e a retirada dos educadores católicos ao refutarem a ideia foi aprovado em março de 1932, o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova como já apontado.

E com relação aos desejos da vivência civilizacional Lemme (2004) argumenta, condizente ao caminho traçado por esses educadores que declamavam os direitos, progressos ao se manifestarem a favor da educação, sobretudo de uma nação:

[...] somente uma sociedade verdadeiramente democrática pode proporcionar educação completamente democrática, ou melhor, não há educação democrática sem sociedade democrática. O caráter da educação resulta do caráter da sociedade que a ministra e não o contrário, como ainda hoje pensam muitos educadores e pessoas mais ou menos desprevenidas. A educação, a instrução, a cultura são funções da sociedade, e não o contrário (Lemme, 2004, p. 137).

Em consonância, a evolução educativa e os demais fatores determinantes sociais como os valores, inclusos a moralidade, a cultura os quais dependem do modo em que a sociedade se encontra, uma vez que, o regimento civilizacional reflete nas concepções que a edificam e esboçam o conceito de cidadania em prol da efetivação desses princípios. Vinte e cinco figuras representantes desse embate político moderno contestaram a elaboração de um documento, que foi efetivado com a Revolução de 1930.

Lemme (2004) ressalta sobre a vitalidade de documento em um dado momento histórico que para sua concreta realização contou com importantes participações inspiradas a renovar a vida da nação brasileira. Para tanto, entre algumas figuras contempladas estão em específico: Anísio Teixeira, Fernando de Azevedo, Paschoal Lemme, Lourenço Filho, Nóbrega da Cunha, entre outros.

O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova (1932), redigido por Fernando de Azevedo, documento único da história da educação brasileira, no qual se traçavam as diretrizes para a educação e o ensino no país, a serem adotadas pela Revolução de 1930. Subscrito por um grupo dos mais eminentes educadores e intelectuais, mantém até hoje sua validade (LEMME, 2004, p. 169-170).

A respeito de algumas atribuições desse documento redigido em dez tópicos resume-se que baseado numa educação integral, incute considerar as especificidades dos indivíduos suas capacidades são jamais comparadas por classe econômica. Objetiva o rompimento de conflitos e que o homem assim como os direitos que lhe

são concedidos, deveres são cabíveis a serem cumpridos como o trabalho, a cooperação e a solidariedade (LEMME, 2004).

Lemme (2004, p. 172) evidencia na sequência das características do documento referido, “[...] a educação deve ser um direito de todos, de acordo com suas necessidades, aptidões e aspirações, dentro do princípio democrático da igualdade de oportunidades para todos”. Em continuidade também descreve a unicidade e a obrigatoriedade do ensino até certo nível, quanto a organização dos sistemas de educação adotarão ao critério da descentralização. Os professores requerem trabalhar em um espaço de unidade, a fim de promover ação conjunta, consciente e responsável.

Nesse seguimento, “[...] os educandos e o povo em geral; para isso, devem receber remuneração condigna, para que possam manter a necessária eficiência no trabalho, a dignidade e o prestígio indispensáveis ao desempenho de sua missão” (LEMME, 2004, p. 173). Para finalizar, menciona a importância de se colocar em primeiro plano a problemática da educação, e assim sendo, entender que a evolução do sistema cultural, está intrínseco ao sistema econômico e produtivo, assim sendo, o desenvolvimento de uma força depende da outra para somar as demandas da sociedade.

Dessa maneira, na descrição do esboço do documento supracitado referente a visão do autor Lemme (2004), é primordial refletir sobre os dilemas que cercam o Brasil mesmo décadas após sua publicação os indícios do estado caótico do ensino brasileiro tornam-se cada vez mais preocupante, como a baixa renda dos povos menos favorecidos e por outro lado, o aumento do rendimento das classes mais abastadas em face de expressar a divisão das classes, bem como, a realidade dos altos índices de desemprego são apontamentos a serem reavaliados, ao conceder em sua conjuntura ações antidemocráticas.

Na discussão acerca da retomada dos pensamentos progressistas/liberais, tornou-se necessário abordar os trâmites que suscitaram a elaboração da primeira lei de diretrizes e bases da educação brasileira, a qual esteve relacionada à implantação de um sistema nacional de ensino. Quanto ao surgimento da organização do sistema de ensino, existem fatores nesse meio termo a serem analisados no que diz respeito a inserção participativa dos educadores e suas implicações para civilização brasileira. De 1948 a 1961 foram treze anos de debates e conflitos sobre quem deveria traçar

as diretrizes e bases da educação. Para se relacionar com os apontamentos políticos a serem argumentados, Carvalho (2012), cita sobre alguns fatos históricos contextualizados como a renúncia de Jânio Quadros ao cargo de presidente, a atuação do então vice João Goulart o qual assume o poder, e entre as suas propostas das reformas de base estavam a eleitoral, a bancária, a educacional e a agrária.

Com o planejamento da primeira LDB, após a Constituição Federal de 1934, 1937 e 1946, pretendeu-se, afinal, dar unidade à organização dos sistemas de educação. Em 1948, com a criação do anteprojeto apresentado pelo Ministro Clemente Mariani essa proposta gerou a abertura para novas transformações e com elas ocasionou controvérsias, dentre as partes envolvidas que serão tratadas a seguir. Para tanto, integrado aos ideais de reforma e renovação havia um grupo formado por educadores constituído por Mariani, tendo a orientação de Lourenço Filho (CARVALHO, 2012).

Décadas marcadas por conflitos dos educadores progressistas ou liberais em confronto ideológicos com os educadores católicos ou conservadores e se estenderam com demais ocorrências na luta por interesses e resoluções. Denota-se a pertinência do Manifesto dos Pioneiros em desvelar a luta incansável pela igualdade, justiça, assim como, o Manifesto dos educadores insiste na relevância da educação pública para o desenvolvimento da democracia em nosso país. Em decorrência das transformações sofridas ao longo das épocas, a educação necessita adequar-se para atender às novas demandas da vida em sociedade, sendo elas políticas, socioeconômicas e culturais vigentes.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Na primeira seção caracterizada como *Introdução* elucidou-se o tema, objetivos, problema, justificativa, método e metodologia, bem como a estrutura da pesquisa com sua revisão bibliográfica. Na segunda seção que recebeu o título *A importância dos conteúdos históricos para Lobato* é abordado a interpretação descritiva de suas obras, em destaque, “*Os Doze Trabalhos de Hércules*” (LOBATO 2017; 2018) e “*O Minotauro*” (Lobato 2020), com o intuito de discutir a importância histórica da mitologia grega expressada pelo autor em suas fontes literárias.

A terceira seção intitulada *A Educação para Lobato na perspectiva das obras* analisa a intenção de Lobato (2018) ao privilegiar a educação por meio de Hércules. O herói com uma força exacerbada, repleto de bons sentimentos representará um ideal educativo entre os princípios físicos e emocionais, o anseio pela sabedoria do mundo moderno. Busca-se, de forma breve, descrever os personagens, elucidando o panorama geral da obra em questão. Para isso, então, faz-se necessário analisar se a educação apresenta um caráter formativo para as crianças brasileiras daquele contexto histórico. Com isso, portanto, é possível intensificar na modernidade uma nova visão de herói, educado para a guerra, mas, com essência de virtudes expressivas aliadas à força física.

Na quarta seção, denominada *Proposições de Lobato acerca da cultura Grega clássica* apresenta-se sobre a definição de sabedoria para os tempos modernos ao se deparar com a personagem Emília e seus companheiros do Sítio do Picapau Amarelo. O herói encontra-se mais propício a aprender e não apenas partilhar de seus conhecimentos e experiências vivenciadas ao longo de sua trajetória heróica. Diante disso, a proximidade com o herói permite remodelar conceitos estagnados na Antiga Grécia como a bravura, a coragem e a justiça no contexto histórico. O texto evidencia o cidadão que está em formação em um período de lutas e reivindicações de melhorias da civilização brasileira.

Até a chegada da quinta e última sessão elencada como as Considerações Finais que trata a respeito da conclusão de todo o trabalho, abordou-se com maior aprofundamento sobre o contexto histórico, social, econômico e político do Brasil no período entre 1930 e 1940, e a busca pela renovação de ensino com os movimentos dos educadores progressistas. A partir do objetivo e da problemática motivadora desta

pesquisa, buscamos, então, discutir os motivos pelos quais Monteiro Lobato exalta a cultura grega clássica, em especial, na literatura infanto-juvenil. Com respaldo no movimento escolanovista, a proposta lobatiana objetiva com os clássicos, uma leitura que possa ensinar e não apenas divertir. Relaciona, assim, a junção dos conteúdos escolares contidos em suas obras em prol de uma formação integral.

As obras infantis de Lobato ao recorrerem a história para tratar dos interesses e especificidades da criança seria um recurso didático para enxergar a realidade tal como é, não uma fuga do estado de materialidade, mas um enfrentamento dos conflitos para que as crianças entendam e decidam seus gostos literários assim como questões que refletem a vivência em sociedade. Para tanto, a importância de Lobato na formação da criança está norteadada na apresentação e conhecimento dos clássicos ao desvencilhar de uma educação alienadora própria da década de 1930 e 1940, sendo o suporte para um desenvolvimento integral.

Na percepção da arte literária de conhecer histórias, pressupõe ser ela tudo que o ser humano vê, promovendo uma reflexão capaz de provocar encantamento. Arte é um conceito que não se esgota e a literatura pode ser ressignificada como um trabalho artístico com as palavras que ofereçam possibilidade de despertar sentimentos em quem lê, ouve ou compartilha uma leitura didática. Contudo, a Literatura só é considerada de tal modo, se provocar reflexão e sensibilidade em seus receptores.

A Literatura Infanto-juvenil, por meio dos clássicos, tem como função formadora no sujeito a construção de conceitos e valores, e adentra na produção da pesquisa e incentivo à ciência a partir da perspectiva de que o ser humano tem necessidade da fantasia, de tudo aquilo que o tira da realidade, sem descartar de sua significativa discussão quando o assunto é civilidade para a prática da vivência humana.

Referente à fuga da realidade, corresponde a preparação, para, posteriormente, entendê-la e, sobretudo, superar as dificuldades e supostos empecilhos do mundo moderno frente à educação e sociedade. No pensamento fantasioso, a realidade prevista, se torna diferente do que a pessoa sonha para a vida e na Literatura ela encontra o que deseja para si. As histórias, tanto as narradas, como as lidas ou ouvidas, são uma forma de as pessoas se aproximarem de seres e situações longínquas, estabelecendo, assim, relações coletivas com vínculos afetivos.

Percebeu que Monteiro Lobato ousou ser revolucionário, buscando melhorias para o ramo literário que estava inconsistente. Seu descontentamento provinha da real condição econômica, política e intelectual frente a livros infantis que não somavam ao crescimento pessoal do público-leitor em nível nacional, como relata em sua obra minuciosa *A Barca de Gleyre* (1959).

Devido a preocupante edições literárias as quais tinham acesso, Monteiro Lobato estabelece sua proposta literária infanto-juvenil em meio ao desagrado de forma sucinta, partilhada. Isso tudo o motivou a valorizar a centralidade do sujeito. Pensar em uma educação formadora e integrada é estar centrado no leitor ou aluno que irá se formar, além da diversão e liberdade, mas há visão do lado crítico da realidade vigente do país desencadeados a décadas. Por isso, integra-se a relevância em avaliar o preparo das crianças, o espaço de aprendizado, e os conteúdos escolares condizentes com a corrente pedagógica escolanovista. E desse modo, o ser em construção possa estar consciente do desencadeamento social, político, econômico do ambiente social inserido.

Em suma, consolidou-se a importância de não apenas trazer à prática docente a convivência intelectual com estas produções literárias, mas, recomendá-las aos alunos, de modo a elevar um conhecimento do autor e da obra em si. E o leitor poderá refletir sobre o revisitar do passado a fim de investigar os contextos sociais, políticos e econômicos de determinado período histórico para uma contribuição enquanto pesquisa.

Considera-se que instigar as crianças a um desvelamento das obras clássicas seria um instrumento didático de despertar o prazer pela leitura, conforme a faixa etária correspondente dos discentes, isto é, seja orientado pela oralidade, pelo lúdico, pelo teatro, pelo ato de experienciar ou estimular o estudante a aprendizagem. Para isso, o professor necessita recorrer a diversos recursos que venham a transformar o cenário educativo, possibilitando um espaço de entretenimento, sobretudo, de humanização.

A leitura, análise e contação de histórias permitem experienciar uma amplitude de possibilidades para além da pesquisa em determinado período histórico, mas percorre campos acadêmicos e profissionais. Cada criança tem seu pensamento da obra que ouviu ou leu, fator preponderante para tornarem os seres humanos em pensadores críticos, refletindo sobre atitudes junto a possibilidade de conhecer a si

mesmo no momento de identificação com personagens, a visão de se colocar no lugar do outro. A literatura não corrompe e nem incentiva, faz viver, originando a proximidade da vivência humana no alcance do desenvolvimento do intelecto no que diz respeito ao aspecto cognitivo e emocional.

Mediante as exposições, foram realizados apontamentos históricos como a época do apogeu da economia cafeeira com a burguesia, episódio revolucionário em meio às reivindicações da classe média, no qual os confrontos se fizeram no intuito de romper com a existência de um ideal dualista na revolução. Para tanto, utilizou-se autores comentadores como Teixeira (1955; 1971), Fausto (1971); Lemme (2004; 2005), Azevedo (2010), Carvalho (2012) e Saviani (2013) que pontuaram sobre o contexto histórico, político e econômico do país, suscitando os acontecimentos das décadas de 1930 e 1940.

A formação do homem ideal foi superada pela necessidade de se garantir na escola, com segurança e eficácia, o desenvolvimento individual do aluno. Corrobora-se, afinal, que a importância de Lobato na formação da criança pode ser compreendida quando o modelo de homem supera os padrões antigos e tradicionais, arcaicos, submetidos à perfeição. Isto foi analisado no herói Hércules, que demonstrou ser um indivíduo com defeitos e fragilidades rumo à transformação social ao ver no homem moderno, expresso em Pedrinho, a revelação da prudência, sabedoria e coragem.

Os estudos clássicos da Antiguidade estão presentes na obra infanto-juvenil no critério de análise da formação integrada entre a Antiguidade e Modernidade, os valores verificados pela força passada pela figura dos heróis e pelos ensinamentos das personagens dos clássicos. As intencionalidades ao privilegiar esses conteúdos fundamentados formam cidadãos ativos, críticos e responsáveis, que obtenham formação, preparados para o mundo do trabalho, exercendo seu posicionamento político, sem desvirtuar a veracidade dos fatos.

Percebe-se, então, diante de todas as especificidades atribuída às personagens corresponde ao alcance da proposta de Lobato, que ler para entreter, sobretudo, é ensinar a sair da zona de passividade, alienação para que a imaginação atinja a consciência e faça refletir sobre os conflitos, de modo a permitir à criança lidar com as situações da vida real. A insistente confiança dos personagens Pedrinho,

Emília e Visconde no herói, entendendo sua educação bruta, o incentivando a melhor utilizar o pensamento racional e o emocional na concretização de seus trabalhos.

Monteiro Lobato é capaz de compreender a condição da personagem não se referindo a um perfil específico do indivíduo em sociedade, mas pertencente a um contexto geral. Na pretensão de posteriormente modelar o herói, faz-se o elo entre o mundo antigo e o atual, por isso, utiliza os personagens para a reflexão de Hércules sobre suas atitudes e virtudes. Sentimentos é nato ao herói, mas há questões comportamentais que necessitam ser trabalhadas, ou seja, revista pelo herói.

Lobato (2018) chama a atenção para o direcionamento de novos olhares, utilizando as obras clássicas, como instrumentos para uma aprendizagem importante, mas também, prazerosa, desvencilhando de uma ideologia de disciplinas maçantes. Portanto, no enredo da fantasia e da diversão, a criança passa a se deparar com circunstâncias relacionadas e reconhecidas em sua vivência humana, política e social. Em Monteiro Lobato, o sonho infantil se tornou uma realidade transformadora, a fim de que a educação não seja esvaziada de conteúdos de história, geografia e matemática.

A proposta lobatiana na introdução destes conteúdos de formação, a partir dos clássicos é defender a educação moral, intelectual e física. Conhecer a cultura, as tradições do povo grego, os ensinamentos, a literatura por si na leitura das obras recebem este papel de aspecto formativo geral, salientando a relevância de uma educação formal no desenvolvimento do homem, quando associado a um ensino instigador.

A pesquisa percorreu a questão da integração da criança junto a uma sociedade que estava em constante crescimento e mudança, haja vista, o processo de urbanização dos grandes centros. Salientou dentre as contextualizações, a necessidade de os materiais didáticos estarem em consonância com a proposta de educação moral e cívica da época. Preocupou-se em relacionar sobre a preparação dos cidadãos brasileiros para o regime político republicano com ideais de instrução e moralização, atrelados a sentimentos nacionalistas e patrióticos. Na década de 1930, o currículo das ciências humanas estava muito presente, mas, por outro lado, o currículo das ciências exatas também era necessário para dar a formação integrada ao homem. Conclui-se, portanto, numa concepção pedagógica, como possibilidade de

pesquisa a busca pela formação integrada da criança ao desenvolvimento emocional e cognitivo por meio do conteúdo abordado nos clássicos lobatianos.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, João Ferreira de. **A Bíblia da Mulher: leitura, devocional, estudo.** 2ª ed. Barueri, SP: Sociedade Bíblica do Brasil, 2014.

AGUIAR, Márcia Ângela da S.; DOURADO, Luiz Fernandes. BNCC e formação de professores: concepções, tensões, atores e estratégias. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, CNTE, v.13, n. 25, jan./maio 2019, p. 33-37. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/990/pdf>. Acesso em: 28/01/2023.

ALBINO, Ângela Cristina Alves e SILVA, Andréia Ferreira da. BNCC e BNC da formação de professores: repensando a formação por competências. **Revista Retratos da Escola**, Brasília, v. 13, n. 25, jan./mai. 2019. p. 137-153. Disponível em: <http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/966/pdf>. Acesso em: 13/12/2022.

AMARAL, Roseli Gall; PEREIRA MELO, José Joaquim. A FORMAÇÃO DO HOMEM IDEAL: O HERÓI GREGO E O CRISTÃO. In: Seminário de Pesquisa do PPE, 2008, Maringá. **Anais do Seminário de Pesquisa do PPE.** MARINGÁ: Huma Multimídia, 2008, p.01-09.

ASSUMPÇÃO, Luis Filipe Bantim de. A Hélade no período clássico, entre o imperialismo ateniense e a hegemonia espartana - um estudo conceitual. **III Encontro Nacional de Estudos sobre o Mediterrâneo Antigo: novas perspectivas sobre as práticas imperialistas na Antiguidade**, 2011, p.167-180.

CALVINO, Italo. **Por que ler os clássicos.** Editora São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

**CURRÍCULO LATTES DA CNPq.** Disponível em: <https://lattes.cnpq.br> Acesso em: 30/01/2023.

DEWEY, John. **Democracia e educação: introdução à filosofia da educação.** Tradução de Godofredo Rangel e Anísio Teixeira. 4. ed. São Paulo: Ed. Nacional, 1979.

EVANGELISTA, Olinda. Faces da Tragédia Docente no Brasil. In: **XI Seminário Internacional da Red Estrado**, 2016, México DF. Anais do XI SEMINARIO INTERNACIONAL DE LA RED ESTRADO. México-DF: RED ESTRADO, 2017. v. 1. p. 1-21. Disponível em: [http://redeestrado.org/xi\\_seminario/pdfs/eixo3/68.pdf](http://redeestrado.org/xi_seminario/pdfs/eixo3/68.pdf). Acesso em: 15 fev. 2023.

FAUSTO, Boris. **A Revolução de 1930: História e Historiografia.** 13ª ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1970.

FILHO, Lourenço. **Introdução ao Estudo da Escola Nova.** 12. ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

GASPARIN, João Luiz. Fundamentos históricos e filosóficos da didática. In: ALTOÉ, Anair et al. **DIDÁTICA: processos de trabalho em sala de aula**. 2 ed. Maringá: Eduem, 2010, p. 13-29.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2002.

HAGUETTE, André. **Racionalismo e empirismo na sociologia**. 2013.

HEILBRONER, Robert. **A História do Pensamento Econômico**. (Os Economistas). São Paulo: Ed. Nova Cultural. 1996. 319 p.

HOMERO. **Odisseia**. Tradução e prefácio de Carlos Alberto Nunes. (Saraiva de bolso) – [Ed. especial]. - Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2011.

JAEGER, Werner. **Paideia: a formação do homem grego**. Trad. Artur M. Parreira; [adaptação do texto para a edição brasileira Monica Stahel; revisão do texto grego Gilson César Cardoso de Souza]. 2003.

KRAUSS, Liliane. **A barca de Gleyre: estilo e criação literária nas cartas de Lobato a Rangel'** 01/10/2007 111 f. Mestrado em LITERATURA E CRÍTICA LITERÁRIA Instituição de Ensino: PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO, SÃO PAULO Biblioteca Depositária: PUC/SP.

KOTHE, Flávio René. **O herói**. 2ª.ed. São Paulo: Ática, 1987.

LAJOLO, Marisa e Zilberman, Regina. **Literatura Infantil Brasileira: Histórias e Histórias**. 7ª. Imp. São Paulo: Editora Ática, 2007.

LEMME, Paschoal. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova e suas repercussões na realidade educacional brasileira. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 86, n. 212, p. 163-178, jan./abr. 2005.

LEMME, Paschoal. MANIFESTO DOS EDUCADORES DEMOCRATAS EM DEFESA DO ENSINO PÚBLICO (1959). In: LEMME, Paschoal. **Memórias de um educador: estudos de educação, participação em conferências e congressos**. Documentos. Brasília: Inep, 2004. 2ª Edição. p. 211 a 224.

LEONEL, Zelia. PARA LER OS CLÁSSICOS. LIÇÕES DE MONTAIGNE. **InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS**, v. 4, n. 8, 1998.

LOBATO, Monteiro. A Barca de Gleyre. 2º Tomo. São Paulo: Brasiliense, 1959.

LOBATO, Monteiro. **Os Doze Trabalhos de Hércules**. Volume 1. – 2 ed. – São Paulo: Globinho, 2018.

LOBATO, Monteiro. **Os Doze Trabalhos de Hércules**. Volume 2. – 2 ed. – São Paulo: Globinho, 2017.

LOBATO, Monteiro. **O Minotauro**. Jandira, SP: Ciranda Cultural, 2020.

MACHADO, Maria Cristina Gomes. **Reinações de um escritor: Monteiro Lobato**. Mestrado em Educação, Universidade Estadual de Maringá, 1993.

MARROU, Henri Irénée. **História da educação na antiguidade**. Tradução do Prof. Mário Leônidas Casanova. São Paulo, E.P.U., Ed. Da Universidade de São Paulo, 1973.

MARTINELLI, Laís Pacifico. **Monteiro Lobato e a educação: da crítica à produção de uma nova literatura infantil brasileira**. 2014. Tese de Doutorado. Dissertação (Pós-graduação em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Maringá.

MORETTI, Vanessa Dias e MOURA, Manoel Oriosvaldo de. **A Formação Docente na Perspectiva Histórico-Cultural: em busca da superação da competência individual**. Psicologia Política. Vol. 10. No 20. p. 345-361. JUL. – DEZ. 2010.

MOURA, Manoel Oriosvaldo; *et al.* **A atividade orientadora de ensino: unidade entre ensino e aprendizagem**. Rev. Diálogo Educ., Curitiba, v. 10, n. 29, p. 205-229, jan./abr. 2010.

MURARI, Juliana Cristhina Faizano. **As epopeias homéricas: uma reflexão sobre poesia e educação**. 119 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Maringá. Orientador: José Joaquim Pereira Melo. Maringá, 2011.

MURARI, Juliana. Cristhina; AMARAL, Roseli Gall do; PEREIRA MELO, José Joaquim. Objetivos e características da Educação Homérica: Uma Reflexão sobre o Conceito de Areté. In: IX Congresso Nacional de Educação-EDUCERE-III Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, 2009, Curitiba. **Anais do Congresso Nacional de Educação**, 2009.

MURARI, Juliana Cristhina; PEREIRA MELO, José Joaquim. A Problemática das Epopeias Homéricas: uma reflexão sobre as possibilidades de sua abordagem nas pesquisas historiográficas. **VIII Jornada de Estudos Antigos e Medievais**. Maringá: UEM, 2009, v. 1, p.1-16.

MURARI, Juliana Cristhina; PEREIRA MELO, José Joaquim. A Poesia Homérica como Instrumento Educador Fundamental na Grécia Antiga. In: Seminário de Pesquisa do PPE, 2009, Maringá. **Anais do Seminário de Pesquisa do PPE**. Maringá: UEM, 2009. v. 1. p.1-13.

NAGEL, Lizia Helena. **Dançando com os textos gregos: a intimidade da literatura com a educação**. – Maringá, PR: Eduem, 2006.

PEREIRA MELO, José Joaquim. Homero e a Formação do Herói. In: Terezinha Oliveira; José Joaquim Pereira Melo. (Org). **Pesquisas em Antiguidade e Idade Média: Olhares Interdisciplinares**. 1 ed. São Luiz do Maranhão: Editora UEMA, 2008, v. 2, p.177-186.

PEREIRA MELO, José Joaquim. Fontes e Métodos: Sua importância na Descoberta das Heranças Educacionais. In: COSTA, Célio Juvenal; PEREIRA MELO, Joaquim

José; FABIANO, Luiz Hermenegildo (Org). **Fontes e métodos em História da Educação**. 1 ed. Dourados: UFGD, 2010, v. 1, p.13-34.

OLIVEIRA, Terezinha. A piedade e o respeito em Tomás de Aquino: virtudes para a vida cidadina do século XIII. **Notandum**, São Paulo/Porto, n.24, p. 79-98, set.-dez, 2010.

OSÓRIO, Jorge Alves. **O Humanismo**: a intersecção da história cultural com a história literária. 2013.

ROUSSEAU, Jean-Jacques. **Emílio ou da Educação**. Tradução de Sérgio Milliet. 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995.

SAVIANI, Dermeval. **História das Ideias Pedagógicas**. - 4. ed. - Campinas, São Paulo: Autores Associados, 2013. - (Coleção memória da educação).

TEIXEIRA, Anísio. Ciência e humanismo. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**. Rio de Janeiro, v.24, n.60, p. 30-44, 1955. Disponível em: <http://www.bvanisioiteixeira.ufba.br/artigos/ciencia2.html>. Acesso em: 28 mai. 2023.

TEIXEIRA, Anísio. **Pequena introdução à Filosofia da Educação**: A Escola Progressiva ou a transformação da escola. 6. ed. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1971.